NICOLA CHALTON & MEREDITH MacARDLE

A HISTÓRIA DO SÉCULO 20 PARA QUEM TEM PRESSA

TUDO SOBRE OS 100 ANOS QUE MUDARAM A HUMANIDADE EM 200 PÁGINAS!

valentina

A HISTÓRIA DO SÉCULO 20 PARA QUEM TEM PRESSA

NICOLA CHALTON & MEREDITH MacARDLE

A HISTÓRIA DO SÉCULO 20 PARA QUEM TEM PRESSA

Tradução
PAULO AFONSO

valentina
Rio de Janeiro, 2017
1ª edição

A meu pai, que nos encora ou, inspirou
e guiou na criação deste livro;
e em memória da minha querida mãe,
que tanto me a udou.

i ola Chalton

LISTA DE MAPAS

INTRODUÇÃO

Na chegada do ano 1901, muitas pessoas ainda viviam como seus ancestrais. A população mundial era de 1,5 bilhão de habitantes, e a maioria usava carvão ou madeira como combustível, produzia os próprios alimentos e vivia em comunidades rurais. A Revolução Industrial do século anterior trouxera os benefícios da luz artificial, da calefação, dos trens a vapor, do transporte motorizado e do telefone, mas somente para uma minoria abastada dos países ocidentais, então em desenvolvimento.

Alianças entre naç es ocorriam, principalmente, com propósitos de defesa militar. O colonialismo permitia que a cultura e a tecnologia do Ocidente se alastrassem pelo mundo   iniciando a tend ncia globalização característica do século 20 , mas criava relaç es desiguais entre as pot ncias e suas colônias, exploradas para a obtenção de matéria-prima e de mão de obra barata.

Os países industrializados europeus ingressaram no século 20 em meio a uma onda de otimismo em relação ao futuro. Dominavam o mundo política e economicamente. Seus avanços científicos e tecnológicos, somados aos benefícios proporcionados por seus impérios, prometiam-lhes um mundo cada vez melhor.

Na virada do século, no entanto, apenas homens privilegiados e um n mero ainda menor de mulheres podiam votar. Elas raramente tinham acesso a uma educação melhor; crianças e ovens não tinham voz; a sociedade apresentava nítidas divis es de classe; e o racismo era lugar-comum.

Muita coisa mudaria no século 20. Nenhum outro século amais presenciou um desenvolvimento tão rápido e disseminado, não só científico e tecnológico, como também social, político, econômico, médico e filosófico.

Este livro guiará o leitor pelos eventos complexos do século 20, contribuindo para a identificação de momentos decisivos, as causas sub acentes e os efeitos, que modelaram nosso mundo moderno.

Ao final do século, mudanças sociais, econômicas e políticas, decorrentes de turbulentos anos de guerras, haviam determinado que o velho mundo de reinos e impérios aristocraticamente controlados evoluísse para um mundo novo, dominado pelo comércio internacional e pelas alianças comerciais.

A Transfiguração do Velho Mundo

A riqueza da Europa fora consequ ncia da Revolução Industrial e da colonização de territórios ultramarinos. A Grã-Bretanha, a primeira nação a se industrializar, em fins do século 18, foi a pot ncia colonial e comercial dominante durante a maior parte do século 19. A industrialização brit nica se estendeu Bélgica e ao restante da Europa continental. Fora da Europa, uma rápida industrialização dos Estados Unidos seguiu-se Guerra Civil Americana (1861-5). O Japão também adotou os procedimentos industriais do Ocidente, concentrados em ferrovias, produção de t xteis e mineração, em uma tentativa de resistir ao domínio das pot ncias ocidentais.

Produção de t xteis, siderurgia, ferrovias e outras ind strias em crescimento necessitavam de matérias-primas, como algodão, ferro, borracha e petróleo; e também de mercado para seus produtos, o que levou muitas naç es comerciais a assumirem o controle de outros países, sob a forma de colônias. A onda imperialista do final do século 19, impulsionada pelo dese o de lucro e pela rivalidade entre naç es, desenvolveu-se mais na Inglaterra, que tinha a Índia como ponto central de seu império. Por volta do ano 1900, França, Portugal, Holanda e R ssia haviam formado importantes impérios coloniais ou mantinham controle político e econômico sobre determinados territórios. A Alemanha e a Itália surgiam como pot ncias emergentes no processo de estabelecer as próprias colônias, e o Japão, que alimentava ambiç es de se expandir comercialmente na China, constituía uma crescente força político-econômica na sia.

A industrialização criou prósperas classes médias e vastos contingentes de

mão de obra. Mas nem todos usufruíam a prosperidade econômica do período. No início do século 20, os trabalhadores viviam em habitaç es exíguas e insalubres, eram obrigados a cumprir longas ornadas em condiç es de risco, revoltavam-se contra seus ricos empregadores, exigindo melhores condiç es e um padrão de vida mais elevado. Na R ssia, isso culminaria com a revolução que derrubou o império tsarista.

Em 1914, a Primeira Guerra Mundial, resultado da rivalidade imperialista na Europa, destruiria a paz que permitira a expansão europeia, desmantelando impérios e substituindo antigos países por novos.

A Europa Flexiona os Músculos

As pot ncias ocidentais nutriam antigo interesse no comércio com a sia. A influ ncia portuguesa e, em seguida, holandesa na região seria eclipsada pelos brit nicos e franceses no século 18, com os brit nicos assumindo formalmente o governo da Índia em 1858. Os franceses controlaram a Polinésia na década de 1840, e a Indochina (Vietnã e Cambo a), a partir de 1887.

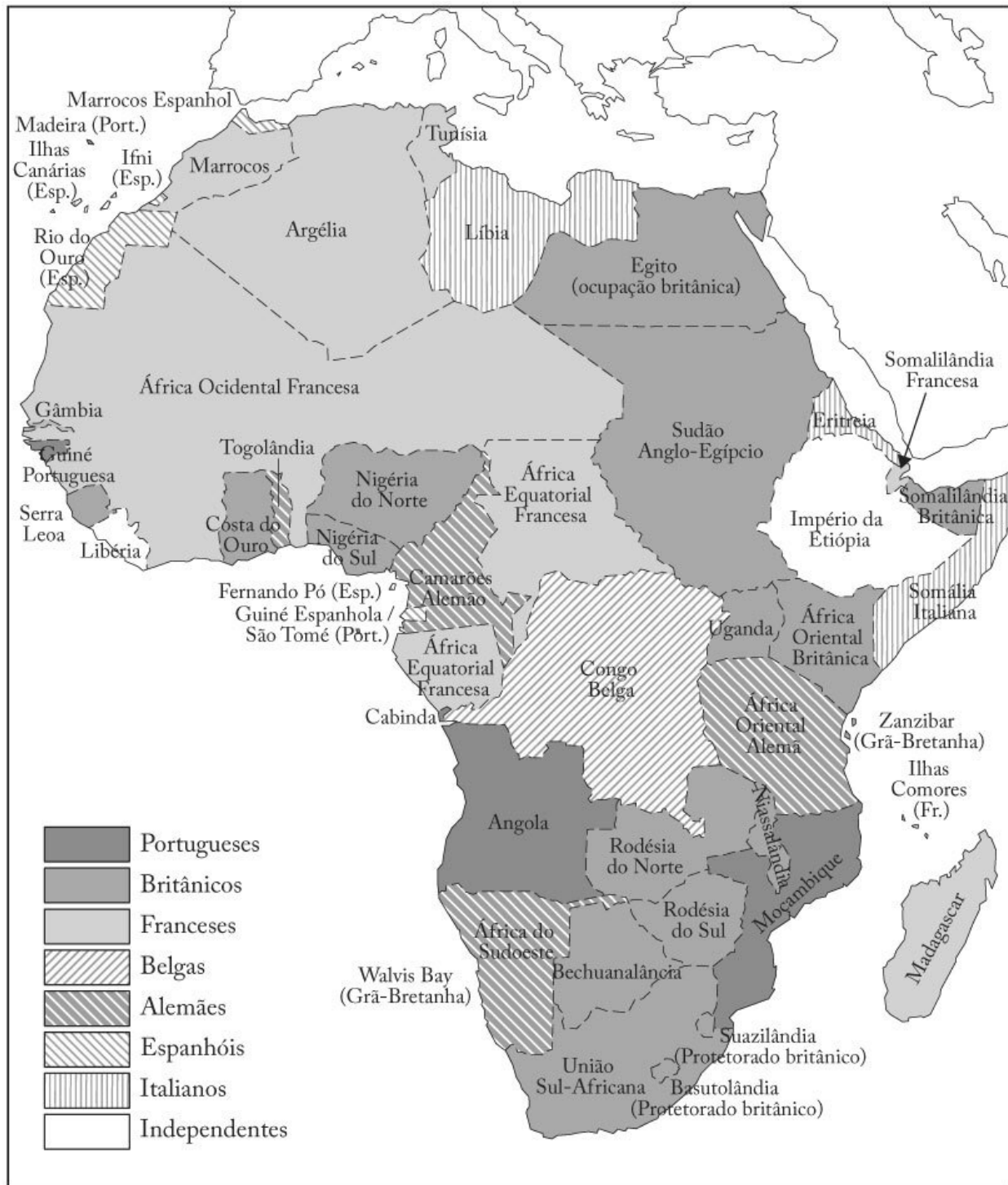
Os Estados Unidos, formados em 1783 por antigas colônias da Grã-Bretanha, eram, de modo geral, isolacionistas, preferindo não interferir nos assuntos de outros países. Entretanto, por motivos estratégicos, anexaria, em 1898, o grupo de ilhas que forma o Havaí e assumiria, após a Guerra Hispano-Americana (também em 1898), as seguintes possess es espanholas: Filipinas e Guam, no Pacífico, e a ilha caribenha de Porto Rico.

Entre 1878 e a deflagração da Primeira Guerra Mundial, em 1914, os impérios coloniais europeus cresceram rapidamente medida que os países rivais se apressavam em colonizar regi es subdesenvolvidas do mundo para se apossar de matérias-primas. A conquista da frica foi tão competitiva que ficou conhecida como Disputa pela frica . Além dos benefícios comerciais e econômicos, os europeus viam a colonização como um empreendimento nobre, que conduziria as naç es mais primitivas rumo a um modo de vida civilizado e cristão. Em 1914, a Europa controlava 85 das terras habitáveis do planeta.

Disputa pela África

Na década de 1880, o nico continente ainda pouco colonizado era a frica, o Continente Negro . Na época, o prestígio e os benefícios econômicos, políticos e estratégicos de controlar uma parte desse vasto território pareciam tentadoramente alcançáveis: vacinas haviam sido disponibilizadas para combater

doenças tropicais, um perigo bastante temido pelos colonizadores, e a invenção da metralhadora Maxim prenunciava vitórias fáceis nos combates contra populaç es nativas. Em vez de lutarem entre si, as pot ncias europeias promoveram uma confer ncia em Berlim (1884-5), idealizada pelo chanceler alemão Otto von Bismarck, e combinaram como repartiriam a frica.

Em 1914, 90 da frica estavam sob domínio europeu. A Grã-Bretanha e a França controlavam os maiores territórios. O Império Alemão era o terceiro maior beneficiário; Bélgica, Portugal e Itália também controlavam áreas significativas. As colônias africanas proporcionavam mão de obra barata, matérias-primas e ouro (no sul da frica), um mercado livre para os produtos europeus e um manancial de soldados africanos que lutariam nas futuras guerras mundiais. O Canal de Suez, no Egito, era de particular valor estratégico, pois assegurava o fluxo de comércio internacional entre o Oriente e o Ocidente. Mas a divisão do continente africano promovida pelos europeus, que desconsiderou grupos nativos e aboliu sistemas de governo preexistentes, acarretaria gravíssimos problemas mais tarde.

1 Em 1914, a Europa á havia colonizado a   frica

RULE, BRITANNIA!*

Ao longo do reinado da Rainha Vitória (1837-1901), o Império Brit nico, onde o sol amais se punha , estendia-se a tantas partes do planeta, que pelo menos

uma delas estava sempre luz do dia. Controlando mais de 20 da população mundial, foi o maior império da história, a primeira superpot ncia da era moderna.

_ Hino patriótico brit nico. *Britannia* ou Brit nia, em portugu s é um termo antigo e poético para designar a Grã-Bretanha. A expressão pode ser traduzida como Domine, Brit nia . (N.T.)

O tamanho e o sucesso do Império Brit nico deviam-se, em grande parte, poderosa Real Marinha Brit nica que dominava as rotas comerciais e assegurava postos avançados de comércio e sua primazia na Revolução Industrial, que lhe proporcionava as ferramentas para as conquistas e para a expansão: ferrovias, navios a vapor e armas automáticas.

A Grã-Bretanha lucrava com a importação de matéria-prima barata de suas colônias, tais como aç car, chá, tabaco e algodão (principalmente), este importado de suas ex-colônias na América do Norte. O algodão era tecido nas fábricas do país, dotadas de máquinas a vapor. Os tecidos de algodão acabaram suplantando os de lã, que, até então, eram a espinha dorsal da economia brit nica desde a época medieval. Os artigos de algodão produzidos na Grã-Bretanha inundaram o mercado mundial, pois eram mais baratos que os vendidos pela Índia e pelo Egito, países menos industrializados.

O Império Brit nico também prosperou com os lucros obtidos no tráfico de escravos africanos para os Estados Unidos até que a escravidão fosse abolida, em 1808, sob a pressão dos movimentos antiescravagistas.

uando a Rainha Vitória chegou ao poder, o império era mercantilista (estabelecia tarifas para garantir uma balança comercial favorável, em que as exportaç es superassem as importaç es), dominado por empresas comerciais monopolistas, como a Companhia das Índias Orientais. Mas, durante o reinado de Vitória, a economia da Grã-Bretanha se transformou, adotando uma política de livre-comércio (sem tarifas, cotas ou restriç es, tanto nas importaç es como nas exportaç es). Os vitorianos acreditavam que esse era o segredo para a prosperidade.

O TELEGRAMA DE KRUGER

a d ada de 0 durante a isputa pela fri a grandes azidas de ouro fora des obertas no Transvaal _ no sul da fri a afluxo de prospe tores brit ni os às reas aur feras in o odou os b eres _ des endentes de holandeses falantes de afri ner__ ue havia se transferido para a uela região o o intuito de es apar ao do nio brit ni o na Col nia do Cabo

rã-Bretanha ue via a rep bli a b er o o u a a eaça à sua supre a ia na região engendrou u plano para derrubar o governo do Transvaal ha ada n ursão a eson por fra assou levando o aiser uilher e da le anha neto da ainha it ria a enviar no dia de aneiro de u telegra a ao presidente do Transvaal aul ruger dizendo enho expressar inhas sin eras ongratulaç es ao senhor e ao seu povo por tere obtido su esso ontra os bandos ar ados verdadeiros perturbadores da paz ue invadira seu pa s se re orrer ao apoio de pot n ias a igas e o suas pr prias aç es en rgi as restaurando a paz e antendo a independ n ia do pa s

telegra a do aiser exa erbou tens es existentes entre a rã-Bretanha e a le anha e le brou aos brit ni os os ris os asso iados à sua pol ti a de espl ndido isola ento se te er nenhu ini igo e se pre isar de nenhu a igo rã-Bretanha udaria tal pol ti a logo depois aderindo a u siste a de alianças ue olo aria a uropa na rota da guerra

---

_ Região situada ao norte do rio Vaal. O nome significa além do Vaal , assim como, em Portugal, Alente o significa além do (rio) Te o . (N.T.)

_ Palavra de origem holandesa que significa fazendeiro ou agricultor . (N.T.)

__ Afric ner , ou afric nder, língua que derivou do holand s falado no século 17. Os termos designam também os falantes do idioma, sendo um sinônimo para bôer. (N.T.)

Esplêndido Isolamento, Nunca Mais

A Grã-Bretanha sub ugou os bôeres na Segunda Guerra dos Bôeres (1899-1902) e anexou suas rep blicas africanas, mas o conflito insuflou o nacionalismo dos afric ners, que decidiram tornar-se independentes da Grã-Bretanha. Abalados pelo conflito, os brit nicos começaram a temer pela segurança do seu império, assunto relevante, pois o mesmo tinha import ncia vital para a economia brit nica.

Em 1902, a Grã-Bretanha estabeleceu uma aliança militar com o Japão na época, a maior pot ncia do Extremo Oriente no intuito de fortalecer sua

influ ncia internacional e proteger o comércio brit nico na China. A aliança visava dar um golpe na R ssia, rival de ambos. A R ssia, que recentemente ocupara a estratégica cidade de Port Arthur, na Manch ria, pondo em risco os interesses comerciais dos brit nicos na China, tinha ambiç es na Coreia, considerada o quintal dos aponeses. Agora, a Grã-Bretanha e o Japão poderiam contar com apoio recíproco na eventualidade de uma guerra contra a R ssia ou qualquer outra pot ncia.

A Grã-Bretanha também procurou fazer amizade com a França, encerrando antigas disputas em acordos que ficaram conhecidos como Entente Cordiale (1904). Os acordos visavam oferecer segurança m tua no caso de uma guerra na Europa, sobretudo contra a Alemanha, grandemente fortalecida desde a sua unificação sob o domínio prussiano, em 1871.

Por volta de 1910, a capacidade manufatureira da Grã-Bretanha fora eclipsada pelos Estados Unidos e pela Alemanha. Em 1912, o Egito brit nico viu-se ameaçado pela expansão da Itália na Líbia. Uma década mais tarde, a Revolução Egípcia de 1919-22 o arrebatou do controle brit nico. Embora o Império Brit nico tenha continuado a expandir seus territórios até pouco depois da Primeira Guerra Mundial, a Grã-Bretanha não mais seria a maior pot ncia industrial e militar do mundo.

A China Imperial se Desintegra

A China era uma parte do mundo que escapara ao controle direto das pot ncias europeias. Mas a China Imperial, governada pela dinastia ing desde 1644 e centro de civilização por, pelo menos, dois mil nios, estava em declínio. As Guerras do pio (1839-42 e 1856-60), travadas contra a Grã-Bretanha, que queria liberdade para continuar seu comércio de ópio no país lucrativo mas nefasto , haviam lhe cobrado pesadas reparaç es, além da perda da ilha de Hong Kong.

A China também enfrentara uma sangrenta guerra civil (a Rebelião Taiping, 1850-64), sofrera perdas territoriais para a R ssia, tivera conflitos com a França no Vietnã, na década de 1880, e fora obrigada a suportar a rivalidade com o Japão no tocante Coreia.

Os europeus viram na China uma oportunidade de exploração comercial, mas a rápida penetração no império provocou uma violenta reação, a Rebelião dos Boxers (1899-1901), liderada por membros de uma sociedade secreta intitulada Punhos Harmoniosos e Justos (eram chamados de *boxers* pelos ocidentais, por seu estilo de lutar). Os *boxers* pretendiam acabar com a influ ncia ocidental na

China, inclusive com o trabalho dos missionários cristãos, visto como uma ameaça   milenar cultura chinesa. Nas palavras de um revolucionário: uando olho para o meu país, não consigo controlar meus sentimentos. Pois, além de termos a mesma autocracia vigente na R ssia, somos pisoteados há duzentos anos por bárbaros estrangeiros.

_ O termo *boxer* (boxeador) foi mantido em ingl s porque assim se consagrou nos comp ndios de história brasileiros e portugueses. Mas sua tradução se ustificaria, como o texto deixa claro, pois muitos dos membros da tal sociedade secreta eram praticantes de boxe chin s. Uma tradução mais fiel (e pitoresca) seria Rebelião dos Boxeadores. (N.T.)

A viol ncia irrompeu na província costeira de Shandong   área sob influ ncia alemã que se industrializava rapidamente   quando trabalhadores chineses mal remunerados se untaram aos *boxers* para assassinar europeus. Em Pequim, os *boxers*, que alegavam ter proteção sobrenatural contra pro éteis, sitiaram o Bairro das Delegaç es, onde os estrangeiros haviam buscado ref gio.   uando as forças ocidentais aliadas avançaram para prestar socorro, a Imperatriz Vi va Cixi decidiu apoiar a milícia camponesa. Foram necessários 55 dias para que um contingente de russos, aponeses, americanos e europeus chegasse a Pequim. Os estrangeiros sitiados foram, então, libertados e centenas de *boxers*, executados pelas forças de ocupação.

A imperatriz foi intimada a indenizar as naç es estrangeiras envolvidas, o que debilitou ainda mais a economia chinesa. Totalmente enfraquecida, a dinastia   ing desmoronaria 10 anos depois em um golpe revolucionário, o que pôs fim   China Imperial.

Um Novo Mundo Móvel e Consumista

Em 1901, a sociedade ocidental ainda era sacudida pelas mudanças sem precedentes do século anterior. Economias agrícolas haviam sido transformadas pela Revolução Industrial: motores a vapor substituíram a energia hidráulica e a de tração animal, sendo agora utilizados em navios, trens e nos primeiros veículos movidos a motor de combustão interna, que os automóveis introduziram por volta do ano 1890. Máquinas de fiar e tecer transformaram a ind stria t xtil. Novos processos criaram produtos de ferro for ado e aço, e desenvolveram a

mineração do carvão. Estradas foram aprimoradas, ferrovias e canais, construídos. A invenção do telefone e do telégrafo transformou as comunicaç es.

A cultura dos empreendimentos incluiu maravilhas da engenharia, como o Canal de Suez, no leste do Egito, que conectou o Mediterr neo ao Mar Vermelho e revolucionou o fluxo de comércio global ao encurtar as rotas entre a Europa, o norte da frica e a sia. O mesmo se pode dizer do Canal do Panamá, que seria construído pelos Estados Unidos 40 anos depois, entre 1907 e 1914. Cortando a estreita faixa de terra que conectava as Américas do Norte e do Sul, o canal facilitou o transporte marítimo entre os oceanos Atl ntico e Pacífico, tornando-se uma via essencial para o comércio marítimo. Os navios que se dirigiam costa oeste dos Estados Unidos á não precisavam mais utilizar a perigosa rota ao redor do Cabo Horn, na extremidade austral da América do Sul.

No início do século 20, teve início uma nova era de bens de consumo produzidos em massa, inclusive os provenientes das linhas de montagem da fábrica de Henry Ford, inventor da linha de montagem. Tal inovação reduziu o tempo de fabricação do Ford T, modelo que em 1918 á representava 50 de todos os carros existentes nos Estados Unidos. De preço acessível e dirigido a uma crescente classe média urbana, os carros da Ford abriram para os americanos a possibilidade de via ar em veículos automotores. As linhas de montagem logo foram incorporadas pelos produtores de outros bens de consumo.

O PRIMEIRO VOO MOTORI ADO

0 na Carolina do orte rville right o pletou o pri eiro voo e u a aeronave dirig vel ais pesada ue o ar voando durante 2 segundos oi o ponto ul inante de anos de experi entos feitos pelos ir ãos rville e ilbur 0 o inventor e aviador fran s ouis Bl riot obteve do ornal Daily Mail *u pr io de il libras por ter voado da nglaterra at a rança e u onoplano _ atravessando o Canal da Man ha*

ão tardou para ue os aeroplanos fosse usados e iss es de guerra ini ial ente pelos italianos na uerra talo-Tur a -2 e voos de re onhe i ento e bo bardeios ap s a deflagração da ri eira uerra Mundial o piloto fran s oland arros prendeu u a etralhadora na frente do seu avião e e o s da aviação ale ão urt intgens obteve a pri eira vit ria e o bate a reo pilotando u avião u a etralhadora era sin ronizada para disparar se pre entre as p s da h li e

_ Avião com apenas um par de asas, ao contrário dos biplanos (dois pares) e triplanos (tr s), comuns naquela época. (N.T.)

A Era Dourada

Os países em processo de industrialização, embora economicamente poderosos no cenário mundial, viam-se internamente s voltas com uma sociedade dividida. Os aristocratas abastados e as classes A e B eram os maiores beneficiados pela industrialização, enquanto a classe operária e os pobres eram substituídos pelas máquinas nas fábricas; quando encontravam empregos como operadores de máquinas, era com salários aviltantes. O padrão de vida permanecia baixíssimo.

O período de otimismo, inovação, prosperidade e estabilidade da Europa entre as décadas de 1870 e 1914 ficou conhecido como Belle poque. Nesses anos dourados, os ricos dispunham cada vez mais de tempo livre, e Paris se tornou um polo de atração para artistas e escritores. O estilo *art nouveau* da capital francesa influenciou não só a arquitetura, mas o design e as artes plásticas ao redor do mundo. O realismo literário, que encontrou expressão em autores como mile ola, foi um dos precursores do modernismo.

Ao mesmo tempo, os Estados Unidos pós-guerra civil vivenciavam a Era Dourada , uma expansão econômica estimulada pelo desenvolvimento de ferrovias, novas refinarias de petróleo, sider rgicas e mercadorias produzidas industrialmente. A par dessa nova riqueza dos Estados Unidos, surgiram problemas sociais vinculados vasta força de trabalho constituída por migrantes de áreas rurais e do exterior, muitos de naç es europeias, em busca de melhores condiç es de vida. Dizia-se então que esses problemas sociais eram mascarados por uma fina película de prosperidade, imagem captada por Mark Twain e Charles Dudley Warner em *The ilded ge Tale of Today* [*era dourada u a hist ria de ho e*], romance publicado em 1873.

Trabalhadores, Uni-vos!

Ao contrário dos Estados Unidos, onde o *self- ade an* era respeitado por sua capacidade, a sociedade vitoriana da Grã-Bretanha repousava na crença de que a posse herdada da terra era a marca de um *gentle an* (fidalgo), e a profissão mais nobre para um *gentle an* era o serviço p blico, não o comércio. Isso separava os aristocratas, proprietários de terra, dos comerciantes e das classes operárias. Havia ainda a divisão entre os trabalhadores na ind stria e os demais, descontentes com seus baixos salários e péssimas condiç es de trabalho. Filantropos ricos e enga ados tentavam resolver tais problemas com obras de caridade, mas as doaç es eram irregulares e a assist ncia social oferecida pelo governo não se mostrava suficiente.

Em 1910, o crescimento econômico da Grã-Bretanha estagnara, untamente

com os salários, e os preços haviam aumentado. Mesmo assim, os trabalhadores brit nicos eram pressionados a melhorar sua produtividade, de modo a manter os níveis de lucro. Inspirados pela greve das funcionárias de uma fábrica de fósforos e dos trabalhadores das ind strias petrolífera e da construção naval, muitos deles se filiaram a sindicatos, em busca de apoio coletivo, o que acarretou uma série de greves, como O Grande Tumulto , cu o ob etivo era melhorar salários e as condiç es de trabalho para o proletariado. Em 1926, a Grã-Bretanha teve sua primeira greve geral, durante uma recessão econômica que se seguiu Primeira Guerra Mundial. Foi quando mineradores brit nicos em greve receberam a adesão e a solidariedade de operários de outras categorias. Uma combinação de voluntários de classe média, obstáculos de ordem urídica e líderes sindicais temerosos acabou pondo fim ao movimento.

As desigualdades sociais, somadas s empresas privadas e ao capitalismo de livre-mercado, acabaram provocando o surgimento de outro movimento, o socialismo. Enquanto os movimentos trabalhistas pretendiam melhorar as condiç es de trabalho dentro do sistema capitalista, os socialistas pretendiam substituir o capitalismo por um novo sistema em que os trabalhadores compartilhariam a posse e o controle dos meios de produção. Aliados aos sindicatos, os socialistas europeus lideraram um movimento trabalhista internacional inspirado no slogan cunhado por um economista e revolucionário alemão chamado Karl Marx: Trabalhadores de todos os países, uni-vos. Exigiam melhores condiç es trabalhistas, inclusive uma ornada de trabalho de oito horas.

A Grã-Bretanha, assim como outros prósperos países ocidentais, conseguiram conter os movimentos proletários de massa recém-surgidos durante os poucos e preciosos anos de estabilidade na virada do século 20. Mas, para alguns países, esses foram anos de revolução iminente ou real.

Estrondos na Rússia

O Império Russo tsarista, que se estendia da Polônia, no Ocidente, até a península de Kamchatka, na extremidade oriental da sia, era o maior país contíguo do mundo em 1901.

A enorme e diversificada população da R ssia incluía alemães, asiáticos, poloneses e muitos outros povos eslavos; com tantas nacionalidades untas, havia constante tensão política. A cultura russa foi imposta em todo o império, priorizando o cristianismo promovido pela Igre a Ortodoxa Russa. Os udeus russos, como outras minorias, não usufruíam de plenos direitos. Cerca de 85 da

população era constituída por camponeses. Emancipados da servidão nas propriedades rurais privadas em 1861, na virada do século viviam nas terras mais pobres e na mais extrema miséria.

O império tardara a se industrializar, em comparação a impérios rivais como Grã-Bretanha, França e Alemanha, mas, a partir de 1891, iniciou obras de infraestrutura, como a ferrovia Transiberiana, a Ferrovia da China Oriental e a Transmanchuriana. Capitais estrangeiros afluíram ao país e financiaram novas fábricas; no início do século 20, a R ssia era o quarto produtor mundial de aço e o segundo maior exportador de petróleo.

A rápida industrialização levou para as cidades milhares de camponeses sem terra, formando uma classe operária industrial. Vivendo e labutando em condiç es duríssimas (eles trabalhavam, em média, 11 horas por dia), não dispunham de recursos para melhorar de vida: os sindicatos eram ilegais, as greves eram proibidas e o exército russo reprimia as insurreiç es. Ideias revolucionárias se propagavam entre o proletariado.

Em 1894, após a morte do pai, o Tsar Nicolau II começou a governar a R ssia. O revolucionário e teórico marxista Leon Trotsky, da Ucr nia (parte do Império Russo), observou certa vez: Nicolau herdou dos seus antepassados, além de um império gigantesco, uma revolução. Mas eles não lhe legaram nenhuma qualidade que pudesse torná-lo capaz de governar um império, ou mesmo um país.

O tsar confiou ao Ministro do Interior Vyacheslav von Plehve a tarefa de reprimir os reformistas e os revolucionários. Plehve alegou que 90 dos revolucionários da R ssia eram udeus, e encora ou e incitou desordeiros a atacá-los (esses ataques ficaram conhecidos como *pogro s*), o que levou muitos udeus a abandonarem a R ssia e irem para os Estados Unidos.

2 Rivais imperialistas: R ssia e Japão

Plehve e o tsar viram uma oportunidade de expansão no Império Chin s, que vinha declinando rapidamente desde que fora derrotado pelo Japão na Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-5). Os alvos eram a Manch ria incluindo a cidade de Port Arthur, na província de Liaodong, cu o porto permanecia operacional durante o ano inteiro e a Coreia. Isso irritou o Japão, rival imperialista, que retaliou com a Guerra Russo-Japonesa (1904-5), a primeira grande guerra do século 20. A vitória decisiva do Japão confirmou sua ascensão como poderosa nação industrial, enquanto o Tsar Nicolau II foi responsabilizado pela derrota da R ssia. Os revolucionários russos decidiram, então, atuar, notadamente o exilado Vladimir Lenin, que declarou em 1905: Voc s não estão sozinhos, trabalhadores e camponeses da R ssia Se conseguirem derrubar,

esmagar e destruir os tiranos da R ssia tsarista, feudal, policialesca e patronal, sua vitória servirá como sinal para uma luta mundial contra a tirania capitalista.

DOMINGO SANGRENTO

bis ado o as deplor veis ondiç es existentes nas f bri as russas e a aus n ia de refor as u sa erdote radi al padre eorge apon for ou e 0 a sse bleia dos Trabalhadores ussos ano ais tarde uando uatro e bros da asse bleia fora de itidos de u a sider rgi a apon ini iou u a ar ha o 00 il trabalhadores pelas ruas de São etersburgo para entregar ao tsar u a petição assinada reivindi ando oito horas de trabalho sal rios dignos elhores ondiç es de trabalho e voto universal

ultidão foi ata ada pelos soldados do tsar ue atara ais de 00 pessoas e ferira 00 in idente deu in io à evolução ussa de 0 u oti no en ouraçado Potemkin *greves de trabalhadores e a for ação de sovietes onselhos eleitos por trabalhadores e São etersburgo e outras idades rofissionais de lasse dia aderira estabele endo a nião das ni es e exigindo u a sse bleia Constituinte Cedendo às press es i olau publi ou o Manifesto de utubro ue on edia liberdade de expressão reunião e asso iação proibindo pris es se ulga ento e por fi estabele endo u a C ara egislativa eleita a u a para trabalhar pelas refor as*

0 o tsar renegou o a ordo e dissolveu a u a transfor ando a pri eira revolução e u fra asso Mas as se entes de u a futura rebelião e da derrubada do p rio usso havia sido lançadas

---

Revoltas Populares se Alastram

O descontentamento com dirigentes autocráticos e corruptos, regimes repressivos e desigualdades ativou revolucionários em todo o mundo.

A Revolução Mexicana (1910-20), que derrubou o ditador Porfirio Díaz, no poder havia 31 anos, foi deflagrada quando Díaz marcou uma eleição. Os agricultores do México viviam na pobreza e não viam opção que não fosse a revolta, o que mergulhou o país em anos de viol ncia e instabilidade política.

O decrépito Império Persa (que ocupava áreas do atual Irã), governado pelo extravagante e fraco Mozafar Adim, vivenciou uma revolução entre 1905 e 1907, que deu origem a uma nova Constituição, levou abdicação do xá e ense ou a formação de um parlamento. Entretanto, em 1907, o império acabou perdendo a autonomia, quando Grã-Bretanha e R ssia dividiram a Pérsia entre si no Acordo Anglo-Russo. Resolviam, assim, anos de rivalidade na sia Central, que se tornou conhecida como O Grande Jogo , no qual a Grã-Bretanha via a R ssia como uma ameaça Índia brit nica.

Anarquistas que alme avam a destruição dos Estados para substituí-los por sociedades apátridas também operavam em diversos países, executando atos individuais de terrorismo, inclusive o assassinato do Rei Humberto I, da Itália, em 1900, e do presidente dos Estados Unidos William McKinley, em 1901. Os

anarquistas acrescentaram viol ncia e radicalismo   dissid ncia popular.

Revolução nas Artes e nas Ciências

Os avanços científicos e tecnológicos que surgiram como resultado da Revolução Industrial encora aram artistas a reexaminarem cada aspecto da vida. Um novo movimento, o modernismo, abandonou o romantismo antitecnológico do século 19 para adotar novos métodos e valores burgueses. O artista modernista era um revolucionário que se distanciava dos processos artísticos tradicionais, vistos como um estorvo ao progresso. Trabalhando na França, o artista espanhol de vanguarda Pablo Picasso re eitou a perspectiva tradicional; seus experimentos ense aram o cubismo, que envolvia a análise e a remontagem de ob etos numa forma abstrata, além de outros movimentos artísticos, como o futurismo e o surrealismo. Os pintores Paul Klee e Wassily Kandinsky, bem como o escritor tcheco Franz Kafka, reagiram contra os efeitos desumanizadores da industrialização urbana e se afastaram do realismo nas artes.

Na m sica, o modernismo levou o compositor austro-americano Sch nberg a fazer experimentos com a tradicional harmonia tonal, utilizando uma técnica de doze tons, que evitava a limitação imposta pelo uso de uma determinada clave, método que influenciou muitos compositores modernos. Na arquitetura, o modernista franco-suíço Le Corbusier repudiou os estilos tradicionais e reinventou os prédios como máquinas de morar .

A ci ncia continuou a expandir os horizontes da humanidade no início do século 20. Os raios X tinham acabado de ser descobertos por Wilhelm R ntgen, em 1895, quando Marie e Pierre Curie identificaram a radioatividade, o que acarretou mudanças nos conceitos sobre a estrutura da matéria. Em 1900, Max Planck aventou que a energia não se propagava em um fluxo contínuo (como se pensava até então), mas em pequenos pacotes de energia, ou *uanta*, sendo um *uantu* a menor quantidade possível. Einstein adotou a ideia em 1905, quando apresentou sua teoria da relatividade restrita, que derrubou a teoria anterior de que espaço e tempo eram absolutos; segundo ele, ambos são relativos a um observador; 1 milhão de anos para nós, por exemplo, representariam alguns segundos para alguém que pudesse deslocar-se próximo   velocidade da luz (algo impossível na prática, mas á confirmado por observaç es astronômicas). Sua teoria geral da relatividade, publicada em 1916, afirmava que a matéria encurva o espaço, o que explicou a movimentação de certos corpos celestes que,   luz da teoria existente, parecia anormal.

O Nacionalismo Dita o Curso da História

Os impérios chin s e russo foram duas entre diversas baixas imperiais nas primeiras décadas do século 20. Uma força em gestação destruiria outros impérios na Primeira Guerra Mundial (1914-8). No ambiente relativamente pacífico do século 19 e início do 20, o nacionalismo, uma forma extremada de patriotismo, serviu para unificar as naç es europeias, cu as populaç es acreditavam piamente na supremacia econômica, cultural e militar de seus países. Mas também gerou feroz competição e rivalidade entre as pot ncias do Velho Continente. O Império Alemão, criado em 1871 com a unificação da Alemanha, que se seguiu Guerra Franco-Prussiana, tinha ambiç es nacionalistas e imperialistas. Isso levaria o mundo Primeira Guerra Mundial, que acabou provocando o colapso do próprio império.

Outros impérios cairiam untamente com a Alemanha, inclusive o Austro-H ngaro, na Europa Central, uma união estabelecida no século 19 entre ustria e Hungria. Esse império era governado pelos Habsburgo, família real cu a dinastia remontava ao Sacro Império Romano-Germ nico.

O Império Otomano, criado em 1299 na Anatólia (região que integra a Turquia atual), conquistara em 1453 as terras do Império Bizantino, que ocupava a metade oriental do Império Romano. Seu governante absolutista, o sultão, era visto pelos muçulmanos como o chefe supremo da fé isl mica. A aliança dos otomanos com a Alemanha, em 1914, uma tentativa de recuperar territórios perdidos para as pot ncias europeias, selaria o destino dessa pot ncia decadente do leste do Mediterr neo.

A Guerra para Acabar com Todas as Guerras

Em 1914, o Império Alemão havia se tornado a pot ncia dominante na Europa. Sua ind stria química liderava o mercado mundial, seu exército era o maior do mundo e sua marinha só era superada pela marinha brit nica. A Alemanha desempenharia um papel decisivo ao arrastar o continente para o caos da Primeira Guerra Mundial. Mas havia outros fatores em ogo na Europa, como press es pela democratização e pelo socialismo, exig ncias nacionalistas, temor pelo colapso de impérios conquistados a duras penas e, fundamentalmente, o medo entre as naç es. A Alemanha temia ser encurralada pela França e pela R ssia; a R ssia estava preocupada com a possibilidade de controle alemão sobre os Bálcãs e sobre o Oriente Médio; a França, humilhada por sua derrota na Guerra Franco-Prussiana (1870-1), sentia-se ameaçada pelo crescente poder da Alemanha; e a Grã-Bretanha se inquietava diante da perspectiva de perder sua posição dominante no mundo.

Esses países foram mergulhados em uma guerra que ulgavam ser necessária para assegurar as respectivas liberdades. Achavam que o confronto terminaria em poucos e heroicos meses, e que poria um fim a todas as guerras. Na verdade, era o início de um novo tipo de guerra total, que envolveria a mobilização de civis em solo pátrio. Uma guerra em que a tecnologia assumiria uma import ncia destrutiva sem precedentes, uma guerra que provocaria ainda mais conflitos.

Confluindo para a Guerra

Na década anterior ao evento que acenderia o estopim da Primeira Guerra Mundial, os países imperialistas da Europa haviam se digladiado por rotas de comércio, mercados e territórios, movidos por interesses econômicos e pela busca

de poder e status. Enquanto a Alemanha crescia, os impérios otomano e austro-h ngaro declinavam. A Grã-Bretanha ainda tinha a maior marinha do mundo, construindo navios de combate como o *MS readnought* (1906), entre outros, para manter sua supremacia naval. Outros países, principalmente a Alemanha, apressavam-se em fabricar armas de grosso calibre e em aumentar seus exércitos, acreditando que isso funcionaria como um fator dissuasor para a guerra.

Diante da corrida armamentista e s voltas com os crescentes gastos, o tsar da R ssia, Nicolau II, organizou, em 1899, uma confer ncia de paz em Haia, com vistas a negociar o desarmamento. Assim, os países seriam forçados a resolver suas disputas internacionais mediante arbitragem, e não guerras. A iniciativa, entretanto, foi vetada pela Alemanha. Uma segunda confer ncia de paz, convocada em 1907 por Theodore Roosevelt, então presidente dos Estados Unidos, introduziu algumas regras para as guerras, mas uma tentativa de limitar os armamentos, vista pela Alemanha como um movimento dos brit nicos para cercear a marinha alemã, foi descartada.

As lideranças se tornaram complacentes com a possibilidade de uma guerra. Acreditavam que poderiam manter o equilíbrio de poder e se proteger mediante alianças contratuais. Essas mesmas alianças, porém, enredaram a Europa em uma teia de obrigaç es potencialmente onerosas, que se converteram numa das principais causas da Primeira Guerra Mundial.

O Mundo É um Barril de Pólvora

Em 1907, as crescentes rivalidades haviam dividido as pot ncias em dois grupos: de um lado, a Tríplice Aliança, constituída pela Alemanha, ustria-Hungria e Itália; de outro, a Tríplice Entente, constituída pela R ssia, Grã-Bretanha e França. O motivo de tal divisão provinha, em parte, da Guerra Franco-Prussiana de 1870-1 que deixara França e Alemanha em campos fortemente antagônicos e, em parte, de rivalidades na região dos Bálcãs.

Os Bálcãs, a multiétnica península no sudeste da Europa, antes parte do Império Romano do Oriente (Império Bizantino), de religião cristã ortodoxa, eram controlados pelo Império Otomano, muçulmano, desde a Idade Média. Ao longo de dois séculos, a R ssia se estendera gradualmente para o sul, invadindo territórios otomanos, aliando-se aos sérvios, praticantes do cristianismo ortodoxo, e se comprometendo a tomar o partido dos sérvios no caso de uma crise. A Sérvia e a Grécia haviam se libertado do controle otomano no século 19. Durante a Guerra Russo-Turca de 1877-8, a R ssia liderou uma coalizão de Estados balc nicos ortodoxos contra o Império Otomano, tentando pôr fim

discriminação contra os cristãos. A iniciativa gran eou a independ ncia para Montenegro, Rom nia e parte da Bulgária.

No início do século 20, a R ssia continuou a apoiar a independ ncia balc nica, e ficou particularmente irritada quando a ustria-Hungria, uma arquirrival, anexou a Bósnia-Herzegovina em 1908, após tirá-la das mãos do Império Otomano.

O chanceler alemão e arquiteto da unificação da Alemanha, Otto von Bismarck, achava que a França tentaria recuperar a Alsácia-Lorena, anexada pela Alemanha após a Guerra Franco-Prussiana. Assim, em 1873, formou uma aliança (Liga dos Tr s Imperadores) com a R ssia e a ustria-Hungria. O tratado teve curta duração, devido a tens es entre a R ssia e a ustria-Hungria por conta da Bósnia-Herzegovina. A rivalidade gerou, em 1879, uma segunda aliança entre a Alemanha e a ustria-Hungria, na qual ingressou a Itália, em 1882, formando a Tríplice Aliança. Seus membros se comprometiam a prestar apoio m tuo em caso de ataque por outra pot ncia. A poderosa Tríplice Aliança acarretou uma aliança defensiva franco-russa, em 1894.

Na década de 1890, após a ren ncia do Chanceler Bismarck devido a discord ncias com o imperador, o Kaiser Guilherme II, houve uma mudança na política externa alemã, compondo o emaranhado de tratados de defesa m tua. A saída de Bismarck colocou o império em um novo curso, pois o Kaiser estava convicto de que as pot ncias europeias conspiravam para cercar a Alemanha, impedindo-a de se expandir. A nova e errática política alemã impeliu a Grã-Bretanha a formar alianças com seus grandes rivais colonialistas, a França (na Entente Cordiale de 1904) e a R ssia (em 1907).

As crescentes tens es explodiram nas duas Guerras do Bálcãs de 1912-3. Grécia, Sérvia, Bulgária e Montenegro, á independentes do Império Otomano, anexaram a Macedônia, controlada pelos otomanos, no intuito de libertar mais povos eslavos do ugo daquele império. Os sérvios que viviam na Bósnia-Herzegovina, dominada pela ustria-Hungria, clamaram, então, pela liberdade de se unirem Sérvia.

O que aconteceu em seguida havia sido previsto anos antes por Bismarck, quando anunciou: Um dia, a grande Guerra Europeia acontecerá por causa de alguma bobagem nos Bálcãs.

A FAGULHA BALC NICA

2 de unho de o r uidu ue ranz erdinand herdeiro leg ti o do trono da ustria foi

assassinado e Sara evo apital b snia por u na ionalista s rvio ar uidu ue fora inspe ionar os soldados do i p rio na B snia- erzegovina anexada pela ustria seis anos antes

dia e ue ele e a esposa per orria a idade e u arro aberto oin idiu o o ia de São ito uando os s rvios tni os reveren ia os rtires s rvios ue to bara na Batalha do osovo travada e ontra o p rio to ano grupo se reto de na ionalistas s rvios o Mão egra ue al e ava a independ n ia da B snia es olheu esse dia espe ial para agir ontra a ustria i perial uando u dos revolu ion rios arre essou u a bo ba no arro do ar uidu ue essa rolou pela traseira deixando o asal in lu e ais tarde uando o orte o to ou u a inho errado outro e bro do grupo u ove b snio de etnia s rvia avrilo rin ip atou a tiros ranz erdinand e a esposa

ustria- ungria responsabilizou o governo s rvio e lançou-lhe u ulti ato exigindo ue a S rvia repri isse as atividades antiaustr a as S rvia on ordou o a aior parte das exig n ias austr a as as e 2 de ulho de en ora ada pela pro essa de apoio in ondi ional aso a ssia interviesse a ustria de larou guerra à S rvia ue poderia ter sido u pe ueno onflito se tornou u a bola de neve por força dos tratados de defesa tua e a abou resultando na rande uerra

Uma Guerra Incontrolável

Um dia após a declaração de guerra, a ustria bombardeou Belgrado, capital da Sérvia. A R ssia mobilizou suas tropas para defender a Sérvia.

O Kaiser Guilherme II, que dese ava obter poder e autoridade para a Alemanha nos assuntos mundiais, recuou ante a perspectiva de guerrear em duas frentes: contra a R ssia e sua aliada, a França, apoiada pela Inglaterra. Mas, em vez de oferecer autonomia para a Alsácia em troca da neutralidade francesa, o que poderia ter limitado o conflito, a Alemanha enviou um ultimato França, não só exigindo que permanecesse neutra, como também cedesse as estratégicas fortalezas de Toul e Verdun, como garantia de neutralidade, pelo tempo que o conflito durasse. A França respondeu que agiria de acordo com seus próprios interesses. A Inglaterra, então, propôs manter a França neutra se a Alemanha prometesse permanecer neutra em relação França e R ssia; a proposta foi mal-entendida no curso de uma conversa por telefone entre o ministro das relaç es exteriores ingl s e o embaixador alemão em Londres, o qual entendeu que a França seria mantida neutra se a Alemanha entrasse em guerra somente contra a R ssia.

Esperando uma guerra apenas em uma frente, o Kaiser tentou deter a mobilização de tropas alemãs a oeste, em direção França. Mas, no dia 1º de agosto de 1914, o general alemão Von Moltke disse ao Kaiser que modificar os planos reduziria o exército a uma turba desordenada . No mesmo dia, tropas alemãs cruzaram a fronteira de Luxemburgo e a Alemanha declarou guerra R ssia.

Os comandantes militares alemães estavam seguindo um antigo pro eto

militar, o Plano Schlieffen, para flanquear os exércitos franceses através da Bélgica e capturar Paris em seis dias, eliminando a ameaça a oeste antes de mobilizar seu enorme exército. A Grã-Bretanha não teria como enviar tropas a tempo de a udar a França.

Mas, quando a Alemanha atacou a Bélgica que vetara a passagem das tropas alemãs por seu território e declarou guerra França (3 de agosto), a Grã-Bretanha, honrando um tratado de 1839 no qual prometia proteger a neutralidade belga, declarou guerra Alemanha (4 de agosto). Atônito, o chanceler alemão Bethmann-Hollweg exclamou então: A Grã-Bretanha vai guerrear por causa de um pedaço de papel

A R ssia também surpreendeu os alemães levando apenas 10 dias para se mobilizar, o que forçou Moltke a dividir seu exército e enviar tropas tanto para o leste como para o oeste.

O ministro de relaç es exteriores brit nico, Sir Edward Grey, ao se dar conta de que a guerra logo envolveria o continente inteiro, comentou: As l mpadas estão se apagando em toda a Europa. Não as veremos acesas de novo pelo resto de nossas vidas.

Os Dois Campos

uando a guerra irrompeu, o mundo se alinhava em dois campos hostis. A Alemanha e a ustria-Hungria formavam o n cleo das Pot ncias Centrais. A Itália, obrigada a se unir a elas somente no caso de uma guerra defensiva, nos termos da Tríplice Aliança, optou por permanecer neutra logo no início. Durante a frenética crise diplomática de ulho de 1914 quando a Alemanha tentou desestabilizar o controle brit nico na Índia incitando uma rebelião no país , o Império Otomano (Turquia) se aliou s Pot ncias Centrais. Os otomanos controlavam os Estreitos Turcos e o acesso ao Mar Negro, e tinham potencial para isolar a R ssia de seus aliados brit nicos e franceses, cortando-lhes as rotas de suprimentos vindos do sul. A Bulgária e os Bálcãs, que dispunham de vantagens estratégicas semelhantes, untaram-se s Pot ncias Centrais em 1915.

3 Alianças militares na Europa durante a Primeira Guerra Mundial (1914-8)

No lado oposto, estavam os Aliados, membros da Tríplice Entente R ssia, França, Grã-Bretanha e suas colônias, untamente com a Sérvia. O Japão, aliado da Grã-Bretanha desde 1902, uniu-se aos Aliados em agosto de 1914 e logo os a udou a afundar navios alemães na costa da China, além de ocupar territórios alemães no Extremo Oriente. A Itália se untou aos Aliados em abril de 1915, seduzida pela promessa de obter territórios austro-h ngaros ad acentes a suas fronteiras. A Rom nia se uniu aos Aliados em agosto de 1916. Os Estados Unidos tentaram permanecer neutros, mas entraram na guerra em abril de 1917, ao lado dos Aliados. A Grécia se uniu aos Aliados em ulho de 1917. Pela primeira vez na história, um conflito se tornava global, afetando todos os continentes.

Seu País Precisa de Você!

Homens se congregaram para lutar por seus países, e exércitos profissionais rapidamente se expandiram. A Grã-Bretanha, ao contrário da França, da

Alemanha, da R ssia e da ustria-Hungria, não dispunha de alistamento obrigatório, portanto dependia de voluntários. Seu País Precisa de Voc era o slogan no famoso pôster que exibia Lorde Kitchener, Secretário de Estado para a Guerra, que encora ou mais de 1 milhão de ovens entusiasmados para se untar Força Expedicionária Brit nica. Muitos estavam despreparados para as batalhas, e os batalh es de companheiros , apinhados de amigos e vizinhos, sofreram grandes baixas. Para manter as metas de alistamento, a Grã-Bretanha introduziu o serviço militar obrigatório para todos os homens com idade entre 18 e 41 anos (até 51 anos nos ltimos meses da guerra).

Os impérios franc s e brit nico alistaram africanos e indianos para lutar pelos Aliados, e os Estados livres associados da Grã-Bretanha (Austrália, Canadá, Nova el ndia e frica do Sul) recrutaram forças próprias para defender os Aliados. Em 1917, o presidente americano Woodrow Wilson reintroduziu o alistamento compulsório nos Estados Unidos.

O serviço militar obrigatório se aplicava apenas aos cidadãos do sexo masculino; contudo, muitas mulheres se alistaram como enfermeiras voluntárias, motoristas de ambul ncia e médicas. Na pátria, ocuparam empregos deixados pelos homens ou ingressaram em novos, que surgiram nas fábricas de armamentos e munição; outras contribuíram com o esforço de guerra por meio de obras de caridade.

A Frente Ocidental

O confronto que decidiria o curso da história foi travado em muitas frentes, mas particularmente na Frente Ocidental, que compreendia a França e o norte da Bélgica (Flandres). Esse teatro de guerra foi estabelecido logo nos primeiros meses de conflito.

As tropas alemãs que avançavam pela Bélgica encontraram dura resist ncia e, a caminho da fronteira francesa, elas mataram mais de 6.000 civis belgas. Para as tropas alemãs, cada civil representava uma ameaça em potencial. Visando instilar o medo nos inimigos da Alemanha, vilare os foram incendiados, civis e padres, executados.

Em 23 de agosto de 1914, os alemães encontraram os Aliados pela primeira vez, representados pela Força Expedicionária Brit nica em Mons, na Bélgica, perto da fronteira francesa. Numericamente superior, o exército alemão forçou os brit nicos a se retirarem para o rio Marne, a leste de Paris.

A BATALHA DO MARNE

avanço ale ão hegou a er a de 0 uil etros de aris levando o governo fran s a deixar a apital s pilotos de re onhe i ento fran eses dete tara forças sob o o ando do general ale ão lexander von lu k ue abandonando o lano S hlieffen ru ava para leste e não para oeste flan ueando aris pois perseguia forças liadas ue se retirava na direção do rio Marne a bre ha surgiu entre o ri eiro e o Segundo x r ito da le anha general fran s oseph offre aproveitou a oportunidade para ontra-ata ar o o Sexto x r ito dos liados e de sete bro de investindo ontra o flan o direito das forças de on lu k ntão as reservas fran esas na frente o idental da orena fora trazidas às pressas por trens at aris e depois onduzidas at a frente de batalha e t xis de odo a reforçar o Sexto x r ito e a udar a e purrar os ale ães para o norte p s u a se ana de o bates a irrados os ale ães se entrin heirara nas proxi idades do rio isne

pri eira grande batalha deteve o avanço ale ão e salvou aris as a arretou ais de 00 il baixas total a ais visto e u a guerra urante os eses seguintes a bos os lados tentara flan uear u ao outro nu a s rie de batalhas travadas ada vez ais pr xi as ao Mar do orte ssa Corrida para o Mar riou u a rede de trin heiras defensivas o 0 uil etros de extensão desde a osta de landres at a neutra Su ça onde o onflito na rente idental entrou nu i passe ue duraria uatro anos

Os Campos de Flandres

A Corrida para o Mar culminou com a devastadora Primeira Batalha de pres, no oeste de Flandres (noroeste da Bélgica), entre 19 de outubro e 22 de novembro de 1914. Ambos os lados se posicionaram em trincheiras que se defrontavam, separadas por arame farpado e uma fina faixa de terra de ninguém . Os soldados defendiam suas posiç es e lançavam ofensivas, comendo e dormindo em condiç es estarrecedoras, em meio a lama, piolhos, ratos e temperaturas enregelantes, sob a mira de franco-atiradores, granadas e incurs es de surpresa promovidas por comandos. Cada lado tentava transpor as defesas do outro, enquanto fogo de artilharia e ra adas de metralhadoras dominavam os campos de batalha, cada vez mais repletos de mortos. As tropas brit nicas, francesas e belgas, embora superadas em n mero, conseguiram deter o avanço alemão na direção dos portos do Canal da Mancha, vitais para o abastecimento da França e da Bélgica durante a guerra.

Em novembro de 1914, todos os exércitos haviam perdido a autoconfiança. O fracasso em quebrar o impasse significava que a guerra não terminaria antes do Natal, como todos esperavam. Houve um breve alívio: no dia de Natal, soldados de ambos os lados da Frente Ocidental estabeleceram uma trégua espontaneamente, saindo de suas trincheiras, ogando futebol e confraternizando, em meio desolação do campo de batalha.

pres se tornou o centro de prolongadas batalhas. Na Segunda Batalha de pres (22 de abril a 25 de maio de 1915), os alemães usaram o venenoso gás de

cloro contra as tropas coloniais francesas e as tropas canadenses. O gás, dispersado pelo vento, penetrava nas trincheiras e tinha um efeito devastador, o que levou os Aliados a desenvolverem suas próprias armas químicas e máscaras antigases.

O gás de mostarda, ainda mais letal, foi usado pelos alemães na Terceira Batalha de pres (Batalha de Passchendaele). Travada entre ulho e novembro de 1917 num lodaçal criado pelas pesadas chuvas de agosto, essa foi a mais longa e custosa batalha de Flandres, em termos de baixas. Sob o comando do general brit nico Douglas Haig, forças brit nicas e canadenses ocuparam o devastado vilare o de Passchendaele, perto de pres, uma pequena aquisição se comparada s mais de 850 mil baixas de ambos os lados.

Um soldado-poeta canadense, chamado John McCrae (1872-1918), escreveu:

os a pos de landres papoulas vee a luz
ntre as la es dos t ulos ruz ap s ruz
ue assinala o nosso des anso en uanto
o u otovias anta seu a alanto
ue e eio aos anh es pou o efeito produz _

_ *n landers fields the poppies blo Bet een the rosses ro on ro That ark our pla e and in the sky The larks still bravely singing fly S ar e heard a id the guns belo .*

Frente Oriental e Frente Sul

Ao contrário da Frente Ocidental, a guerra na Frente Oriental não ficou atolada em uma estática batalha de trincheiras. Os russos atravessaram a fronteira alemã e penetraram na Pr ssia Oriental em 17 de agosto de 1914, defrontando-se, em Tannenberg, com um exército alemão menor que o seu. Porém, em 26 de agosto, as bem-adestradas tropas alemãs praticamente destruíram todo o Segundo Exército da R ssia, acarretando a rendição de 90 mil soldados e o suicídio do General Alexander Samsonov. Um enorme incremento na autoconfiança alemã.

Mais ao sul, na Galícia,_ os russos se saíram melhor, esmagando as forças austríacas em 3 de setembro. Assim como os alemães, os russos ficaram conhecidos por seus brutais ataques a civis, muitos dos quais fugiam medida

que eles avançavam. A grande população de udeus na Galícia sofreu com a aterradora viol ncia das tropas russas.

_ Essa Galícia não deve ser confundida com a comunidade homônima da Espanha, também conhecida como Galiza. A Galícia aqui mencionada é uma região que ho e abrange partes da Ucr nia e da Polônia. Na época, integrava a ustria-Hungria. (N.T.)

As Pot ncias Centrais se tornaram cada vez mais dependentes da Alemanha, que, no início de 1915, infligiu sérias derrotas aos russos, na Pr ssia Oriental, na Polônia, em partes da Letônia e da Litu nia. Os alemães arrancaram a Galícia das mãos dos russos no verão. No outono, as Pot ncias Centrais tomaram a Sérvia, assegurando uma rota de suprimentos terrestre entre o Império Otomano e a Alemanha. Os italianos se uniram aos Aliados em maio, porém a ustria conseguiu mant -los imobilizados no sul.

Em unho do 1916, no entanto, a Frente Austro-H ngara desmoronou diante de um ataque do general russo Aleksey Alekseyevich Brusilov na Bielorr ssia, na Ucr nia e na Rom nia. As baixas foram gigantescas em ambos os lados, e a Rom nia foi arrastada para a guerra ao lado dos Aliados.

Em outubro de 1917, a Itália sofreu um desastre na Batalha de Caporetto, diante das forças austríacas e alemãs, e foi humilhada ao final da guerra, quando as promessas de território em suas fronteiras com a ustria-Hungria não foram honradas.

Insucesso em Galípoli

Em março de 1915, para reagir ao impasse na Frente Ocidental, o Primeiro Lorde do Almirantado_ Winston Churchill propôs um ataque ao Império Otomano (Turquia), que se alinhara com a Alemanha e a ustria em 1914. A Campanha de Galípoli (1915-6) teve lugar na estratégica península de Galípoli, no oeste da Turquia, com o ob etivo de conquistar Constantinopla, a capital. Todavia, os navios brit nicos e franceses que entraram no estreito de Dardanelos foram afundados por minas. A invasão por terra, realizada por tropas australianas, neozelandesas, indianas, francesas e senegalesas, chegou a um impasse diante da inexpugnável defesa turca, heroicamente comandada por Mustafa Kemal Atat rk. Um desastre para os Aliados, cu as forças foram

evacuadas em aneiro de 1916. Churchill perdeu o posto governamental logo depois, embora viesse a ascender novamente anos mais tarde, liderando a Grã-Bretanha na Segunda Guerra Mundial. Para os turcos otomanos, a vitória formou a base para o surgimento da moderna Turquia ao final da guerra, sob o governo de Kemal Atat rk.

_ Cargo correspondente ao de Ministro da Marinha. (N.T.)

Revolta Árabe

Os brit nicos obtiveram mais sucesso no Oriente Médio, com a desestabilização dos territórios árabes em poder do Império Otomano. A Revolta rabe, de unho de 1916 a outubro de 1918, encora ada pelos brit nicos em troca da promessa de independ ncia árabe ao final da guerra, foi liderada pelo Príncipe Faiçal, do clã hachemita, com o reforço de rebeldes treinados em guerrilhas pelo oficial da intelig ncia brit nica T. E. Lawrence (Lawrence da Arábia), que conquistara a confiança dos árabes. Forças montadas em camelos sabotaram ferrovias e capturaram o porto de caba em ulho de 1917. Em dezembro do mesmo ano, a cidade santa de Jerusalém caiu diante das tropas brit nicas comandadas pelo General Edmund Allenby; Damasco foi tomada pelos Aliados em outubro de 1918, o que pôs fim guerra no Oriente Médio. Mas, em vez de apoiar Faiçal na criação de um Estado árabe independente, brit nicos e franceses dividiram o Oriente Médio entre si: Palestina e Jord nia ficaram com os brit nicos; Síria e Líbano, com os franceses. Como uma pequena compensação, Faiçal foi nomeado rei do Iraque.

A promessa não cumprida de um Estado árabe independente e a promessa posterior, por parte da Grã-Bretanha, de estabelecer uma pátria na Palestina para os udeus, estão na raiz dos conflitos entre árabes e israelenses que se verificariam mais tarde.

Vive la France!

Em 1916, tendo reforçado suas posiç es, as Pot ncias Centrais plane avam impor uma vitória a oeste, mediante um pesado ataque contra a cidade fortificada de Verdun, na França, 200 quilômetros a leste de Paris. O episódio teve início no dia 21 de fevereiro de 1916 com um forte ataque de artilharia, quando os alemães utilizaram 1.200 armas pesadas e grande quantidade de bombas. Em 24 de

fevereiro, a infantaria alemã avançou, atravessou as rasas trincheiras francesas e tomou o forte Douaumont. Mas parou por lá. Em vez de se retirarem de Verdun, os franceses detiveram o avanço alemão, numa luta que simbolizou uma verdadeira batalha pela própria França. Reforços e suprimentos eram trazidos para as tropas francesas por uma nica estrada, a Voie Sacrée (Via Sagrada), alimentando repetidos ataques e contra-ataques. Até que, finalmente, em outubro de 1916, os franceses recuperaram os territórios. A batalha patriótica para salvar a França teve um custo elevado: mais de 700 mil baixas, entre franceses e alemães.

O Pandemônio se Instala

No mesmo ano, para aliviar a pressão sobre os franceses em Verdun, os brit nicos e as tropas de seus Estados livres associados lideraram um ataque no rio Somme, norte da França, no que foi, em grande parte, um plano do General Douglas Haig. Durante oito dias, a partir de 23 de unho de 1916, os Aliados martelaram a linha alemã usando mais de 2.000 armas; em 1º de ulho, os brit nicos e a infantaria da Commonwealth_ ultrapassaram os limites , num assalto s trincheiras inimigas. Os alemães, entretanto, emergiram de profundos abrigos subterr neos e trituraram os soldados que avançavam com fogo de metralhadoras. A luta prosseguiu durante meses, com ambos os lados utilizando gases venenosos e os brit nicos mobilizando seus primeiros tanques. Em novembro de 1916, os brit nicos obtiveram pequenos ganhos territoriais (12 quilômetros) ao custo de mais de 1 milhão de soldados mortos ou feridos. Foi a pior batalha da guerra em termos de perdas comparadas a ganhos.

_ Palavra inglesa que pode ser traduzida como Comunidade de Naç es, mas, em geral, mantida na forma original em quase todas as línguas europeias, inclusive o portugu s. Seus membros, chamados de Estados livres associados (*do inions*), são, em sua maioria, antigas colônias da Grã-Bretanha. (N.T.)

Guerra no Mar

Os Aliados confiavam em seu domínio dos mares para embarcar suprimentos e tropas. Embora a guerra fosse travada principalmente em terra, a Alemanha

tentou desafiar a supremacia naval brit nica na Batalha da Jutl ndia (maio de 1916). O confronto no Mar do Norte entre encouraçados munidos de artilharia pesada terminou com uma estratégica vitória brit nica, que deixou a marinha alemã severamente desfalcada.

Em fevereiro de 1915, os submarinos alemães, conhecidos como -*boots*, receberam ordens de atacar navios mercantes, uma forma de retaliação contra um bloqueio naval no Mar do Norte, que estava pre udicando a chegada de suprimentos Alemanha. Os Aliados perderam muitos navios em ataques de -*boots*, mas neutralizaram a ameaça posicionando os navios mercantes em meio a comboios bem defendidos e desenvolvendo armamentos antissubmarinos, como bombas de profundidade e equipamentos como o hidrofone que detectava a presença de submarinos nas imediaç es.

Abreviatura de *nterseeboot*: barco submarino, em alemão. O -*boot* também é bastante conhecido por seu nome anglicizado: -*boat*. (N.T.)

As mortes de civis causadas por ataques de -*boots* despertaram uma onda internacional de ódio contra a Alemanha e foram, em grande parte, responsáveis pela entrada dos Estados Unidos na guerra.

S T E IMMERMAN

o dia de aio de u sub arino ale ão ata ou o RMS Lusitania *navio brit ni o ue zarpou de ova ork ru o a iverpool transportando supri entos para a rã-Bretanha assi o o 00 passageiros le anha alegou ue a e bar ação ta b transportava ar as torpedo afundou o navio o ata ue orrera 200 passageiros entre os uais 2 a eri anos la or p bli o nos stados nidos deu in io a u a pressão ue levou a le anha a essar os ata ues o entanto e frustrada o o i passe na rente idental a le anha reini iou os ata ues indis ri inados de* U-boots *de isão ue a irrou ainda ais a opinião p bli a norte-a eri ana ontra a le anha*

s stados nidos fi ara nova ente indignados e uando o serviço de intelig n ia brit ni o inter eptou o Telegra a i er an enviado pela le anha ao M xi o ue propunha u a aliança entre a bos os pa ses se os stados nidos entrasse na guerra sob a pro essa de devolver ao M xi o territ rios perdidos no Texas ovo M xi o e rizona reação popular persuadiu o presidente oodro ilson e de abril de a levar os stados nidos à guerra ao lado das ot n ias liadas

---

Últimos Estertores

Em 1918, durante a ltima fase da guerra, lutas internas na R ssia tsarista, incluindo a Revolução de 1917, retiraram os russos do conflito, pondo fim   luta no leste. Esse fato liberou as tropas alemãs na Frente Oriental e deslocou o foco da guerra para a Frente Ocidental. Com uma ameaça de revolução se propagando pela Europa, tornou-se cada vez mais importante, para as naç es do Velho Continente, obter uma vitória rápida e decisiva.

Em 21 de março de 1918, o comandante de operaç es, General Erich Ludendorff, deflagrou a Ofensiva da Primavera , uma série de ataques com o propósito de acabar com o impasse e a guerra. Ludendorff plane ou isolar os brit nicos e, então, quebrar a resist ncia do exército franc s: Temos de atacar o mais cedo possível   antes que os americanos possam lançar forças poderosas na balança. Temos de vencer os brit nicos. Com 500 mil soldados adicionais, trazidos da Frente Russa, gases venenosos e poderosos explosivos, os alemães atacaram os Aliados, enquanto seus *stosstruppen* (soldados de elite escolhidos a dedo e treinados para se infiltrar na retaguarda inimiga) irromperam entre as linhas francesas e brit nicas sob um denso nevoeiro e avançaram 65 quilômetros. Paris apareceu na mira dos canh es de longo alcance alemães, mas suas linhas de suprimento estavam sobrecarregadas. Os Aliados, então, coordenaram um contra-ataque, A Ofensiva dos Cem Dias (18 de ulho a 11 de novembro), sob o comando do general franc s Ferdinand Foch e com o bem-vindo reforço de tropas americanas.

Em meados do verão, as ofensivas de Ludendorff em Flandres e na França á haviam arrefecido e, no outono, o depauperado exército alemão estava praticamente desmantelado, com motins entre os marinheiros e protestos da população alemã, que sentia os efeitos do bloqueio.

Os socialistas á plane avam uma revolução quando o Kaiser Guilherme II abdicou, em 9 de novembro. O motim convencera os políticos de que o Kaiser não podia mais governar, pois o povo alemão o culpava pela derrota, pela escassez e pela fome. Finalmente, os comandantes do exército deixaram de apoiá-lo, e o Kaiser partiu para o exílio, na neutra Holanda.

Para uma delegação enviada pelo novo governo socialista alemão, Foch ditou os termos do armistício, assinado num vagão de trem na floresta de Compi gne, no norte da França, em 11 de novembro de 1918. O armistício pôs fim aos combates, mas seis meses adicionais foram necessários para a implementação do acordo de paz, o que ocorreu com a assinatura do Tratado de Versalhes, em 28 de unho de 1919.

Guerra em Escala Industrial

Apesar da vitória das Pot ncias Aliadas e das celebraç es subsequentes, as perdas e os pre uízos foram devastadores, tanto para os Aliados como para as Pot ncias Centrais; segundo as estimativas, foram cerca de 40 milh es de baixas, entre militares e civis, com 15 milh es de mortes. Foi uma guerra sem precedentes em seu impacto e morticínio a primeira guerra de exércitos gigantescos equipados com armas de destruição em massa , tornada possível pelas mudanças tecnológicas introduzidas pela Revolução Industrial. Os soldados se viam diante de artilharia pesada, metralhadoras, morteiros, granadas, explosivos e gases tóxicos. Muitos morreram atingidos por fogo de artilharia, estilhaços de granadas ou doenças contraídas nas condiç es degradantes em que se encontravam. Tanques e aeroplanos estrearam em combate, e o primeiro bombardeio aéreo de cidades, promovido pelos zepelins (dirigíveis alemães), estimulou o desenvolvimento de armas antiaéreas. Surgiram os primeiros ases da aviação, inclusive o Barão Vermelho , que abateu 80 aeronaves inimigas. Em 1918, os primeiros avi es bombardeiros á estavam atacando alvos por trás das linhas inimigas. Em solo pátrio, a propaganda, difundida pelos meios de comunicação de massa, mobilizava naç es e estimulava o ódio contra os oponentes.

O otimismo do século 19 e do início do século 20 inclusive a crença de que o império da lei poderia resolver disputas foi destroçado pela realidade da Primeira Guerra Mundial. medida que a contenda se tornava cada vez mais desesperada, envolvendo não só exércitos, mas também populaç es inteiras, a moral e as convenç es de guerra foram abandonadas em favor de uma soturna luta pela sobreviv ncia.

Quando a Poeira Baixa

A Europa foi profundamente marcada pela Primeira Guerra Mundial. Países competindo por territórios, poder industrial, recursos e mercados provocaram uma devastação no continente. Os sobreviventes, que presenciaram a civilização cair na selvageria, esperavam que o armistício assinado em novembro de 1918 e o tratado de paz de Versalhes, firmado em unho de 1919, trouxessem paz duradoura.

Enquanto a Europa começava a se reconstruir, Estados Unidos e Japão assumiam a primazia econômica mundial, reforçada pelo comércio durante a guerra. Mas a economia americana, que bombara nos Frenéticos Anos Vinte , desmoronaria em 1929, o que resultou na Grande Depressão e em muitos anos nos quais o desemprego em massa e as inquietaç es sociais se alastraram pelo mundo.

Perdendo a fé na democracia e no capitalismo, alguns países se voltaram para formas totalitárias de governo. O fascismo, que teve origem na Itália, via as democracias liberais como obsoletas e se opunha s novas ideias propagadas pelo socialismo e pelo comunismo. O Estado italiano era governado por um partido nico, o Partido Nacional Fascista, cu o líder era o ditador Benito Mussolini. Para o partido, a disciplina, os deveres para com o país, a lei e a ordem estavam acima dos valores liberais, da democracia e dos direitos individuais. Na Alemanha, uma forma de socialismo estatal re eitava as liberdades individuais e promovia a efici ncia econômica em benefício do Estado: o nacional-socialismo, ou nazismo.

Em meio   estagnação econômica, a Rep blica de Weimar, estabelecida após a Primeira Guerra Mundial, fracassou sob o ônus das reparaç es de guerra,

dívidas e hiperinflação, deixando a porta aberta para os nazistas. Adolf Hitler, o F hrer (líder), plane ava expandir novamente a Alemanha. Encontrando um aliado natural na Itália de Mussolini, levou o mundo a um segundo conflito global, ainda mais amplo que o primeiro.

No entanto, apesar dos dist rbios econômicos e políticos dos anos entreguerras, grandes progressos ocorreram na ci ncia, entre eles a proposição, em 1927, de que o universo teve origem de uma grande explosão, o Big Bang , bilh es de anos atrás, que criou a matéria a partir de energia. Essa teoria ainda é a melhor explicação para fenômenos como as micro-ondas cósmicas de fundo. Muitos dos empreendimentos científicos realizados durante a Segunda Guerra Mundial foram direcionados ao desenvolvimento de armas, mas também a avanços nos tratamentos médicos.

Amargo Regresso

Na décima primeira hora do décimo primeiro dia do décimo primeiro m s de 1918, os canh es na Frente Ocidental pararam de atirar e a Grande Guerra terminou. No silencioso ambiente de um campo de batalha, um cabo Aliado relatou: Os alemães saíram de suas fronteiras, inclinaram-se diante de nós e foram embora. Foi isso. Não havia nada com que celebrarmos, exceto biscoitos. As comemoraç es em Paris, Londres e Nova ork foram mais animadas. O sangrento conflito de quatro anos havia terminado.

Entretanto, muitos soldados, cansados de guerra e desnutridos, amais chegariam em casa; um vírus mortal se espalhou pelos campos de batalha, contaminando as tropas e as populaç es em geral. Nos dois anos compreendidos entre 1918 e 1920, uma pandemia de gripe reclamou a vida de 50 a 100 milh es de pessoas nesse ltimo caso, cerca de 5 da população mundial da época, correspondente a seis vezes mais do que o n mero de mortes provocadas pela Primeira Guerra Mundial. Na neutra Espanha, seus efeitos foram precisamente divulgados, ao contrário dos relatos de guerra politizados de outros lugares, o que valeu pandemia o apelido de gripe espanhola. Foi a epidemia mais devastadora da história moderna.

Alemanha Humilhada

No armistício de novembro de 1918, a Alemanha aceitou as bases para uma paz usta propostas pelo presidente americano Woodrow Wilson, os uatorze Pontos , que contemplavam um mundo em que as naç es resolveriam suas

diferenças mediante negociaç es, sem guerras e sem a necessidade de intervenção americana, e no qual as pessoas de mesma nacionalidade teriam autonomia para governar a si mesmas. Não haveria a construção de impérios. Armamentos e exércitos seriam reduzidos, tratados secretos deixariam de existir e uma Liga das Naç es seria constituída para manter a paz mundial.

Tendo em mente esses ideais, as Pot ncias Aliadas, representadas por Woodrow Wilson, o primeiro-ministro brit nico David Lloyd George e o primeiro-ministro franc s Georges Clemenceau, passaram oito meses negociando a formalização dos termos a serem apresentados Alemanha. Tais termos foram estipulados no Tratado de Versalhes e assinados pela Rep blica de Weimar (sucessora do Império Alemão) em 28 de unho de 1919, na Galeria dos Espelhos do Palácio de Versalhes, nos arredores de Paris.

O Tratado de Versalhes, entre outros tratados, repartiu os territórios das derrotadas Pot ncias Centrais, os impérios da Alemanha, ustria-Hungria e Otomano. A responsabilidade pelo início da guerra foi colocada sem rodeios sobre os ombros da Alemanha, que deveria pagar reparaç es financeiras aos países pre udicados. A Alsácia-Lorena foi devolvida França; outros territórios alemães passariam a ser administrados pela Grã-Bretanha, Bélgica, Dinamarca, Tchecoslováquia, Polônia e R ssia. Tr s novos Estados foram criados: Estônia, Litu nia e Letônia. A Alemanha teve o exército reduzido a 100 mil homens, a marinha, a seis navios e nenhum submarino, e a força aérea foi abolida. A área oeste da Ren nia (na parte ocidental da Alemanha) tornou-se zona desmilitarizada, exceto por um exército dos Aliados, que a ocuparia durante 15 anos. A Alemanha foi proibida de se unir novamente ustria.

Clemenceau e o povo franc s viram o tratado como uma usta punição para a Alemanha, mas o marechal franc s Ferdinand Foch o considerou extremamente leniente, prevendo uma nova geração de alemães em busca de vingança pela derrota. Isso não é uma paz , disse ele, é um armistício de vinte anos. Woodrow Wilson e Lloyd George temiam que o tratado fosse duro demais, enxergando uma vantagem em manter a Alemanha operacional para que se tornasse um bastião contra o alastramento do comunismo.

A população alemã, por sua vez, detestou o tratado. Um ornal alemão, o *euts he eitung*, comentou: Nunca nos deteremos até recuperarmos o que merecemos. Economicamente, o tratado representou uma corrente no pescoço da Alemanha.

A ambiciosa Liga das Naç es de Wilson se tornou realidade, mas o Congresso dos Estados Unidos, temendo a perda da soberania americana e

dese ando manter-se fora dos assuntos europeus, votou contra o ingresso nessa iniciativa internacional, que acabaria fracassando em seu ob etivo de manter a paz mundial.

Casa de Habsburgo em Ruínas

Os Habsburgo, que governaram o Sacro Império Romano-Germ nico dos séculos 15 ao 18, governavam o Império Austríaco desde 1804. Em 1867, para acomodar as pot ncias emergentes da Europa e responder ao nacionalismo h ngaro, a família real criou uma monarquia dualista com a Hungria, formando o Império Austro-H ngaro. Esse grande império multiétnico, que á se vira s voltas com numerosos conflitos internos, teria agora de arcar com o preço da aliança com a Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial. Devastado ao final do conflito, o império se fragmentou em diversos estados-naç es. Os tchecos lutavam havia anos contra seus dirigentes austríacos, da mesma forma que os eslovacos lutavam contra os h ngaros. Assim, não foi nenhuma surpresa quando grandes contingentes de tchecos e eslovacos desertaram para o lado russo durante a guerra, nem quando um novo Estado, formado pelos dois povos e chamado de Tchecoslováquia, declarou independ ncia, em 1918.

Da mesma forma, na extremidade sul do império, uma união de croatas, sérvios e eslovenos proclamou independ ncia, recebendo, logo depois, a adesão da Sérvia e formando o Reino dos Sérvios, o qual, em 1919, foi rebatizado como Império da Iugoslávia.

A monarquia Habsburgo chegava ao fim e, em 11 de novembro de 1918, dia do armistício, Carlos I, o ltimo dirigente do Império Austro-H ngaro, dissolveu a monarquia, assim como sua aliança com a Hungria, fazendo da ustria uma rep blica. Os Aliados assinaram acordos de paz diferentes com a ustria e a Hungria, concedendo territórios dessas naç es aos novos Estados da Tchecoslováquia e da Iugoslávia, restabelecida Rep blica da Polônia e aos reinos da Rom nia e da Itália. Tanto a ustria como a Hungria tiveram de pagar reparaç es aos países vizinhos pre udicados pela guerra.

A atual União Europeia, com sua livre movimentação de bens, capitais e mão de obra, tem sido vista como uma ressurreição do modelo multinacional austro-h ngaro e seu precedente, o Sacro Império Romano-Germ nico. E muitos dos Estados que emergiram após o colapso da ustria-Hungria agora são membros da União Europeia.

COLAPSO OTOMANO

Em 1918, o Império Otomano, de população predominantemente muçulmana, encontrava-se esfacelado. Centralizado na Anatólia (região situada na atual Turquia), era um império multiétnico com territórios no sudeste da Europa e no Oriente Médio. Em 1908, a chamada Revolução dos Jovens Turcos , uma associação entre exilados turcos, funcionários p blicos e oficiais do exército, transformou o sultão em uma figura decorativa e prometeu reformas democráticas, mas entregou apenas um governo autoritário. O império desmoronou pouco antes do armistício de 1918.

O tratado de paz de 1920 (Tratado de S vres), redigido pelas Pot ncias Aliadas, repartiu os territórios otomanos entre os Aliados, com a Grécia assumindo a costa do mar Egeu. Os cristãos arm nios, massacrados pelo Império Otomano, teriam seu próprio Estado. Os territórios árabes sob domínio otomano, conforme um acordo secreto (Sykes-Picot) firmado em 1916, seriam transformados em mandatos_ da Grã-Bretanha (que controlaria Iraque, Trans ord nia e Palestina) e da França (que controlaria Síria e Líbano) até que a população desses territórios estivesse preparada para governar a si mesma. Essa não era a independ ncia imediata pela qual o Príncipe Faiçal iniciara uma revolta no deserto contra seus senhores otomanos   encora ado pelo coronel brit nico T. E. Lawrence. Enfurecidos com os termos do tratado, os hachemitas e Faiçal lutaram contra a França pela independ ncia da Síria, mas acabaram perdendo. O Príncipe Faiçal, banido da Síria, aceitou o papel de governante-cliente do Iraque, novo território administrado pela Grã-Bretanha.

_ Mandato: delegação concedida pela Liga das Naç es para que determinadas pot ncias administrassem alguns territórios ou países. (N.T.)

Um obstáculo adicional para a independ ncia árabe estava na Declaração Balfour, de 1917, dirigida pelo ministro das relaç es exteriores da Grã-Bretanha, Arthur Balfour,   comunidade udaica brit nica. No documento, ele se comprometia a apoiar a pretensão dos sionistas (nacionalistas udeus) de estabelecer um Estado udeu na Terra Santa (Palestina), o que daria início   mais espinhosa disputa internacional existente até os dias de ho e: o conflito árabe-israelense.

A divisão dos territórios otomanos efetuada pelos Aliados ignorou as

diferenças étnicas, sectárias e tribais, e teria grave repercussão. O Iraque, por exemplo, foi constituído pela fusão de tr s províncias otomanas dominadas por xiitas, sunitas e curdos. Desde então, o país tem passado por disputas territoriais, uma guerra contra o vizinho Irã, conflitos internos entre muçulmanos xiitas e sunitas, uma campanha genocida contra a rebelde população curda e uma controversa invasão capitaneada pelos Estados Unidos e seus aliados. Até ho e, a região permanece instável.

A Turquia Renasce das Cinzas

O governo otomano assinou o Tratado de S vres, porém os turcos, liderados pelo herói de Galípoli, Mustafa Kemal Atat rk, o re eitaram. Atat rk alegou que o povo muçulmano turco precisava de uma pátria no território da Anatólia, tradicionalmente turco. Seu propósito foi obstruído pelas reivindicaç es gregas sobre o oeste da Anatólia e o leste da Trácia, e pela ocupação brit nica de Constantinopla (atual Istambul), o que provocou uma guerra de independ ncia, em 1919, entre as forças nacionalistas turcas, sob o comando de Atat rk, e a Grécia. A vitória de Atat rk estabeleceu a moderna Rep blica da Turquia, em 1923, com sede em Ankara e Atat rk como presidente.

Durante a guerra, a Turquia assegurou o nordeste da Anatólia, com o apoio do regime bolchevista russo. A ação foi condenada por Woodrow Wilson, presidente dos Estados Unidos, que idealizava um Estado independente na região para os cristãos arm nios, como compensação pelo tratamento que haviam recebido dos otomanos. Mas não houve intervenção internacional, o que levou Atat rk a comentar: Pobre Wilson, ele não entendeu que uma fronteira não defendida por baionetas e soldados não pode ser defendida por nenhum outro princípio.

O incidente descortinou a fragilidade da Liga das Naç es. As fronteiras turcas foram finalmente estabelecidas pelo Tratado de Lausanne, de 1923. A Arm nia foi anexada pelos bolchevistas russos em 1922, tornando-se parte da União Soviética.

4 Europa e Oriente Médio após os acordos de paz de 1918 e a formação da Rep blica Turca, em 1923

Rússia Radical

Em fevereiro de 1917, uma fusão letal de perdas de guerra, privaç es e falta de estruturas de governo que integrassem as classes trabalhadoras explodiu numa revolução. O Tsar Nicolau II, cu as concess es reformistas após a revolução de 1905 amais se materializaram, foi responsabilizado pelo infort nio na R ssia e ali ado do poder. Em seu lugar, um governo provisório de democracia revolucionária continuou a lutar no conflito global. Mas outras ideias revolucionárias radicais que se alastravam acarretaram uma terceira revolução, em outubro de 1917, dessa vez comandada pelos bolcheviques, que derrubaram o governo provisório de Petrogrado (São Petersburgo, rebatizada como Petrogrado em 1914 pelo governo imperial, como Leningrado pelos comunistas, em 1924, e novamente como São Petersburgo em 1991, após o desmoronamento da União Soviética).

Membros do Partido Bolchevista (comunista), ala revolucionária do Partido Operário Social-Democrata Russo, viam-se como a vanguarda das classes trabalhadoras e lhes prometiam alimentos, terras, controle das fábricas e voz ativa

na elaboração das leis. O partido usava inescrupulosamente a polícia secreta conhecida como Cheka para eliminar seus inimigos. O líder do partido, Vladimir Lenin, exilado pelos tsaristas por suas atividades revolucionárias, retornou a Petrogrado em 1917, com a a uda da Alemanha, que o via como uma força desestabilizadora para a R ssia. Conforme previsto, Lenin acabou com a vontade de lutar dos russos e, em março de 1918, quatro meses após a revolução, negociou a paz com a Alemanha, consumada num tratado firmado na cidade de Brest-Litovsk (ho e parte da Belarus).

Os bolcheviques decidiram assumir o controle de antigos territórios do Império Russo, o que levou a uma prolongada e catastrófica guerra civil, na qual os bolcheviques assassinaram o tsar russo e sua família, para impedir que fossem resgatados pelo Exército Branco   coligação de forças anticomunistas que lutavam contra o Exército Vermelho dos bolcheviques. No entanto, apesar da intervenção estrangeira, que incluiu tropas americanas, o Exército Vermelho saiu vitorioso e estabeleceu, em 1922, a União das Rep blicas Socialistas Soviéticas (União Soviética ou URSS), um Estado federalista de partido nico, com sede em Moscou, governado pelo Partido Comunista Russo.

Os ideais políticos da URSS tinham como base aqueles apregoados por Lenin e Karl Marx, economista do século 19: buscar uma transição do capitalismo para um Estado socialista governado pela ma oritária classe trabalhadora, uma ditadura do proletariado . Os bolcheviques se dedicariam a estabelecer o comunismo na União Soviética e apoiar as revoluç es comunistas em outros lugares. Seu ob etivo final era o comunismo puro , uma sociedade sem classes e sem Estado, caracterizada pela posse comum dos meios de produção e distribuição. Na realidade, o Estado socialista bolchevique se organizou pela estrita adesão s decis es do Partido Comunista, uma ditadura que alegava representar os interesses da classe trabalhadora.

Relatos sobre o novo Estado e a nova sociedade na R ssia insuflaram muitos trabalhadores ao redor do mundo e aterrorizaram os governos do Ocidente (particularmente o dos Estados Unidos). Embora a R ssia tenha lutado como um dos Aliados na Primeira Guerra Mundial, esses se recusaram a reconhecer o governo bolchevique e não convidaram a R ssia para as conversaç es de paz em Versalhes.

5 R ssia Soviética, Transcaucásia, Ucr nia e Belarus se unem para formar a URSS em 1922

Punho de Ferro de Stalin

Lenin morreu em 1924. Sedento por poder, o secretário-geral do Partido Comunista Russo, Joseph Stalin, usou manipulaç es políticas para desacreditar o rival, Leon Trotsky, líder do Exército Vermelho, que foi exilado e depois assassinado por um agente soviético.

Em 1928, á sozinho no controle, Stalin iniciou o primeiro de uma série de planos econômicos quinquenais destinados a fomentar a ind stria soviética, implantando metas para os operários das fábricas e criando fazendas coletivas, desapropriando, para tal, as terras dos c laques (agricultores proprietários de terras). O fracasso da medida provocou fome generalizada na Ucr nia na década de 1930. Stalin governou como ditador até a sua morte, em 1953, destruindo inimigos políticos e deportando milh es de pessoas para campos de trabalhos forçados.

Embora as políticas de Stalin tenham desenvolvido a ind stria e originado um poder militar que rivalizaria com o dos Estados Unidos durante a Guerra Fria, seu governo repressor não conseguiu garantir direitos civis essenciais para a

população. O apelo do comunismo russo diminuiu, gradualmente, na segunda metade do século 20. A vida sob um regime totalitário de um só partido, como o de Stalin, inspirou o escritor ingl s George Orwell a escrever , seu romance distópico, publicado em 1949.

China Republicana

A China iniciou o século 20 em crise. A dinastia imperial ing era impopular, decadente e corrupta. Seus antes orgulhosos funcionários p blicos haviam se tornado incompetentes; o país não sabia como lidar com os europeus nem com o Japão, seu vizinho ressurgente. A humilhação da Rebelião dos Boxers em 1899-1901 estimulou o crescimento do nacionalismo.

Os nacionalistas eram representados por Sun at-sen, segundo o qual a decadente linhagem imperial chinesa precisava se modernizar e industrializar o país, a fim de se equiparar ao Ocidente.

at-sen influenciou os revolucionários que depuseram a dinastia ing em 1911-2 e se tornou o primeiro presidente da Rep blica da China em 1912, pondo fim a 4.000 anos de governo imperial. Liderou, então, o Partido Nacionalista Chin s (conhecido também como Kuomintang ou KMT) na luta contra os clãs guerreiros que dominavam grande parte do território chin s, em um turbulento período de guerras e instabilidade.

O MOVIMENTO DE 4 DE MAIO

uando a China se untou aos liados na ri eira uerra Mundial e enviando ais de 00 il soldados para a ud -los na luta foi por entender ue os territ rios hineses edidos à le anha o o a prov n ia osteira de Shandong seria devolvidos ao pa s no final da guerra ntele tuais hineses in itados pelas ideias do presidente a eri ano oodro ilson nutria grandes esperanças a respeito do Tratado de ersalhes Mas tais esperanças fora frustradas uando ao final da guerra o territ rio de Shandong foi transferido para o apão rival da China

fra asso da delegação hinesa e influen iar o Tratado de ersalhes desen adeou u a revolta e de aio de uando ais de 000 estudantes fizera anifestaç es e e ui rotestos apoiados por intele tuais o er iantes e trabalhadores patriotas se espalhara pelas idades dando orige ao ovo Movi ento Cultural u a radi alização do na ionalis o hin s aliada ao boi ote de produtos aponeses historiador Theodore von aue lassifi ou o ovi ento o o o pri eiro levante patri ti o e assa na China oi u o ento de isivo ue onduziria a China ru o ao o unis o

---

A China se Torna Vermelha

Desapontado com o tratamento concedido pelo Ocidente China, Sun at-sen

se voltou para os comunistas bolcheviques, que a udaram o governo do KMT a formar um exército e estabelecer maior controle político. Em 1923, os soviéticos encora aram a formação de uma aliança entre o KMT e o então pequeno Partido Comunista Chin s, no intuito de combater os clãs guerreiros chineses.

at-sen morreu em 1925. O sucessor, Chiang Kai-shek, liderou uma ofensiva militar e política para unificar o país e derrotar os clãs guerreiros (a Expedição do Norte), ampliando, em 1927, a influ ncia do Kuomintang. Comandante militar sem escr pulos, Kai-shek decidiu então se voltar contra seus aliados, ordenando que suas forças massacrassem os ativistas comunistas em Xangai. Os sobreviventes fugiram para áreas remotas no sul, enquanto Kai-shek fazia do KMT o governo oficial do Estado unificado. Mas ele havia acendido o pavio de uma guerra civil entre as suas fileiras nacionalistas e o Partido Comunista Chin s.

A dura postura política de Kai-shek representava uma ameaça s ambiç es militaristas e expansionistas do Japão, que, em 1931, invadiu a importante província chinesa da Manch ria sob um falso pretexto, nela instalando um dirigente fantoche, Puyi, herdeiro da antiga família imperial chinesa. Enquanto o Japão intimidava a China e lutava pelo controle regional, Kai-shek prosseguiu em sua campanha contra os comunistas chineses. Em 1934, para escapar captura pelas tropas de Kai-shek, Mao Tse-tung, futuro secretário-geral da Rep blica Popular da China, liderou as forças comunistas em um tra eto de mais de 10 mil quilômetros entre a província de Jiangxi, no sul do país, e a remota província de Shaanxi, no nordeste, ornada que ficou conhecida como A Longa Marcha . Foi um feito heroico, que transformou Mao Tse-tung em uma figura proeminente no comunismo chin s.

Uma invasão maciça do Japão, em 1937, obrigou o KMT e os comunistas chineses a colaborarem temporariamente, lutando em uma frente nica na Segunda Guerra Sino-Japonesa._ Diante do avanço das tropas aponesas, o governo de Kai-shek decidiu abandonar Xangai. Em dezembro de 1937, a viol ncia dos aponeses contra mulheres e prisioneiros de guerra em Nanquim, capital do KMT, estarreceu o mundo (O Massacre de Nanquim). O feroz e contínuo ataque apon s induziria a China a entrar na Segunda Guerra Mundial, unindo-se aos Aliados quando os Estados Unidos, em dezembro de 1941, declararam guerra ao Japão.

_ A Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-5) foi travada pelo controle da

Coreia. (N.T.)

Após a Segunda Guerra Mundial e a rendição do Japão em 1945, o KMT e os comunistas reiniciariam sua guerra civil. Porém, apesar da a uda dos Estados Unidos, os nacionalistas do KMT acabaram derrotados pelos comunistas em 1949, fugindo para a ilha de Taiwan. Mao Tse-tung fez sua entrada triunfal em Pequim, anunciando, então, que o novo governo estava sob a liderança do Partido Comunista Chin s .

Sementes de uma Superpotência

Enquanto os países europeus se esforçavam para reequilibrar suas economias e sua infraestrutura após a Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos desfrutavam de acelerado crescimento, alimentado pelos pagamentos dos empréstimos (com uros) feitos durante a guerra para os Aliados e pelos lucros obtidos pelas ind strias americanas. Os Estados Unidos da década de 1920 á demonstravam o potencial econômico que os tornaria a maior pot ncia do mundo, no final do século.

A expansão das ind strias americanas de armamentos e muniç es graças s encomendas obtidas durante a guerra estendeu-se para equipamentos elétricos, produtos químicos, automóveis e ind strias correlatas, com o auxílio de elevadas tarifas de importação que limitavam a competição estrangeira (políticas praticadas de 1921 a 1929 pelos presidentes Harding e Coolidge). Clientes e mercados negligenciados pelos europeus foram arrebatados pelas empresas americanas, que haviam desenvolvido métodos para levantar financiamentos com a venda de aç es na Bolsa de Valores.

A expansão industrial coincidiu com uma explosão de consumo, estimulada pelo sistema de prestaç es, que permitia s pessoas tomar dinheiro emprestado para a compra de automóveis, telefones, rádios, eletrodomésticos e outros bens para a família que poupavam não só tempo, mas também trabalho. O talento para a propaganda, adquirido na época da guerra, foi transferido para o mercado da publicidade. O n mero recorde de automóveis vendidos nos EUA na década de 1920 aumentou a demanda por estradas decentes e mais numerosas (os Estados Unidos tinham poucas estradas antes do século 20), o que ense ou um esforço grandioso direcionado construção de rodovias, muitas vezes fazendo uso do financiamento privado.

O azz, na m sica, e o charleston, na dança, tornaram-se populares nos

Frenéticos Anos Vinte ; a Era do Jazz foi o assunto do romance *rande atsby*, de F. Scott Fitzgerald, publicado em 1925, que se tornou um sucesso de vendas. Em 1924, o azz e a cultura americana á se espalhavam pela Europa, onde os padr es de vida estavam melhorando, graças a pro etos de habitação social para as classes trabalhadoras e a um pequeno mas crescente percentual de casas equipadas com eletricidade, água encanada e sistema de esgoto. A sa de p blica também melhorava, em decorr ncia da descoberta, nas primeiras décadas do século, de nutrientes que preveniam doenças, notadamente as vitaminas. As mulheres, liberadas da silhueta imposta pelos espartilhos, passaram a usar saias até pouco abaixo dos oelhos e roupas ao estilo *garçonne*, baseadas nos modelos desenhados pela estilista francesa Coco Chanel. Garotas rebeldes de cabelos curtos, surgidas dessa *revolução*, ganharam fama e ficaram conhecidas como *flappers* (melindrosas , no Brasil).

Em 1928, o novo presidente dos Estados Unidos, o republicano Herbert Hoover, anunciou um triunfo sobre a pobreza . Mas, a despeito de sua confiança, a economia apresentava problemas: agricultores e afro-americanos, excluídos dos benefícios dos anos de crescimento, enfrentavam adversidades; as mulheres ganhavam pouco, em uma sociedade desigual, e os Estados Unidos estavam beira de um colapso no mercado de aç es que mergulharia o mundo numa derrocada econômica sem precedentes.

A UEBRA DE WALL STREET

2 de outubro de 2 a bolha finan eira estourou e ova ork provo ando u a rise global do apitalis o er ado al regulado viu os preços das aç es despen are en uanto os vendedores e p ni o tentava vend -las o ais r pido poss vel u s dia e all Street fora vendidas ais de ilh es de aç es Ban os fe hara as portas levando e presas privadas à fal n ia e ausando o su iço dos investidores s e pr sti os de guerra feitos pelos stados nidos à rã-Bretanha e à rança fora an elados e barreiras prote ionistas blo ueara a i portação de produtos estrangeiros propagando os efeitos da rise por todo o undo

oi o in io da rande epressão u per odo de dese prego e assa ue afetou os pa ses ais industrializados ntre 2 e o o r io undial despen ou e d lares para do valor pre edente ova ork trabalhadores dese pregados furiosos pera bulava pelas ruas ofere endo-se para trabalhar a u d lar por se ana Te pestades de areia nas randes lan ies e trouxera ais infort nios e levara ilhares de agri ultores de klaho a a se deslo are para o oeste igração ue foi des rita por ohn Steinbe k e As vinhas da ira.

pla ente responsabilizado pela rise o presidente oover foi substitu do e 2 pelo andidato de o rata ranklin oosevelt ue pro eteu u novo trato ou novo a ordo o fa oso New Deal *para o povo a eri ano o ual envolvia refor as obras p bli as e o fi da i popular ei Se a proibição do onsu o de l ool rande epressão estendeu-se at o final da d ada de 0 uando a Segunda uerra Mundial a ue eu a ind stria e riou e pregos*

A Democracia num Sobe e Desce

Após o desastre da Primeira Guerra Mundial, o presidente Woodrow Wilson encora ou os países da devastada Europa a adotarem um governo democrático e multipartidário, de ampla base política, que concedesse voz ao povo nas decis es governamentais. A Rep blica da Turquia, que emergira das cinzas do Império Otomano, nasceu com uma Constituição parlamentar, e os países novos ou restaurados que surgiram das ruínas da ustria-Hungria, da Alemanha e das áreas fronteiriças R ssia adotaram sistemas de democracia parlamentar representativa, como Tchecoslováquia, Iugoslávia, Polônia, ustria, Hungria, Finl ndia, Estônia, Letônia e Litu nia. A parte sul da Irlanda, independente desde 1922 após uma guerra feroz, criou sua própria rep blica democrática, o Estado Livre Irland s. Porém, apesar do alastramento da democracia, os governos enfrentavam sérios problemas em países onde os ideais democráticos competiam com a viol ncia, a repressão e a manipulação efetuada por elites poderosas, além da desestabilização provocada pela guerra e pelo fracasso econômico.

As democracias mais bem-sucedidas ampliaram direitos. Com seu trabalho durante a guerra, as mulheres haviam gran eado respeito; e o voto feminino, uma reivindicação de militantes no início do século, era agora uma proposta aceitável para a maioria dos países do Ocidente. A classe trabalhadora, que lutara bravamente por seus países, exigia os mesmos direitos das elites. Em 1919, a pressão p blica para que todos tivessem direito a voto introduziu o sufrágio universal na Alemanha, na Holanda e na Polônia; em 1928, na Grã-Bretanha; em 1934, na Turquia; em 1944, na França; e em 1945, na Itália. Nos Estados Unidos, as mulheres puderam votar a partir de 1920. Entretanto, muitos afro-americanos, embora tivessem obtido direitos constitucionais em 1870, na prática, mediante diversas restriç es, foram impedidos de votar até 1965.

A Cara Feia do Fascismo

Na década de 1920, a democracia desmoronou na Itália, substituída por uma nova ideologia política de extrema-direita conhecida como fascismo. Os fascistas eram nacionalistas que re eitavam o comunismo e defendiam a completa subservi ncia ao Estado (totalitarismo). Defendiam também um governo militarista e elitista, em detrimento da democracia e do liberalismo.

Os pequenos ganhos territoriais oferecidos Itália no Tratado de Versalhes eram vistos como uma parca retribuição para uma guerra dispendiosa. A instabilidade econômica provocou uma crise social (o *Biennio osso*, ou Bi nio

Vermelho , 1919-20), da qual emergiram os fascistas, que prometiam deter o avanço do comunismo e trazer glória Itália. O grupo foi fundado pelo carismático Benito Mussolini, apoiado pelos Camisas Negras, sua violenta milícia. Mussolini glorificava a luta armada. Em 1932, escreveu: O fascismo não cr nem na possibilidade nem na utilidade de uma paz perpétua. Só a guerra leva ao máximo de tensão todas as energias humanas e marca com um sinal de nobreza os povos que t m a coragem de encará-la. Ele re eitava o internacionalismo doentio de Lenin e Woodrow Wilson. A partir de 1925, promovido a salvador da pátria, Mussolini passou a liderar um Estado totalitário e monopartidário, cu a política externa expansionista resultou na invasão da Etiópia, em 1935. A Itália e a Alemanha, oponentes durante a Primeira Guerra Mundial, desenvolveram um vínculo por sua luta contra o comunismo e o socialismo, formalizado no Pacto de Aço, de 1939, que comprometia ambos os países a se apoiarem mutuamente no caso de uma guerra.

Na década de 1930, a reação ao avanço do socialismo chegou Espanha, país seriamente afetado pela Grande Depressão. Neutra durante a Primeira Guerra Mundial, a Espanha se tornara uma rep blica, após a fuga do Rei Alfonso XIII, em 1931, devido vitória de um pro eto de esquerda, antimonarquista, para o governo do país. A luta política que se seguiu culminou, em 1936, com um golpe militar organizado por nacionalistas de direita, liderados pelo General Francisco Franco, transformando-se em uma guerra civil no país politicamente dividido. O ditador Franco e os nacionalistas eram apoiados pela Alemanha nazista e pela Itália fascista, além dos monarquistas, da Igre a Católica, do exército e dos latifundiários. Os nacionalistas entendiam que estavam defendendo as tradiç es espanholas contra um governo de tend ncia socialista, que começara a tomar terras de aristocratas, deslocava a educação do mbito da Igre a Católica para instituiç es laicas e estava reduzindo o poder do exército.

Do outro lado, encontravam-se os republicanos (legalistas), leais ao governo de tend ncia socialista, apoiados por R ssia e México, além do amparo extraoficial da França, que temia acabar cercada por pot ncias fascistas caso a Espanha caísse nas mãos dos nacionalistas. Socialistas e comunistas de todo o mundo foram atraídos luta contra o fascismo. Os republicanos sentiam que estavam defendendo um governo eleito. George Orwell escreveu, em 1943, sobre suas experi ncias com os republicanos: Aqui estamos nós, soldados de um exército revolucionário, defendendo a democracia contra o fascismo, lutando numa guerra que é *sobre* algo, e o detalhe de nossas vidas é ustamente tão sórdido e degradante quanto poderia ser numa prisão, para não falar num exército

burgu s. Os nacionalistas, mais bem-equipados, venceram a luta. A partir de 1939, Franco governaria a Espanha por 36 anos.

A ditadura franquista reprimiu implacavelmente qualquer oposição e terminou com a morte de Franco, em 1975. Com o apoio do sucessor político de Franco, o Rei Juan Carlos I, o país fez a transição para a democracia, adotando uma monarquia constitucional. Estátuas e placas memoriais em homenagem a Franco foram removidas, e a Espanha, ho e, condena os assassinatos e as violaç es de direitos humanos que ocorreram durante a ditadura.

A República de Weimar em Crise

No final da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha cambaleava após o choque da derrota. Sua população, beira da fome, estava rebelada, e a economia do país se encontrava em ruínas. Uma revolta de marinheiros, em Kiel, deflagrou a Revolução de Novembro (novembro de 1918 a agosto de 1919), um motim incruento que resultou na abdicação do Kaiser e na implantação de um governo democrático.

A nova e democrática Rep blica da Alemanha teve a difícil tarefa de reconstruir uma nação devastada. A necessidade de reformas foi reconhecida pelo partido ma oritário no Reichstag (Parlamento), o Partido Social-Democrata. Mas quantas mudanças seriam necessárias Os socialistas radicais, inclusive a ativista Rosa Luxemburgo, queriam uma ditadura do proletariado , embora não nos moldes do partido nico bolchevista. Luxemburgo e seu grupo de revolucionários (os espartaquistas) fundaram o Partido Comunista Alemão em dezembro de 1918, o que ense ou entreveros, em Berlim, entre os espartaquistas e o Freikorps, milícia composta por nacionalistas de direita e soldados cale ados, recém-chegados dos campos de batalha, que odiavam os comunistas e os políticos de esquerda. Em meio ao caos, o governo abandonou a capital e estabeleceu o parlamento na cidade de Weimar (da qual deriva o nome Rep blica de Weimar , que perdurou de 1919 a 1933). Os espartaquistas acabaram presos. Luxemburgo, untamente com outros líderes esquerdistas, ficaram merc do Freikorps e foram assassinados.

O governo de Weimar foi duramente criticado quando assinou o Tratado de Versalhes, em unho de 1919. O ornalista de direita Wolfgang Kapp, apoiado pelo exército e pelo Freikorps, aproveitou a oportunidade para ocupar Berlim, em março de 1920 (o *uts h* de Kapp), com planos de estabelecer um governo nacionalista de direita. O governo democrático foi salvo quando 12 milh es de trabalhadores organizaram uma greve geral, paralisando o país.

uts h: palavra á incorporada ao portugu s (na forma original), que significa tentativa de golpe de Estado com vistas a tomar o poder . (N.T.)

Em 1923, a Alemanha de Weimar quebrou, deixando de pagar suas reparaç es de guerra, o que resultou na ocupação do vale do rio Ruhr uma região industrial por tropas francesas e belgas. Isso afetou ainda mais a moeda alemã, o marco, e a poupança dos alemães de classe média. Um pãozinho que custava 250 marcos, no início do ano, passou a custar 200 bilh es em novembro. Os alemães se viram forçados a guardar seus salários em malas; o papel-moeda se desvalorizou tanto que era usado para acender fogueiras.

Os problemas gerados pela hiperinflação deram origem a polarização política e revoltas, rapidamente sufocadas pelo exército. A extrema-direita na Baviera, apoiada por paramilitares e liderada pelo ex-soldado Adolf Hitler, plane ou marchar sobre Berlim para proclamar uma ditadura, como Mussolini fizera na Itália, em 1922, com seus Camisas Negras. Ao não obter apoio do exército, Hitler se contentou com uma pequena revolta numa cerve aria de Munique, em 8 de novembro de 1923 (o *uts h* da Cerve aria), que se desintegrou sob o fogo dos policiais. Hitler foi preso e a crise amainou.

A moeda alemã se estabilizou, e os Frenéticos Anos Vinte , de 1924 a 1929, foram economicamente produtivos. A democracia parlamentar e a rep blica sobreviveram, mas a uebra de Wall Street estava logo adiante.

A Ascensão do Nazismo

uando a Grande Depressão de 1929 mergulhou a Alemanha em uma nova crise econômica, Hitler estava preparado para se levantar. Após o *uts h* da Cerve aria de 1923, em Munique, ele fora sentenciado a cinco anos de prisão, tendo cumprido menos de nove meses. Enquanto estava encarcerado, escreveu *Mein a pf* (*Minha luta*), suas memórias políticas, obra na qual expressou sua antipatia pelos udeus e pelo comunismo. Durante os primeiros anos da Rep blica de Weimar, tornou-se figura exponencial no Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, o Partido Nazista. Com o apoio dos paramilitares nazistas das SA, propagou uma campanha de terror contra o comunismo. As SA usavam uniformes marrons, inspirados nos Camisas Negras da Itália, e foram recrutadas do Freikorps e de outros grupos violentos que apoiavam o nazismo.

_ Abreviatura de *Stur abteilung*, termo que significa Destacamento Tempestade , sendo s vezes traduzido como Tropa de Assalto , embora raramente se a traduzido. Os comp ndios de quase todas as línguas europeias, inclusive o portugu s, dão prefer ncia s iniciais (sempre sem pontos). (N.T.)

Os nazistas ganharam popularidade em aneiro de 1933 e, com a a uda de seu Ministro da Propaganda Joseph Goebbels, Hitler se tornou chanceler da Alemanha, liderando um governo de coalizão. Um m s depois, o Reichstag foi destruído pelo fogo. Hitler responsabilizou os comunistas e usou o inc ndio como pretexto para assumir poderes de emerg ncia, abolindo o Reichstag. O governo democrático, odiado por Hitler, deixou de existir na Alemanha. Em março do mesmo ano, a polícia nazista enviou comunistas, socialistas e sindicalistas para o primeiro campo de concentração nazista, em Dachau, onde foram usados como mão de obra escrava.

As reparaç es de guerra haviam agrilhoado a economia da Alemanha desde o Tratado de Versalhes, que Hitler havia muito considerava uma humilhação. Em 1933, aumentou extraordinariamente o n mero de seus seguidores ao suspender futuros pagamentos. Apertando mais o torniquete nazista, encora ou seus correligionários a queimar itens culturais não alemães, inclusive livros escritos por udeus e por autores esquerdistas. Em 1934, seus opositores políticos foram assassinados, inclusive os líderes das SA (na Noite das Facas Longas), num complô destinado a obter o apoio do exército a Hitler.

uando o presidente alemão Paul von Hindenburg morreu, em 1934, Hitler se autoproclamou o F hrer (líder) do Terceiro Reich (ou Terceiro Império), que os nazistas acreditavam estar construindo. (O primeiro império fora o Sacro Império Romano-Germ nico, na Idade Média; e o segundo fora o Império Alemão, de 1871 a 1918.) Nos anos que transcorreram até 1939, muitos alemães achavam que a ditadura de Adolf Hitler trouxera mudanças econômicas positivas. Hitler usava a propaganda para se apresentar como o salvador da pátria, obtendo apoio fanático s suas medidas para a eliminação de todos os inimigos do Reich.

A leal e temida força paramilitar de segurança nazista, tra ada de preto para se diferenciar das SA, as SS (*S hutzstaffel*, ou Esquadrão de Proteção), concretizavam cruelmente os dese os do F hrer. Dirigidas pelo extremado racista Heinrich Himmler, essas tropas de soldados políticos (Polícia do Estado),

assumiram o controle das forças policiais. Os membros da Waffen-SS (SS Armada) eram recrutados para unidades militares especiais, enquanto a Allgemeine SS (SS Geral) controlava a polícia e os assuntos raciais . Em 1939, 250 mil SSs á haviam sido disciplinados no sentido do ódio racial e da lealdade ao F hrer.

Enquanto a Alemanha se rearmava, em flagrante violação ao Tratado de Versalhes, Adolf Hitler garantia ao mundo que o fortalecimento militar tinha somente propósitos defensivos. Berlim sediou os Jogos Olímpicos de 1936, mas, nos bastidores, Hitler se ocupava em materializar planos secretos para a expansão da Alemanha e em estender seu belicismo. A Alemanha precisa de mais espaço para a preservação e o crescimento do povo alemão , disse ele a seus generais mais graduados. O outro ob etivo maior do F hrer era um acerto de contas final com os udeus.

Guerra Total

A Segunda Guerra Mundial envolveu 61 países e cerca de tr s quartos da população global. Exigiu a máxima capacidade econômica e industrial, assim como os esforços de todos os setores dos principais participantes. A oportuna descoberta dos antibióticos, a penicilina especificamente, efetuada, por acaso, pelo bacteriologista escoc s Alexander Fleming, em 1928, contribuiu para salvar a vida de muitos soldados feridos e su eitos a infecç es, mas, ainda assim, as baixas foram sem precedentes: cerca de 25 milh es de soldados, marinheiros e aviadores foram mortos; e ainda mais civis entre 30 e 60 milh es perderam a vida. Além disso, a Segunda Guerra Sino-Japonesa, conflito que se tornou parte da guerra mundial, provocou a morte de 10 a 25 milh es de civis chineses e mais de 4 milh es de militares chineses e aponeses.

Ao término das hostilidades, surgiu um novo mapa geopolítico: o comunismo dominava a Europa Oriental, os Estados Unidos haviam se tornado uma superpot ncia e a influ ncia da Europa Ocidental no assuntos globais diminuíra.

Preparação do Palco da Guerra

Em 1936, Hitler executou seu primeiro ato de expansão alemã, assumindo o controle da Ren nia, região industrial no oeste da Alemanha, que estava sob ocupação dos Aliados desde o fim da Primeira Guerra Mundial. Dois anos mais tarde, numa violação do Tratado de Versalhes, foi realizada a *ns hluss*, a anexação político-militar da ustria (país de língua alemã onde Hitler nasceu). A Liga das Naç es, fundada no final da Primeira Guerra Mundial, mostrou-se incapaz de deter a Alemanha, enquanto os Aliados, liderados por Grã-Bretanha e França, esperavam evitar mais uma guerra em larga escala mediante uma

política de apaziguamento. Ignorando, mais uma vez, as condiç es impostas pelo Tratado de Versalhes, a Alemanha se rearmou, reforçando seu exército e investindo em novos tanques e aeronaves. Isso gerou temporariamente um rápido incremento na economia global, pois a Grã-Bretanha, os EUA e a URSS correram para se equiparar Alemanha, desenvolvendo potencial militar próprio.

Hitler queria que todas as naç es europeias falantes de alemão fizessem parte da Alemanha, e deixou claro que pretendia anexar os Sudetos, uma região da Tchecoslováquia cu os habitantes, em sua maioria, falavam alemão._ Em setembro de 1938, a Grã-Bretanha e a França assinaram com a Alemanha o Acordo de Munique, que permitia a Hitler anexar o território sob o compromisso de não fazer novas exig ncias expansionistas. Neville Chamberlain, o primeiro-ministro brit nico, anunciou que o acordo trouxera paz para nossa época ; contudo, poucos meses depois, Hitler á estava exigindo o porto livre de Danzig, no mar Báltico (ho e Gdansk), e parte da Polônia, país que se recusava a ceder qualquer metro de seu território.

_ Após a Segunda Guerra Mundial, os tchecos expulsaram da área quase todos os falantes de alemão. Muitos foram mortos. (N.T.)

As Alianças Tomam Forma

Alemanha e Itália formaram uma aliança, pela primeira vez, em 1936: o Eixo Roma-Berlim, que foi reforçado pelo Pacto de Aço, em maio de 1939. Em agosto, a Alemanha firmou o inesperado Pacto de Não Agressão com a União Soviética, pois Hitler e Stalin, o líder russo, conspiravam para dividir a Polônia. Em setembro de 1940, o Japão se untou Aliança do Eixo, após assinar o Pacto Tripartite entre Alemanha e Itália.

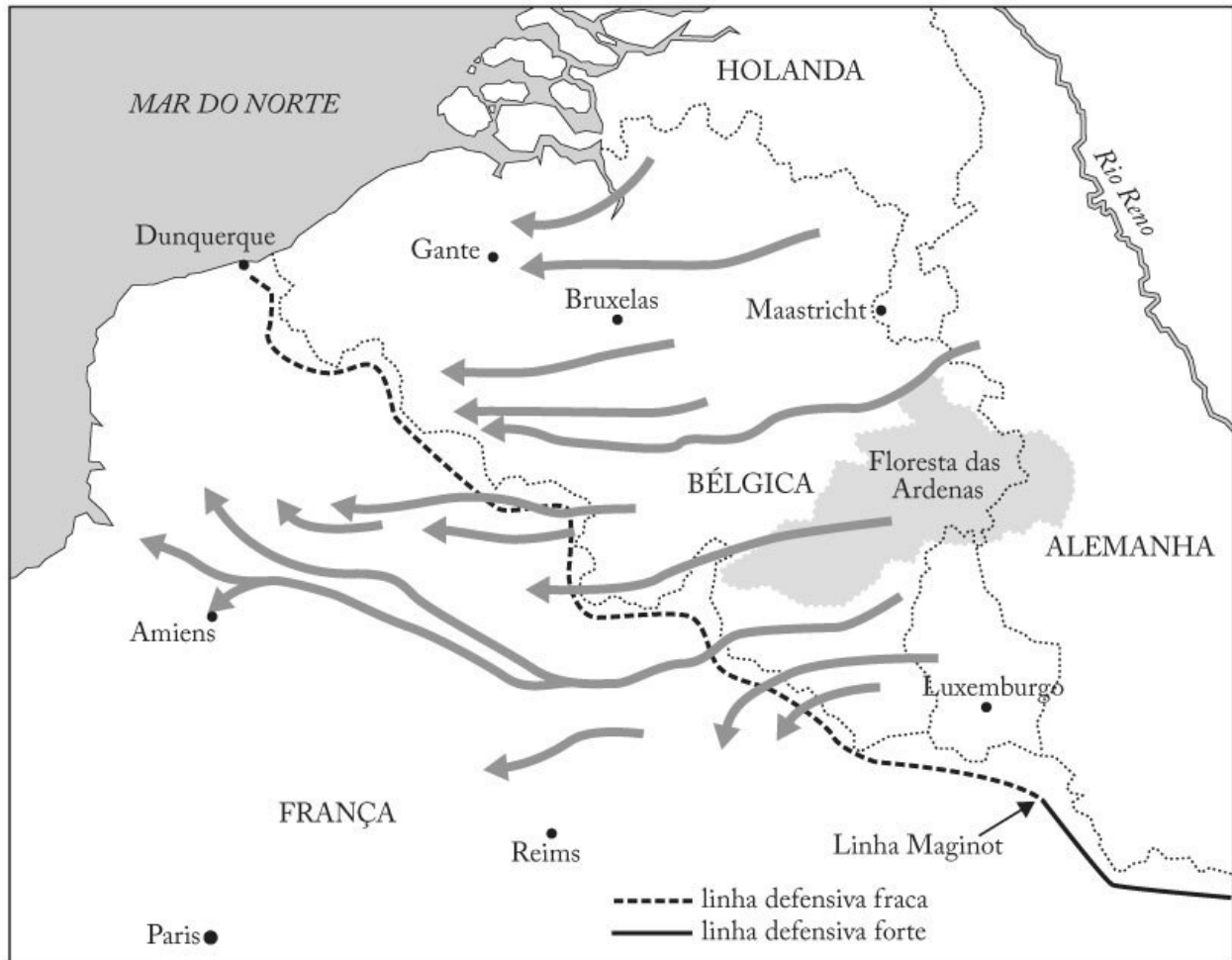
França e Polônia eram aliadas desde 1921; em 1939, a Grã-Bretanha concordou em apoiar a Polônia com uma aliança militar formal. Portanto, quando Hitler invadiu a Polônia, em 1º de setembro de 1939, a Grã-Bretanha declarou guerra Alemanha.

Blitzkrieg

Hitler se preparara bem. O exército alemão, s vésperas da guerra, totalizava 2,5 milh es de homens e contava com cinco divis es de tanques Panzer; sua força

aérea (a Luftwaffe) possuía mais de 1.000 avi es de combate e bombardeios. uando o Exército Vermelho soviético invadiu a Polônia pelo leste, em 17 de setembro de 1939, a desigualdade de forças tornou inevitável a derrota da Polônia, que caiu em 6 de outubro. Esse seria o padrão para os avanços alemães na primeira parte da guerra. A eficaz máquina de guerra alemã, usando modernos equipamentos mecanizados e dispondo da proteção aérea fornecida pela Luftwaffe, empregou a tática da *Blitzkrieg* (guerra-rel mpago) para penetrar, como um rolo compressor, nos territórios da Bélgica, Holanda, Noruega, Dinamarca e Luxemburgo. Nenhum desses países podia se equiparar militarmente, nem de longe, com o Terceiro Reich. O exército holand s nem mesmo dispunha de tanques.

A Queda da França

Em contraste com a *Blitzkrieg*, a França mantinha seu grande e bem-equipado exército por trás da Linha Maginot, um complexo de fortificaç es que ia dos Alpes até a fronteira belga, perto de Luxemburgo.

6 O avanço da Alemanha até a França, atravessando a Bélgica

O recrutamento militar na Grã-Bretanha teve início antes de a guerra eclodir; assim, uma Força Expedicionária Brit nica estava estacionada unto aos exércitos franc s e belga para enfrentar os alemães no início de maio de 1940, enquanto esses abriam caminho até a França. Foi quando ocorreu a primeira falha no plano de batalha dos Aliados: a Linha Maginot não se mostrou uma barreira significativa, pois os Panzers alemães avançaram pela floresta das Ardenas, considerada impenetrável pelos franceses, que, por isso, deixaram-na praticamente sem defesa. Seguidos pela infantaria mecanizada, os Panzers dividiram as Forças Aliadas, encurralando algumas no litoral. uando a Itália entrou na guerra, ao lado dos alemães, em unho de 1940, os nazistas precisaram de apenas seis semanas para conquistar completamente a França. Um movimento chamado França Livre, encabeçado pelo General Charles de Gaulle, que se encontrava na Grã-Bretanha, organizou a resist ncia da França contra o governo

colaboracionista franc s, sediado na cidade de Vichy e tutelado pelos nazistas. Tal governo fora formado pelo Marechal Philippe Pétain, herói de guerra em Verdun que pretendia poupar a França dos horrores sofridos na Primeira Guerra Mundial.

A Guerra Secreta

Os membros da Resist ncia Francesa e outros *partisans* provinham de todas as classes sociais. Muitos líderes de diversos movimentos de resist ncia desempenhariam um papel importante na política pós-guerra, como Josip Tito, por exemplo, que se tornou ditador da Iugoslávia.

artisans: milicianos que se opunham ocupação estrangeira. Durante a Segunda Guerra Mundial, diversos países ocupados pela Alemanha abrigaram *partisans* entre eles a França, onde esse termo foi cunhado. (N.T.)

Era uma vida perigosa para espi es e *partisans*: as SS (guarda de elite do partido nazista) geralmente os executavam quando os capturavam e ainda praticavam bárbaros atos de atrocidade contra eles. Após o assassinato do graduado oficial das SS Reinhard Heydrich, na Tchecoslováquia, em 1942, as SS executaram mais de 200 pessoas no vilare o de Lídice.

artisans armados articularam uma guerra de guerrilhas contra os alemães por toda a Europa.

Formas comuns de resist ncia incluíam assassinatos, sabotagens e revoltas, como o Levante do Gueto de Varsóvia, em 1943. Em agosto de 1944, a Resist ncia Francesa se revoltaria contra a ocupação alemã de Paris, o que contribuiria para a libertação da capital no mesmo m s. A resist ncia passiva incluiu protestos políticos na Bulgária, impedindo a deportação da população udaica do país, untamente com operaç es tartaruga, que retardaram a logística nas redes ferroviárias após a invasão Aliada da Europa, em 1944. Simplesmente escondendo rádios, passando mensagens ou informando os movimentos das tropas alemãs, milhares de cidadãos comuns dos países ocupados prestaram a uda aos movimentos de resist ncia.

Espi es e agentes secretos saltaram de paraquedas por trás das linhas inimigas para abastecer os movimentos de resist ncia ou para obter informaç es vitais.

Alguns dos equipamentos fornecidos eram tão fantásticos quanto os exibidos nas histórias de James Bond, como, por exemplo, bombas para serem colocadas dentro de ratos mortos.

A EVACUAÇÃO DE DUN UER UE

s tan ues e a infantaria e anizada de itler se ostrava irrefre veis aio de 0 en urralara a orça xpedi ion ria Brit ni a na idade osteira de un uer ue no norte da rança Mas e vez de andar ue avançasse itler segurou suas tropas ordenando ue a uft affe bo bardeasse as tropas liadas no solo sse breve al vio per itiu ue a eal orça rea defendesse as forças terrestres brit ni as dando-lhes te po para pedir a a uda de ivis

Marinheiros ue ia de adoles entes a av s operando u a flotilha de pe uenos navios na verdade bar os de pes a bar os salva-vidas e iates atravessara o Canal da Man ha repetidas vezes trazendo soldados brit ni os fran eses e belgas das praias de un uer ue oi u triunfo na derrota a aioria dos soldados foi resgatada e bora o grosso de seus e uipa entos tenha sido deixado para tr s rã-Bretanha e seu i p rio estava s s na luta ontra os nazistas

---

Também muito conhecida por suas iniciais na língua inglesa: RAF, de *oyal ir or e*. (N.T.)

A Batalha da Grã-Bretanha

Em 10 de maio de 1940, Winston Churchill se tornou primeiro-ministro brit nico, após a ren ncia de Chamberlain. Churchill liderou o país nos dias mais sombrios, pois, em ulho, teve início, nos céus, a Batalha da Grã-Bretanha (também conhecida como Batalha da Inglaterra). No princípio, a Luftwaffe bombardeava apenas alvos militares. Depois, em setembro, a blitz foi iniciada, com ataques a Londres e outras cidades. Hermann G ring, comandante da Luftwaffe, declarara que seus avi es limpariam o caminho para uma invasão da Grã-Bretanha, mas estava enganado. Embora amplamente superada em n mero, a Real Força Aérea e seus aliados acabaram tornando os ataques da Luftwaffe custosos demais para serem mantidos com a intensidade inicial. Assim, em outubro, Hitler abandonou os planos de invasão. A defesa da Grã-Bretanha efetuada pela RAF foi um dos momentos-chave da guerra. Churchill elogiou a RAF em seu famoso discurso: Nunca tantos deveram tanto a tão poucos.

As incurs es aéreas continuaram ao longo da guerra, embora, em 1941, o foco da Luftwaffe tenha se voltado para os campos de batalha que se haviam aberto na URSS. Para a Grã-Bretanha, sem tropas na Europa, os bombardeios aéreos eram

o nico meio disponível para destruir alvos militares ou industriais do inimigo, mas os bombardeios convencionais eram imprecisos e perigosos: atingiam poucos alvos e as perdas eram muitas. Um novo tipo de guerra aérea foi então proposto pelo Marechal Sir Arthur Bombardeiro Harris: o bombardeio por área, ho e conhecido como tapete de bombas.

A ideia de Harris foi testada na primavera de 1942, envolvendo mais de 1.000 avi es, e destruiu uma área de 2,4 quilômetros quadrados na cidade de Colônia, com uma perda de apenas 39 aeronaves para os avi es de combate inimigos ou foguetes terra-ar.

Indo a Pique e Pondo a Pique

Muito antes de os soldados brit nicos e alemães se encontrarem nos campos de batalha, seus maru os infligiam uns aos outros tantos estragos quanto possível na Batalha do Atl ntico. Em 3 de setembro de 1939, dois dias após a invasão da Polônia, um submarino alemão afundou o transatl ntico *thenia*, matando 117 pessoas, entre passageiros e tripulantes. Desde então, os navios brit nicos passaram a via ar em comboios protegidos.

A Alemanha alcançou um feito sensacional em outubro de 1939, quando o submarino - penetrou na base naval brit nica em Scapa Flow_ e torpedeou o encouraçado *oyal ak*, matando 833 homens. A Marinha Real retaliou em dezembro, danificando seriamente o navio de guerra *raf Spee*, que avançou com dificuldade até Montevidéu, no Uruguai, onde seu capitão o afundou, para que não caísse em poder dos Aliados. Parte dos destroços ainda pode ser vista nas proximidades do porto.

_ Braço de mar localizado nas Ilhas Orkney, Escócia. (N.T.)

Ambos os lados espalharam minas na sua costa, com o propósito de formar bloqueios, enquanto os encouraçados, dotados de grandes canh es, brincavam de gato e rato uns com os outros pelos mares. Os Aliados acabaram perdendo toneladas de carregamentos para os *-boots*. Em setembro de 1940, a Marinha Real ganhou um reforço de peso, quando os EUA transferiram 50 destróieres para a Grã-Bretanha em troca do direito de utilizar bases militares nos domínios brit nicos ao redor do mundo. No ano seguinte, um Contrato de Arrendamento formal foi firmado entre os Estados Unidos e o Reino Unido, no sentido de

permitir que avi es, tanques e canh es americanos fossem emprestados ou alugados aos Aliados. O presidente americano Roosevelt se referia aos Estados Unidos como o arsenal da democracia .

Os -*boots* caçavam em matilhas , usando mensagens codificadas nas máquinas Enigma para transmitir informaç es sobre as posiç es e o poder de fogo dos navios Aliados, bem como ordens de ataque. Seu impacto foi devastador, até que uma das Enigma caiu em poder dos Aliados em 1941, e os quebradores de códigos reunidos em Bletchley Park_, liderados pelo genial Alan Turing, decifraram as mensagens. O fato colocou os comboios brit nicos em vantagem, conseguindo evitar os -*boots* enquanto a marinha os perseguia. Em maio de 1943, os Aliados obtiveram supremacia no Atl ntico. Depois que a Alemanha invadiu a URSS, a guerra naval se concentrou no oceano rtico, por onde os Aliados tentavam levar armas para a União Soviética.

_ Bletchley Park é o nome de uma mansão situada na cidade de Milton Keynes, no condado de Buckinghamshire, sul da Inglaterra. (N.T.)

O Avanço Nazista É Congelado

Após ser bloqueado no Canal da Mancha pela RAF, Hitler dirigiu sua atenção para os Bálcãs e para os territórios mais a oeste. Países como a Bulgária se untaram ao Eixo, que compreendia Alemanha, Itália e Japão; outros países, como Grécia e Iugoslávia, foram conquistados. Então, com a Operação Barbarossa, deflagrada em unho de 1941, Hitler se voltou contra a sua antiga aliada (pois o Pacto de Não Intervenção entre a Alemanha e a URSS sempre fora uma medida temporária) e enviou para a União Soviética 4 milh es de soldados, a maior força invasora á vista na história. Tinha seus motivos: o comunismo era inimigo natural do nazismo; a filosofia nazista considerava os russos e todos os eslavos gente inferior; era preciso abrir espaço para os arianos nas áreas da União Soviética ocupadas pelos nazistas para isso, os russos eram privados de alimentos até morrer; e, é claro, a Alemanha precisava desesperadamente dos recursos naturais da URSS.

No início, a *Blitzkrieg* funcionou. Descrevendo movimentos de pinça, os alemães isolaram tropas soviéticas em grandes bols es. No início de dezembro, á haviam tomado as cidades de Kiev, na Ucr nia, e Cracóvia, na Polônia. Sitiavam Leningrado e estavam a apenas 30 quilômetros de Moscou, quando o inverno

russo congelou o avanço. Mais bem-adaptado ao clima, o Exército Vermelho se recompôs e deu início a bem-sucedidos contra-ataques, empurrando as forças do Eixo para longe de Moscou. Hitler, no entanto, não quis aceitar a retirada tática que seus conselheiros lhe haviam recomendado.

A BATALHA DE STALINGRADO

unho de 2 itler desfe hou duas novas ofensivas ontra a região do C u aso e ontra a i portante idade industrial de Stalingrado ho e olgogrado batalha foi travada de rua a rua e de pr dio a pr dio o os desesperados defensores sendo e purrados at u a estreita faixa de terra à arge do rio olga ntretanto o suas linhas de supri entos esti adas de ais o ex r ito ale ão sofria pesadas perdas

oi uando o x r ito er elho surpreendeu itler lançando u ata ue e duas frentes a partir dos territ rios ad a entes ro pendo os fr geis flan os ale ães e er ando as forças nazistas ue se en ontrava e Stalingrado p s dois eses sob u a te peratura ongelante e e estado de inanição os ale ães desobede era às ordens re ebidas e se rendera

uase 2 ilh es de soldados orrera fora apturados ou desapare era na Batalha de Stalingrado as baixas russas entre os ivis fora esti adas e 0 il vidas itler viu essa derrota o o u a enor e hu ilhação por ais i portante ue isso a vit ria sovi ti a p s u ponto-final no avanço nazista batalha foi u divisor de guas na guerra o o ento e ue a ar virou a favor dos liados partir de então o x r ito er elho avançou e os nazistas re uara de ulho de as duas forças ini iara e ursk a aior batalha de tan ues da hist ria u a vez ais os sovi ti os sa ra vitoriosos não parara ais at entrar e Berli uase u ano ais tarde

---

Caçando a Raposa do Deserto

No início da guerra, a Grã-Bretanha controlava as passagens marítimas estratégicas do Mediterr neo: Gibraltar, na extremidade oeste, e o Canal de Suez, a leste. No final de 1940, com ambiç es territoriais na frica, a Itália atacou o Egito a partir da Líbia, então sua colônia. O ataque foi um desastre e, no início de 1941, quase todos os territórios italianos na frica haviam sido tomados pela Grã-Bretanha, que também fez 130 mil prisioneiros de guerra. Em 5 de maio de 1941, o então imperador da Etiópia, Haile Selassie, que estava no exílio desde que a Itália conquistara seu país, em 1936, retornou Etiópia. Ao término de sua conquista dos Bálcãs e da Grécia, a Alemanha veio em socorro da Itália. Sob o comando do Marechal de Campo Erwin Rommel, apelidado Raposa do Deserto , o Afrika Korps alemão chegou ao norte da frica em fevereiro de 1941. Seguiu-se uma série de batalhas de tanques e carros blindados no Deserto Ocidental, com avanços e recuos de parte a parte. A cidade portuária de Tobruk, na Líbia, mudou de mãos diversas vezes ao longo da guerra. Unidades da Austrália e da Nova el ndia lutaram na campanha do norte da frica desde o

início, e as tropas sitiadas por Rommel em Tobruk, em 1941, acolheram com orgulho a alcunha de Ratos de Tobruk , que lhes foi conferida desdenhosamente por Lorde Há-Há,_ propagandista do nazismo.

_ *ord a - a* , em ingl s. Cognome de William Brooke Joyce (1906-46), locutor nascido nos Estados Unidos e criado na Irlanda que, em ingl s aristocrático, transmitia propaganda nazista para o Reino Unido. Seu apelido teve origem na risada irônica com que ponteava suas transmiss es. Capturado pelas tropas brit nicas na Alemanha, em 1945, Joyce foi condenado morte por alta traição e enforcado no ano seguinte. (N.T.)

Rommel desencadeou uma nova ofensiva em unho de 1942, que só foi sustada na Primeira Batalha de El Alamein, não muito longe de Alexandria, no Egito. A essa altura, havia um perigo real de que ele pudesse seguir em frente e tomar o Canal de Suez, dominando o acesso aos estoques de petróleo do Oriente Médio, vitais para o esforço de guerra brit nico.

Em agosto de 1942, um novo comandante Aliado chegou região: o general ingl s Bernard Montgomery. Sob sua direção, os Aliados iniciaram um ataque devastador e, na Segunda Batalha de El Alamein, puseram em fuga os tanques alemães, passando os quatro meses seguintes perseguindo as forças do Eixo através da Líbia e por trás da Linha Mareth, um sistema de fortificaç es na Tunísia. Foi o momento decisivo da Guerra no Deserto.

O estágio final da campanha no norte da frica foi iniciado em novembro de 1942, com a Operação Tocha, uma tentativa de cercar as forças alemãs e italianas. Com o ob etivo de capturar o estratégico porto de Casablanca, soldados ingleses e americanos esses sob o comando do General George S. Patton desembarcaram no Marrocos e na Argélia, países controlados pela França de Vichy. Patton liderou os americanos na tomada do porto. Enquanto a França de Vichy resistia invasão do Marrocos, a Resist ncia Francesa entrou em ação e assumiu o controle na Argélia.

O plano dos Aliados funcionou e, em maio de 1943, o exército do Eixo na Tunísia se rendeu. A ltima parte da Guerra no Deserto contribuiu para a estratégia geral Aliada, pois aliviou a pressão sobre a URSS, aprisionou centenas de milhares de experientes soldados alemães e proporcionou aos Aliados uma cabeça de ponte para a invasão da Itália. Essa começou em ulho de 1943, com

um ataque   Sicília que conquistou a ilha, mas não conseguiu impedir a fuga das forças do Eixo para a Itália continental.

Em 24 de ulho de 1943, o governo italiano mudou de lado e depôs Benito Mussolini, negociando um armistício com os Aliados no dia 3 de setembro. No caos que se seguiu, forças alemãs resgataram Mussolini e tentaram preencher as lacunas das defesas italianas; os Aliados perseguiram as tropas da Itália país acima até serem detidas na montanhosa região norte. Foi somente em 2 de maio de 1945 que as forças do Eixo na Itália se renderam.

O Sol Nascente se Levanta

O Império do Japão assinalara seu ingresso no palco mundial derrotando a R ssia em 1905 e colonizando a Coreia em 1910, como parte de um plano para ampliar sua influ ncia política e militar na   sia.

A participação na Primeira Guerra Mundial impulsionara o crescimento econômico do Japão, mas a recessão mundial no final da década de 1920 dera origem, ali, a um nacionalismo extremado, assim como na Itália e na Alemanha. As influ ncias ocidentais foram re eitadas em favor dos valores tradicionais dos guerreiros samurais: coragem, obedi ncia e estrita disciplina. Rendição era algo impensável, e o soldado que se deixava aprisionar perdia sua honra.

Em 1931, o Japão tomou a Manch ria, no nordeste da China; depois, em 1937, deflagrou a Segunda Guerra Sino-Japonesa, uma invasão em larga escala do território chin s. O bem-treinado exército apon s tomou as cidades de Xangai e Pequim, antes de invadir a então capital Nanquim e embarcar numa orgia de estupros e assassinatos, no que ficou conhecido como Massacre de Nanquim, ou Estupro de Nanquim. No entanto, o Japão amais consolidaria seu domínio na China.

Como um contrapeso   expansão aponesa, os Estados Unidos reforçaram sua presença no Pacífico, criando uma poderosa força naval baseada em Pearl Harbor, no Havaí. Um recrutamento militar seletivo foi introduzido no país em 1940 e, embora os Estados Unidos não estivessem combatendo, muitos voluntários americanos lutavam unto com os Aliados desde o início da guerra.

O Japão, que cobiçava os ricos recursos naturais das colônias europeias do Pacífico, começou a deslocar tropas para territórios da França de Vichy, na Indochina, criando uma cabeça de ponte para a invasão da Birm nia, da Malásia e de Cingapura, os centros de poder da Grã-Bretanha no Extremo Oriente. Mas, com a Grã-Bretanha ocupada na Europa, os Estados Unidos representavam a maior ameaça ao Japão no Pacífico.

Ataque de Surpresa em Pearl Harbor

O Japão acreditava que os Estados Unidos não suportariam uma campanha prolongada. Portanto, mesmo enquanto negociava um tratado de paz com os americanos, enviou submarinos e porta-avi es base americana de Pearl Harbor, no Havaí. O ataque, no início da manhã de 7 de dezembro de 1941, foi uma completa surpresa. Mais de 2.330 americanos foram mortos, quase todos os avi es em solo, destruídos, e a maior parte da frota, seriamente danificada. Mas tr s porta-avi es americanos, que se encontravam no mar durante o ataque, escaparam e serviram para formar o n cleo de uma nova esquadra. De modo geral, o ataque logrou apenas sucesso parcial, á que acabou extinguindo, entre os americanos, qualquer dese o de neutralidade. Agora, longe de abandonar o teatro de operaç es do Pacífico, os EUA estavam determinados a obter vingança por Pearl Harbor.

No dia 8 de dezembro de 1941, Franklin D. Roosevelt classificou o ataque como uma data que viverá na inf mia . Uma hora depois, os Estados Unidos formalmente declararam guerra ao Japão.

Embora soldados e marinheiros de diversos países, em especial da Austrália e da Nova el ndia, á lutassem na região do Pacífico, os Estados Unidos assumiram o comando geral dos esforços Aliados no sudoeste do Pacífico, que se tornou um grande teatro de operaç es da guerra após o ataque apon s.

O Japão Busca um Império

Dezembro de 1941 foi um m s atarefado para os aponeses, que deram continuidade a diversas ofensivas: desembarque no norte da Malásia, tomada de Hong Kong e destruição da força aérea americana nas Filipinas, em outro ataque aéreo de surpresa, com a subsequente invasão do arquipélago.

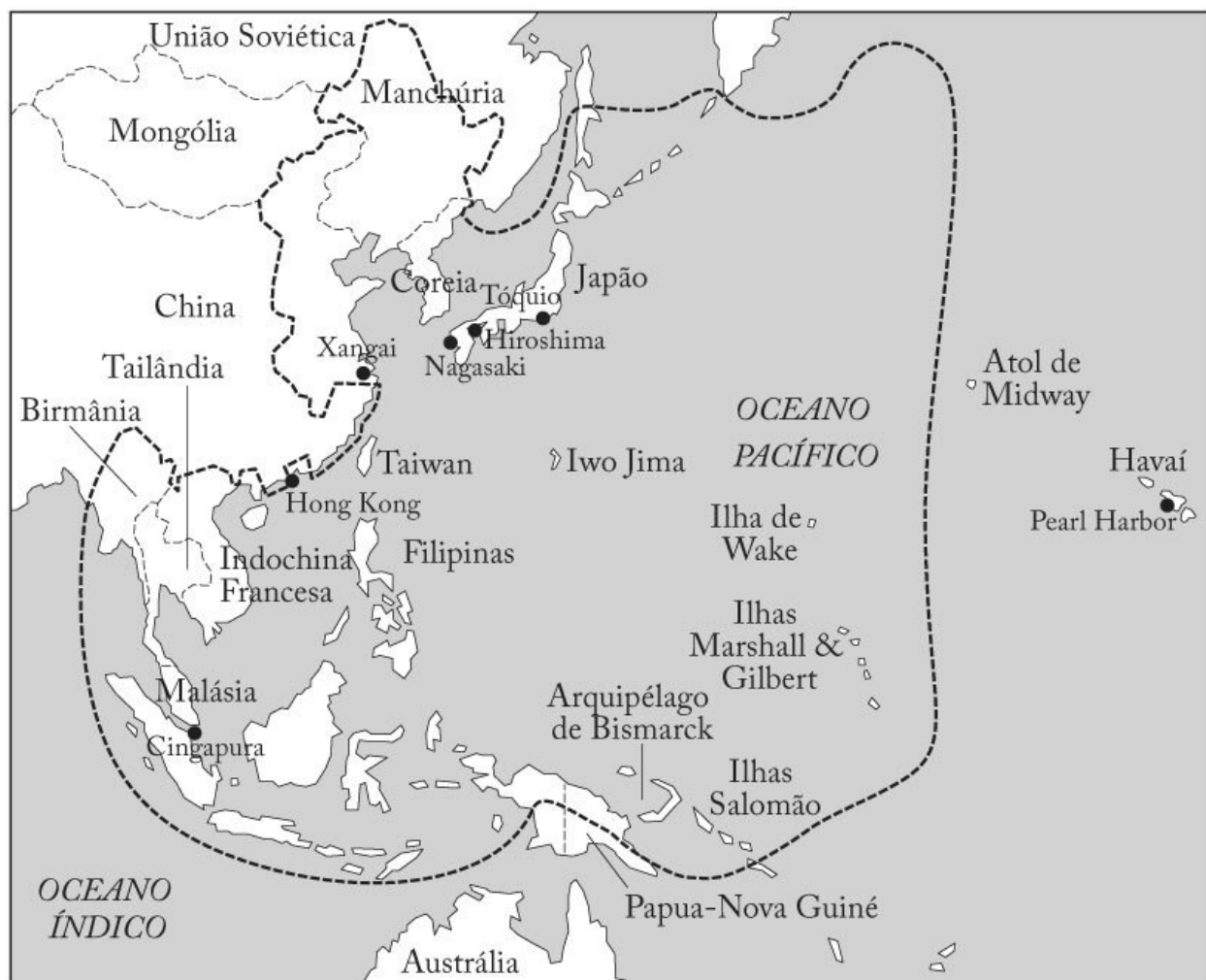
Ao sul da península malaia, a possessão brit nica de Cingapura era supostamente inexpugnável. Os brit nicos achavam que a selva protegeria a cidade de um ataque por terra; assim, os poderosos canh es do território estavam voltados para o mar. Mas seus maiores navios de guerra um cruzador e um encouraçado acabaram destruídos no intervalo de apenas uma hora por bombardeiros aponeses. Enquanto promoviam o caos em solo com seus ataques aéreos, os aponeses, pelo norte, abriam caminho na floresta. As tropas Aliadas, em Cingapura, eram tr s vezes maiores que as forças invasoras do Japão, pois haviam superestimado o poder de fogo dos aponeses. Em compensação, subestimaram sua estratégia.

Assim, em fevereiro de 1942, apresentaram sua rendição, por intermédio do

general brit nico Arthur Percival. Foi uma humilhação para a Grã-Bretanha: a primeira vez que uma enorme força militar se rendia a um contingente bem menor.

A BATALHA DE MIDWA

o in io de 2 os aponeses obtivera ais vit rias a ra as ilipinas a Bir nia e as ndias rientais olandesas ndon sia u a grande on uista devido ao petr leo l existente apão dese bar ou por toda parte in lusive na ova uin e nas lhas Salo ão no norte da ustr lia al das lhas Marshall ilbert e lha de ake ais ao norte apão lançou tantos bo bardeios no norte da ustr lia ue ulheres e rianças australianas pre isara ser eva uadas ais para o sul ntão e unho o apão voltou sua atenção para as forças a eri anas no atol de Mid ay no eio do o eano a fi o pr xi o ao ava

essa altura no entanto as o uni aç es de r dio dos aponeses estava sendo inter eptadas e os reforços a reos e navais a eri anos al ançara Mid ay a te po Sofrendo pesadas baixas u grupo de bo bardeiros de ergulho auntless ue voara do porta-avi es Enterprise *destru ra e apenas in o inutos tr s porta-avi es aponeses os aponeses fora repelidos partir de então o apão não ven eu ais nenhu a batalha i portante*

7 Extensão da expansão aponesa em 1942

Subjugando o Dragão Imperial

A partir de 1942, os Aliados tomaram a iniciativa e começaram a pressionar o Japão em diversas frentes. No sudoeste do Pacífico, expulsaram-no de Guadalcanal, das Ilhas Salomão e da Nova Guiné; retomaram as Filipinas e conseguiram reconquistar Okinawa.

No meio do Pacífico, uma série de incurs es anfíbias ense ou o que ficou conhecido como saltos de ilha em ilha . Ilha a ilha, e muitas vezes lutando cara a cara, os Aliados constituíram bases de onde poderiam bombardear o Japão. Em outubro de 1944, ao largo das Filipinas, as Forças Aliadas saíram vitoriosas na Batalha do Golfo de Leyte, o maior combate naval da história. A marinha e a força aérea aponesas estavam agora incapacitadas de deter os Aliados. Em desespero, lançaram contra eles ataques aéreos suicidas que ficaram conhecidos

como *a ikaze* (Divino Vento). Com a invasão da Birm nia, as Forças Aliadas iniciaram a libertação do Sudeste da sia. Mas o Japão não se rendia.

Assassinato como Solução Final

Os nazistas de Hitler tomaram o poder na Alemanha, em parte porque responsabilizavam os udeus pelos problemas econômicos do país. Sua filosofia de superioridade ariana alegava que era dever da Alemanha livrar o mundo das raças inferiores , como, por exemplo, os udeus. Assim que se tornou chanceler do Terceiro Reich, em 1933, Hitler promulgou uma legislação anti udaica. E, tão logo o fascismo assumiu o controle, a emigração udaica aumentou. Entre os refugiados, estava Albert Einstein, que deixara Berlim em 1933, e Sigmund Freud, que abandonara a ustria em 1938. Milh es de outros não tiveram tanta clarivid ncia nem tanta sorte.

Empresas pertencentes a udeus e sinagogas foram atacadas na *ristallna ht* (Noite dos Cristais , que ficou conhecida também como Noite dos Vidros uebrados). Os nazistas começaram a restringir a emigração dos udeus e, por fim, decidiram interná-los em guetos ou aprisioná-los em campos de concentração.

O primeiro campo de concentração nazista foi aberto em 1933, nos arredores da cidade de Dachau, para abrigar inimigos políticos. Essa categoria logo se ampliou para incluir grupos minoritários, particularmente os udeus, mas também ciganos e homossexuais. Após a deflagração da guerra, os campos de concentração se tornaram campos de trabalho forçado, abrigando também prisioneiros de guerra e outros grupos étnicos, como os eslavos, que os nazistas consideravam inferiores. Nesses campos, dirigidos pelas SS, a tortura e a inanição eram lugar-comum. Mas coisas ainda piores estavam por vir.

Em dezembro de 1941, em Chelmno, na Polônia, as SS abriram o primeiro campo especialmente construído para o extermínio. Um m s mais tarde, os líderes nazistas se encontraram na Confer ncia de Wannsee, em Berlim, para discutir uma Solução Final para o que chamavam de o problema udeu na Europa . A decisão tomada foi o genocídio: estabelecer mais campos de extermínio para aniquilar udeus, no que se tornaria um processo industrializado. Foram implantados mais cinco campos da morte, todos na Polônia, inclusive o de Auschwitz-Birkenau. Alguns eram tão grandes que contavam com suas próprias linhas de trem. Grupos de udeus recebiam frequentemente a informação de que seriam reassentados no leste; forçados a via ar em vag es e caminh es de gado e conduzidos a um desses campos, s vezes eram descarregados diretamente nas

c maras de gás. Oficiais de polícia dos países ocupados, como a Polônia e a França de Vichy, a udavam os alemães a arrebanhar udeus e a deportá-los para os campos da morte.

Mais de 6 milh es de udeus (78 dos udeus na Europa ocupada pelos nazistas, segundo estimativas) e cerca de 5 milh es de outros prisioneiros morreram em campos de extermínio durante o Holocausto; foi o pior genocídio da história.

Operação Overlord

Em 6 de unho de 1944, uma terça-feira, os Aliados veicularam a primeira informação a respeito da Operação Overlord: Sob o comando do General Eisenhower, as forças navais Aliadas, com o apoio de poderosas forças aéreas, iniciaram o desembarque de exércitos Aliados na costa norte da França.

A invasão Aliada da Europa finalmente começara. Nesse dia, que recebeu o nome de Dia D, 7.000 embarcaç es a maior armada da história desembarcaram tropas Aliadas nas praias da Normandia e iniciaram a libertação da Europa Ocidental. Parte da operação fora convencer a Alemanha de que a invasão seria mais a leste, em Pas-de-Calais. O artifício funcionou, pois as defesas alemãs foram concentradas longe da Normandia. Mesmo assim, e a despeito de sua superioridade aérea, os Aliados tiveram de enfrentar uma terrível bateria de canh es antes de conseguirem estabelecer uma cabeça de ponte, sofrendo 15 mil baixas nas áreas de desembarque.

Mas, em poucas semanas, os Aliados romperam as linhas alemãs e seguiram rumo ao interior. Paris foi libertada em 25 de agosto. Enquanto a União Soviética avançava pelo leste, os Aliados atravessaram a Bélgica e se aproximaram do norte da Alemanha, mas, em Arnhem, na Holanda, não conseguiram apoderar-se de algumas pontes sobre o Reno. Em dezembro, Hitler desfechou sua ltima ofensiva, a Batalha das Ardenas, pelo mesmo caminho onde, anos antes, havia irrompido na França.

O contra-ataque alemão fracassou, e os Aliados penetraram na Alemanha. Em 30 de abril de 1945, quando o Exército Vermelho á se encontrava nos arredores de Berlim, Hitler cometeu suicídio em seu bunker. Seguiu-se, então, a rendição incondicional da Alemanha nazista, no dia 7 de maio de 1945.

Ataques do Menininho e do Homem Gordo

Apesar da vitória dos Aliados na Europa, o Japão, teimosamente, recusava-se a

passar vergonha admitindo a derrota. Frustrados, os Aliados aprovaram a Declaração de Potsdam, que intimava o Japão, de uma vez por todas, a se render ou enfrentar a destruição. Ainda assim, o governo apon s se recusou a aceitar a paz. Portanto, em 6 de agosto, a primeira bomba atômica, chamada de Menininho (Little Boy), foi ogada sobre Hiroshima pelo bombardeiro americano B-29 Enola Gay; tr s dias depois, uma segunda bomba, chamada de Homem Gordo (Fat Man), atingiu Nagasaki. Milhares de pessoas foram mortas imediatamente e milhares morreram envenenadas pela radioatividade. Diante de um ataque tão devastador, o Imperador Hirohito ordenou a rendição. Por fim, em 2 de setembro, uma cerimônia formal foi realizada e a guerra chegou ao fim.

A bomba atômica, que provoca uma reação em cadeia no interior de um átomo de ur nio, teve como base desenvolvimentos na física qu ntica e na física nuclear que os nazistas haviam classificado como ci ncia degenerada udaica .

O artefato fora desenvolvido em sigilo no Pro eto Manhattan, nos Estados Unidos. Ao testemunhar uma explosão experimental em 1945, o cientista Robert Oppenheimer, superintendente do pro eto, citou uma passagem do texto religioso indiano conhecido como *Bhagavad ita* (Canção de Deus): Eu me tornei a Morte, a destruidora de mundos. A bomba foi o maior pro eto proveniente das pesquisas realizadas durante a guerra, mas também abriu caminho para o uso pacífico da energia nuclear. Os foguetes que levaram a Apolo II até a Lua, em 1969, tiveram origem na tecnologia de foguetes que a Alemanha Nazista utilizou para lançar as bombas V2 durante a guerra.

O Desfecho

uando a paz foi declarada, a Europa estava em ruínas, com cerca de 6 milh es de refugiados no continente, além de outros milh es na sia. A destruição de muitas cidades e as novas divis es do pós-guerra impediram ou desencora aram muitas pessoas de retornar s suas casas.

A Alemanha e o Japão sofreram a indignidade de ter áreas ocupadas, o equilíbrio de poder no mundo se deslocou drasticamente da Europa Ocidental para os Estados Unidos e a URSS, novas alianças foram feitas e novos grupos internacionais tiveram de ser criados. Pela primeira vez na história, criminosos de guerra acabaram responsabilizados pela comunidade internacional.

O Apogeu da Metade do Século

Ao término da Segunda Guerra Mundial, a maior parte da Europa e grande parte da sia estavam economicamente exauridas. Em muitos países, as bases industriais haviam sido destruídas, cidades grandes e pequenas precisavam urgentemente ser reconstruídas. Entretanto, a ind stria americana havia prosperado, vendendo equipamentos militares para os Aliados. Em 1945, os Estados Unidos eram o país mais rico do mundo, com 43 da produção mundial de minério de ferro, 45 da produção mundial de aço bruto e 74 da produção mundial de veículos motorizados.

A produção das ind strias americanas, após a guerra, começou a se deslocar de armamentos para bens de consumo. Foi o início de uma explosão econômica que afetaria todos os países, exceto aqueles em desenvolvimento, e que se prolongaria até a metade da década de 1970.

A Europa se Reconstrói

uando a URSS iniciou seu domínio sobre a Europa Oriental, os EUA lançaram a Doutrina Truman, pro eto destinado a conter o comunismo mediante oferta de a uda econômica, militar ou política a qualquer país que os Estados Unidos achassem que poderia ser influenciado pelos soviéticos. Em 1948, a a uda econômica se tornou conhecida como Plano Marshall em refer ncia ao Secretário de Estado George Marshall , por meio do qual os Estados Unidos repassaram cerca de 13 bilh es de dólares a naç es da Europa Ocidental para que reconstruíssem suas economias e aderissem ao livre-comércio. O Presidente Truman acreditava que países prósperos teriam menos probabilidade de optar pelo comunismo e manteriam a economia americana em expansão ao comprar

produtos dos EUA. A URSS proibiu seus países-satélites de se inscrever no Plano Marshall.

_ Cargo com funç es quase id nticas, nos Estados Unidos, s do ministro das relaç es exteriores no Brasil. (N.T.)

Outra instituição criada (foram in meras) para a implantação de uma estabilidade financeira foi o sistema monetário de Bretton Woods, estabelecido pelas naç es Aliadas em 1944, antes do término da guerra. Batizado com o nome da cidade de New Hampshire, onde foi concebido, o sistema solicitava aos Estados-membros que atrelassem suas taxas de c mbio ao dólar americano, que, por sua vez, era lastreado em determinada quantidade de ouro (o padrão-ouro). Os acordos de Bretton Woods levaram criação do Fundo Monetário Internacional (FMI), destinado a regulamentar as taxas de c mbio, e do Banco Mundial, destinado a financiar a recomposição de capitais. Todos os países esperavam que a estabilidade financeira, somada ao crescimento do comércio em escala planetária, pudesse prevenir a eclosão de outra guerra mundial. Mas a URSS se recusou a ratificar os acordos de Bretton Woods, alegando que os EUA tinham demasiada influ ncia no FMI e no Banco Mundial, e, por conseguinte, nas finanças globais.

Na década de 1950, com a a uda do Plano Marshall, a reconstrução começou a obter sucesso nos países-membros da Organização do Tratado do Atl ntico Norte (OTAN) e em outros países alinhados a ela.

Um Mundo Minguante

Enquanto o século 19 fora a época dos Estados nacionais e dos impérios, o século 20 teve como característica a formação de confederaç es internacionais (OTAN e Pacto de Varsóvia). Algumas eram voltadas promoção da paz mundial, outras constituíam pactos de defesa m tua e muitas formavam blocos econômicos.

Ao final das duas traumáticas guerras mundiais, houve tentativas de cooperação internacional: a Liga das Naç es, em 1920, e as Naç es Unidas (ONU), em 1945. A Liga das Naç es foi a primeira organização internacional voltada especificamente manutenção da paz mundial, porém se mostrou incapaz de controlar as invas es territoriais da Alemanha e de outras pot ncias do Eixo, ocorridas na década de 1930.

Em 1946, a Liga das Naç es foi dissolvida e teve seu patrimônio transferido para uma nova organização, a Organização das Naç es Unidas, conforme as pot ncias Aliadas haviam acordado em 1943, na Confer ncia de Teerã. A ONU iniciou seus trabalhos em 1945, com 51 participantes, entre eles Grã-Bretanha, França, Austrália, Nova el ndia, Canadá e as duas superpot ncias, a URSS e os EUA. Em seu propósito declarado de manter a paz e a segurança internacionais , obteve variados degraus de sucesso; foi mais bem-sucedida, porém, no outro propósito: promover a cooperação internacional para a solução de problemas internacionais .

Um dos primeiros atos da ONU foi organizar uma confer ncia sobre comércio em 1947, o que levou criação do Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio, mais conhecido por GATT, a sigla em ingl s. Visando não só regular, mas encora ar o comércio internacional, o GATT reduziu tarifas e outras barreiras comerciais: em 1979, promoveu conversaç es entre 102 países, o que resultou em reduç es na ordem de 190 bilh es de dólares.

O GATT era popular porque promovia o crescimento não só nas grandes economias, como também nas economias de países pequenos, ainda em desenvolvimento. Em 1995, a organização se transformou na Organização Mundial do Comércio (OMC), cu o ob etivo era a promoção do livre-comércio.

Nunca a Coisa Foi Tão Boa

Os preços do petróleo eram baixos nas décadas de 1950 e 1960, permitindo que todos os tipos de ind strias florescessem, inclusive as de produtos para crianças e adolescentes. E as economias nacionais cresciam. Embora com alguns solavancos, os países industrializados, de modo geral, desfrutavam de estabilidade financeira e se tornavam mais ricos, assim como todas as classes sociais existentes nesses países. Mesmo a Alemanha e o Japão, derrotados na guerra, participavam desse incremento. Foi a era de ouro do capitalismo, conhecida como o Grande Boom . Os alemães descreveram seu crescimento econômico na década de 1950 como Milagre Econômico , enquanto as tr s décadas de rápido crescimento, de 1945 a 1975, são conhecidas na França como os Trinta Gloriosos . Paralelamente, os países do Terceiro Mundo que não faziam parte da OTAN nem de seu oponente, o Pacto de Varsóvia ficaram mais pobres.

A tecnologia deu um salto durante esses anos. A ind stria e a agricultura se tornaram mais eficientes mediante o uso da automação e de novas máquinas, como as colheitadeiras. Contudo, o emprego generalizado de pesticidas acabou provocando problemas ambientais duradouros. A economia militar , baseada na

corrida armamentista gerada pela Guerra Fria, contribuiu para manter o crescimento acelerado. Embora o carvão ainda fosse usado em usinas geradoras de energia, o petróleo se tornou cada vez mais importante para as naç es industrializadas. Fontes alternativas, como hidrelétricas, usinas nucleares e gás natural, também se desenvolveram.

Em 1957, quando a explosão econômica ainda não estava no auge, o primeiro-ministro brit nico Harold Macmillan resumiu o novo clima de otimismo: Para a maioria do nosso povo, nunca a coisa foi tão boa. Deem uma volta pelo país, visitem as cidade industriais, vão até as fazendas, e voc s verão uma prosperidade que nunca tivemos antes, desde que eu nasci e nem mesmo em toda a história deste país.

Prédios Altos e Subúrbios

As moradias da maioria dos países europeus haviam sido devastadas pela Segunda Guerra Mundial. Novos lares se faziam urgentemente necessários, e o *baby boo* (como se tornou mundialmente conhecida a explosão demográfica no Ocidente, iniciada no final da década de 1940) pressionava ainda mais a demanda por moradias. Em 1945, segundo estimativas, faziam-se necessárias 750 mil resid ncias apenas na Inglaterra e no País de Gales. Alguns países reagiram construindo cidades inteiramente novas, como Livingston, na Escócia, e Milton Keynes, na Inglaterra. Os países europeus, em sua maioria, também construíram grandes prédios de apartamentos, geralmente em novos terrenos, nos arredores das cidades. Americanos prósperos, com seus carros novos, mudaram-se aos milh es para emergentes sub rbios: em 1950, mais americanos viviam nos sub rbios que nas partes centrais das cidades ou em áreas rurais.

Uma das soluç es para a crise de moradia foram casas pré-fabricadas, que dispunham de um banheiro com vaso sanitário na área interna, um aperfeiçoamento considerável.

Após a guerra, o governo brit nico deu seguimento política de eliminar os cortiços, que ocupavam antigas ruas superlotadas e insalubres, tidas como inadequadas para a habitação humana. No final da década de 1960, cerca de 900 mil cortiços foram eliminados, pelo menos 1,5 milhão de novas moradias, construídas, e 2,5 milh es de pessoas, reacomodadas.

As novas resid ncias significaram uma enorme melhoria no padrão de vida individual. gua encanada e eletricidade se tornaram uma norma até para as famílias mais pobres; e, medida que o crescimento econômico se intensificava, também se tornou uma norma equipar a habitação com um refrigerador, uma

televisão e, finalmente, com uma lavadora de roupas automática.

A Queda

Alguns fatores puseram fim ao acelerado crescimento econômico, entre eles a Guerra Fria que amparara a ind stria, mas que foi se tornando cada vez mais dispendiosa e o petróleo, que de repente ficou caro.

Em 1971, depauperada devido Guerra do Vietnã, a economia dos Estados Unidos, pela primeira vez em cinco décadas, sofreu um déficit no comércio exterior. As empresas americanas gastavam mais fora do país do que as empresas estrangeiras gastavam com bens e serviços americanos. Ao mesmo tempo, alguns países começaram a resgatar os dólares que possuíam pelo valor fixado em ouro, o que desvalorizou a moeda. O Presidente Richard Nixon teve de adotar medidas enérgicas e, no que ficou conhecido como Choque Nixon, abandonou o sistema monetário de Bretton Woods, rompendo com o vínculo entre o dólar americano e o ouro. Foi uma medida politicamente popular nos Estados Unidos. John Connally, ministro da economia de Nixon, declarou: Estrangeiros estão tentando nos ferrar. Nosso trabalho é ferrar com eles primeiro. Mas o colapso do sistema de Bretton Woods, substituído pelo c mbio flutuante, provocou instabilidade financeira: inflação e também bolhas financeiras, que ofereciam esperança de crescimento, acabaram estourando.

Lubrificando as Engrenagens Internacionais

Tão logo o mundo começou a assimilar o Choque Nixon, em 1973, o primeiro choque do petróleo atingiu o Ocidente. Foi quando países árabes impuseram um embargo de petróleo aos Estados Unidos e Europa Ocidental pelo apoio prestado a Israel na Guerra do om Kippur, no mesmo ano. Fato que levou os preços do petróleo a subirem abruptamente. A crise do petróleo transformou uma retração nas bolsas de valores em quebra total, com o índice Dow Jones caindo 45 antes da recuperação, ocorrida em dezembro de 1974. A reação em cadeia atingiu de forma ainda mais violenta o Reino Unido, onde a Bolsa de Valores de Londres despencou cerca de 73 .

Fatores políticos e sociais contribuíram para o declínio. O esc ndalo de Watergate (operaç es clandestinas que a udaram Nixon a se reeleger para a presid ncia dos Estados Unidos) foi revelado em unho de 1972 e culminou com o impeachment do presidente por obstrução de ustiça, quando ele se recusou a entregar fitas de gravaç es feitas na Casa Branca. Em agosto de 1974, Nixon se

tornou o nico presidente americano a renunciar.

No Reino Unido, em 1973, uma greve de mineradores de carvão alimentou temores de que ocorressem cortes de energia. Assim, o governo conservador de Edward Heath introduziu a Semana de Tr s Dias, restringindo a apenas tr s dias consecutivos por semana a eletricidade fornecida s atividades comerciais. O que não evitou alguns apag es no país.

A explosão econômica havia terminado; o desemprego cresceu, a inflação disparou e a recessão alcançou o Ocidente. Enquanto isso, os países produtores de petróleo perceberam que dispunham de um enorme poder.

Rugem os Tigres Asiáticos

Ao término da Segunda Guerra Mundial, ninguém achava que a Europa entraria em competição econômica com a sia. Mas o Japão invadiria as moradias do Ocidente com seus produtos eletrônicos baratos, que iam de rádios transístores a televisores. O milagre econômico apon s, alicerçado por um programa de a uda americano semelhante ao Plano Marshall do pós-guerra que os Estados Unidos ofereceram Europa, baseava-se na união das empresas com os sindicatos, de modo a promover o pleno emprego. O Japão se tornaria a maior economia da sia até que Taiwan e a Coreia se convertessem em Tigres Asiáticos na década de 1960. Na década de 1980, a China se untaria ao milagre econômico da sia.

A Europa se Une

Ao término da Primeira Guerra Mundial, o Tratado de Versalhes impusera duras puniç es Alemanha, o que provocou no país um colapso econômico e ressentimentos que fomentaram a Segunda Guerra Mundial. Em 1945, vitoriosos, os Aliados estavam determinados a não repetir os erros anteriores. Os líderes europeus achavam que uma união econômica a udaria a evitar outra guerra: países que compartilhassem ind strias e empreendimentos seriam menos propensos a guerrear entre si. Laços mais estreitos entre os países europeus também poderiam: prevenir surtos de nacionalismo extremado, como o nazismo; sanar a grande desarmonia existente entre a Alemanha e a França, que remontava ao domínio da Europa por Napoleão e Guerra Franco-Prussiana; e evitar o nacionalismo econômico da década de 1930, quando os países europeus responderam Grande Depressão com egoísmo, enfatizando os próprios interesses em vez de formular uma resposta con unta. Em termos de defesa, os países da Europa Ocidental eram agora an es militares comparados aos Estados Unidos e

ao bloco soviético, dois gigantes. Portanto, precisavam agrupar-se.

O político brit nico Winston Churchill destacou a necessidade de uma espécie de Estados Unidos da Europa , embora tivesse em mente uma união de livre-comércio em um conceito cooperativista, e não uma união política.

Alguns países á plane avam alguma cooperação econômica desde antes do final da guerra. Em 1944, os governos em exílio da Bélgica, Holanda (Netherlands) e Luxemburgo assinaram um tratado que estabeleceria a Benelux (unção das primeiras letras dos tr s países) com o propósito de criar uma futura área de livre-comércio. O Tratado de Bruxelas, assinado em 1948, uniu a Grã-Bretanha, a França e os países da Benelux em uma área de colaboração econômica, cultural e militar. A união militar da Europa Ocidental foi transformada na OTAN. Ainda em 1948, foi formada a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico Europeu, com o ob etivo de usar, da melhor forma possível, os fundos do Plano Marshall e de encora ar o comércio ao reduzir restriç es nas fronteiras. A organização foi tão bem-sucedida que, em 1961, incluiu países não europeus, tornando-se a atual Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Os primeiros e ainda vacilantes passos em direção a uma integração política da Europa foram dados no Congresso Europeu de 1948, realizado na cidade holandesa de Haia, ao qual compareceram 750 políticos de toda a Europa Ocidental. Nele, foi proposta a criação de uma Assembleia Europeia e de uma Corte de Direitos Humanos. Em maio de 1949, foi estabelecido o Conselho da Europa, que criou a Convenção Europeia dos Direitos Humanos e o Tribunal Europeu dos Direitos Humanos, sediado na cidade francesa de Estrasburgo e que não deve ser confundido com o Tribunal de Justiça da União Europeia, sediado em Luxemburgo, criado pela Comunidade Econômica Europeia (ho e União Europeia).

Uma Comunidade Econômica Toma Forma

Praticamente desde o final da Segunda Guerra Mundial, houve tens es entre França e Alemanha no que diz respeito ao controle da produção alemã de aço e carvão. Os vitoriosos Aliados impuseram restriç es ao potencial industrial da Alemanha, mas não estavam preparados para devolver França as áreas industriais do Vale do Ruhr e da Ren nia quando os franceses exigiram o controle da região. Em uma solução de compromisso, os federalistas propuseram que os recursos fossem compartilhados e administrados em con unto. A Comunidade Europeia do Carvão e do Aço foi criada em 1952, com seis países

participantes: França, Alemanha Ocidental, Itália, Bélgica, Holanda e Luxemburgo. Uma cooperação econômica mais ampla foi instituída pelo Tratado de Roma, em 1957, que estabeleceu a Comunidade Econômica Europeia (CEE) no ano seguinte. A CEE instituiu um mercado comum sem restriç es comerciais, porém, foi mais longe, ao propor melhores condiç es de vida, manutenção da paz e uma união mais estreita entre os povos europeus. No intervalo de cinco anos, tornou-se a maior exportadora e compradora de matérias-primas do mundo, só perdendo para os Estados Unidos no tocante produção de aço. Uma política agrícola comum foi instituída em 1962.

_ Proponentes de uma profunda integração europeia. (N.T.)

A Grã-Bretanha se recusou a participar, temendo perder soberania e independ ncia. Porém, em 1961, a economia brit nica marcava passo, enquanto as economias dos membros da CEE cresciam; assim, a Grã-Bretanha solicitou seu ingresso na CEE. Mas o presidente franc s Charles de Gaulle vetou o requerimento e fez o mesmo em 1967. Somente após a ren ncia de De Gaulle, em 1973, a Grã-Bretanha ingressou na CEE.

Uma das ob eç es de De Gaulle ao ingresso da Grã-Bretanha foi o fato de que os brit nicos dese avam concess es para os países da Commonwealth que sempre haviam sido re eitadas. Com o tempo, os países da Commonwealth começaram a desenvolver fortes laços com suas próprias comunidades regionais de comércio.

Uma Só Moeda, uma Só Fronteira

Após as naç es da Europa Ocidental terem constituído a Comunidade Econômica Europeia, o estágio seguinte da integração foi o Tratado de Maastricht, de 1992, que criou a União Europeia (UE). O Tratado de Maastricht implantou uma moeda nica (o euro), abriu as fronteiras entre os países signatários do tratado e avançou rumo a uma maior integração em áreas como a imigração e os assuntos udiciais. Duas décadas depois, a UE recebeu o Pr mio Nobel da Paz por seus esforços para consolidar a paz, fomentar a democracia e promover os direitos humanos na Europa.

8 A União Europeia em 1999

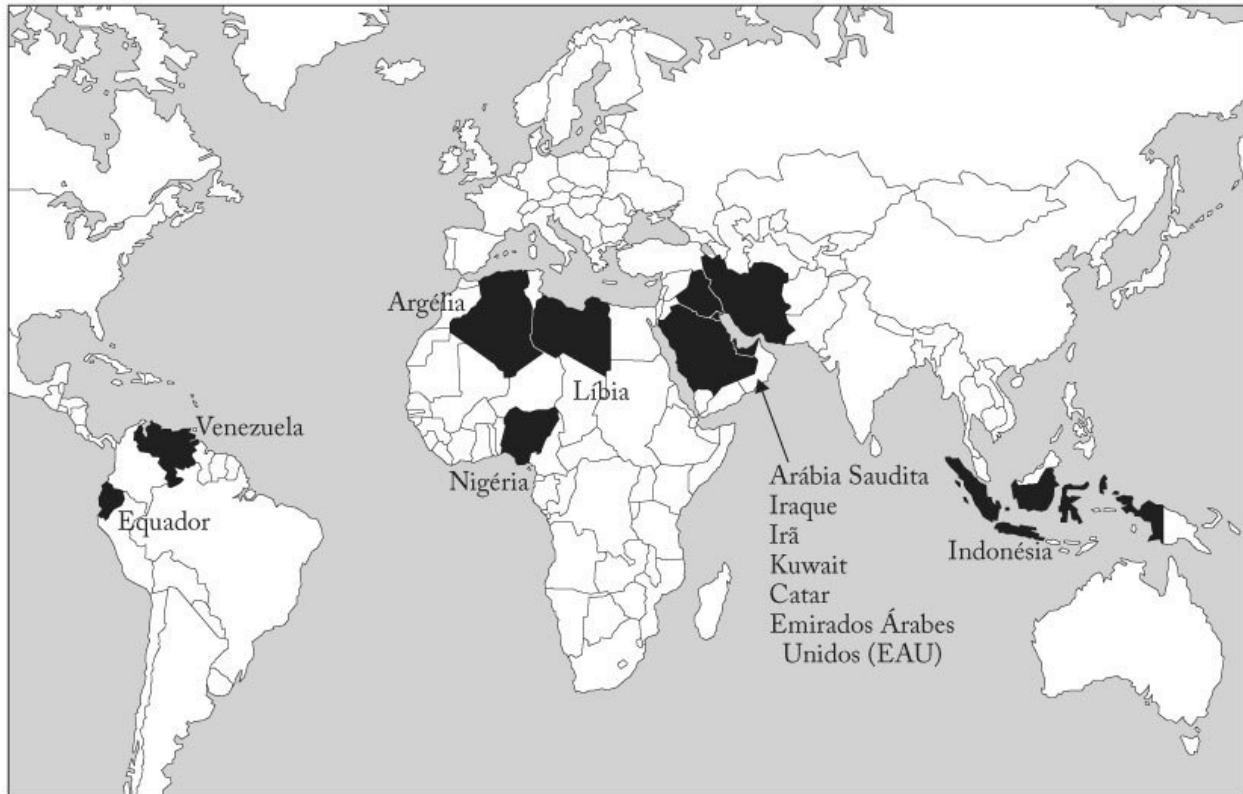
A UE tornou típica uma tend ncia do século 20: o distanciamento do

nacionalismo e a aglutinação em grandes blocos econômicos supranacionais. Embora tenha havido rivalidades e algumas ferozes disputas entre os países da UE, a integração europeia foi bem-sucedida em seu propósito de prevenir guerras entre os Estados-membros. No entanto, desde os primeiros movimentos no sentido da união, algumas correntes de pensamento se preocupavam com a perda da soberania, com as imigraç es, com o custo e com a burocracia do Parlamento Europeu, entre outras características da federação. A Grã-Bretanha, por exemplo, manteve-se fora do euro e das fronteiras abertas introduzidas pelo Acordo de Schengen. Em unho de 2016, preocupaç es brit nicas acarretariam um referendo no qual o povo da Grã-Bretanha votou pelo afastamento da União Europeia (Brexit).

Acordo assinado em 1985, na cidade de Schengen, em Luxemburgo, no qual foram abolidos em boa parte os controles nas fronteiras entre os trinta países europeus signatários. Cabe destacar que a Irlanda e o Reino Unido, embora membros da UE, não subscreveram o acordo, enquanto a Isl ndia, a Noruega e a Suíça o fizeram, mesmo não sendo participantes. (N.T.)

Choque Cultural

medida que o século 20 seguia seu curso, foi-se tornando claro que o petróleo não era mais uma mercadoria comum, mas uma absoluta necessidade para os países industrializados e desenvolvidos. O controle do petróleo acabaria provocando conflitos internacionais e até mesmo guerras.

O petróleo foi descoberto no Oriente Médio (Irã) pela primeira vez por uma empresa brit nica (Anglo Iranian Oil). Como a região (que se estendia até o atual Iraque) estava sob influ ncia europeia desde o término da Primeira Guerra Mundial, companhias ocidentais lideraram a busca por mais petróleo, desenvolveram infraestruturas e ficaram com a parte do leão nos lucros. Em 1951, o Irã se tornou o primeiro país do Oriente Médio a se revoltar contra tal arran o, o que resultou em uma nacionalização da ind stria petroleira iraniana. Houve um boicote internacional liderado pela Grã-Bretanha e, em 1954, o Irã chegou a um acordo, ficando com 50 dos lucros obtidos pela empresa que veio a se tornar a multinacional British Petroleum.

9 Naç es integrantes da OPEP na década de 1970

Outras naç es do Oriente Médio seguiram o exemplo, exigindo uma fatia maior dos lucros. Até o petróleo do Mar do Norte estar disponível, na década de 1970, a Europa era dependente do petróleo do Oriente Médio. Países árabes outrora pobres e subdesenvolvidos enriqueceram com os lucros e ganharam influ ncia mundial. Com preços mais elevados na década de 1970, os países petrolíferos do Oriente Médio se tornaram não apenas ricos, mas fabulosamente abastados. A Nigéria, por exemplo, após suprimir o movimento pela independ ncia de Biafra (1967-70), de modo a manter sob seu domínio as regi es ricas em petróleo, viu sua sorte aumentar em decorr ncia da política de preços praticada na década de 1970 pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). Sob o governo do Coronel Gaddafi, a Líbia gastou parte do dinheiro que obteve com o petróleo em infraestrutura, assist ncia social e em desenvolvimento agroindustrial. Mas também financiou movimentos revolucionários na   frica.

O Direito de Reunião

Na metade do século, a economia mundial também foi afetada pelos sindicatos, que haviam se tornado tão fortes que contribuíam para a irrupção de crises econômicas e para a derrubada de governos.

Ideias progressistas sobre os direitos dos trabalhadores começaram a se propagar após a Segunda Guerra Mundial, medida que a mão de obra se tornava mais bem-escolarizada. Nos Estados Unidos, a G.I. bill (Lei dos Soldados) proporcionou aos veteranos de guerra a chance de ingressar numa universidade, oportunidade que pouquíssimos americanos da classe proletária haviam desfrutado antes. Portanto, a era de ouro do capitalismo foi também a era de ouro do sindicalismo, com a sindicalização atingindo seu pico na década de 1950.

Os sindicatos contribuíram para a explosão econômica do pós-guerra através de negociaç es coletivas por melhores salários; também defendiam salários iguais para homens e mulheres, opunham-se discriminação racial e buscavam assegurar aos trabalhadores direitos como pens es, verbas rescisórias e contratos de trabalho.

Ao entrar em greve, os sindicatos podiam afetar diversos aspectos da vida moderna, como transporte, coleta de lixo, serviços de sa de, escolas, serviços postais e fornecimento de energia. Em maio de 1968, os sindicatos franceses se uniram aos protestos estudantis contra o governo do Presidente Charles de Gaulle, paralisando a economia francesa e obrigando De Gaulle a convocar uma eleição antecipada. Embora De Gaulle tenha sido reeleito, maio de 1968 simbolizou a revolução sociocultural que a França havia vivenciado.

Os sindicatos também tiveram grande impacto na Grã-Bretanha em 1978-9, quando os servidores p blicos, inclusive motoristas de ambul ncias, coletores de lixo e maquinistas, entraram em greve, levando ao Inverno do Descontentamento . Em 1979, o caos social resultante contribuiu, de forma decisiva, para a derrota do governo trabalhista e a eleição da Primeira-Ministra Margaret Thatcher, a primeira mulher a ocupar o cargo. Numa época em que as ind strias brit nicas estavam em declínio, Thatcher introduziu uma legislação antissindical. A partir de então, as atividades sindicais amais voltaram a ter o mesmo poder.

Na década de 1980, o presidente republicano Ronald Reagan, aliado de Thatcher (apelidada Dama de Ferro), também diminuiu o poder dos sindicatos. Elementos conservadores dos Estados Unidos havia muito temiam que os sindicatos fossem um meio para que os comunistas ingressassem no país. Em 1947, a Lei Taft-Hartley chegara a impedir que comunistas se tornassem líderes

sindicais. A lei acabou sendo banida, por ter sido considerada anticonstitucional.

Democracia para Todos

Embora os problemas econômicos da Grande Depressão, na década de 1930, tivessem contribuído para fomentar o fascismo, a explosão econômica após a Segunda Guerra Mundial surtiu efeito contrário, promovendo a democracia e propagando-a por grande parte do mundo. Tal modelo político, que faculta a todos os adultos o direito de participar da vida política elegendo seus representantes, amadureceu no século 20, quando, então, as mulheres obtiveram direito ao voto.

O Movimento Sufragista, como se tornou conhecido o movimento pelo voto feminino, teve início em 1893, quando a Nova el ndia se tornou o primeiro país a conceder mulher o direito de votar. Mas tomou impulso de fato após a Primeira Guerra Mundial, quando ficou claro que as mulheres que haviam trabalhado nas fábricas de muniç es, conduzido ambul ncias e participado do esforço de guerra de muitas outras formas não poderiam mais deixar de participar da vida política. Muitos países concederam o direito de voto mulher no final da Segunda Guerra Mundial, embora Portugal só tenha removido suas restriç es ao sufrágio feminino em 1976; e, somente em 2015, as mulheres da Arábia Saudita receberam permissão para votar.

Na frica descolonizada, países adotaram o modelo democrático de seus ex-colonizadores europeus. O Japão foi influenciado a faz -lo após a ocupação Aliada de seu território, ao final da guerra. Em outra parte da sia, no Sião (rebatizado como Tail ndia em 1939), um golpe incruento pôs fim, em 1932, monarquia absoluta, forçando o rei a aceitar uma Constituição, embora não uma democracia total.

Na década de 1960 e no início dos anos 70, a democracia começou a fracassar em certos lugares do mundo. Países comunistas com partido nico permitiam somente um simulacro de eleiç es livres; a corrupção eleitoral era generalizada em determinadas regi es, e em diversas ex-colônias europeias o sistema democrático apenas revestia divis es internas, permitindo que presidentes apoiados por maiorias étnicas, religiosas ou culturais se tornassem governantes vitalícios. Golpes de Estado resultaram em untas militares em países tão diversos como Birm nia (com o Comandante Ne Win, em 1962), Grécia (com os Coronéis, em 1967), Uganda (em 1971, com Idi Amin), Chile (com a derrubada de Salvador Allende, em 1973), Argentina (com a derrubada de Isabel Perón, em 1976) e Brasil (com a derrubada de João Goulart, em 1964). Mais tarde, em

1992, a democracia também fracassou na Argélia, quando o exército depôs a recém-eleita FIS (Frente Isl mica de Salvação), considerada fundamentalista demais.

Muitos desses golpes ou ditaduras foram financiados por rivais na Guerra Fria. Assim, medida que as tens es da Guerra Fria começaram a arrefecer, ao final da década de 1970, menos golpes ou revoluç es foram tentados na frica e na América Latina. Governos civis foram restaurados em muitos países, algumas vezes como resultado de gigantescas manifestaç es, como ocorreu nas Filipinas, em 1986. Com o colapso do comunismo na Europa Oriental, novos países que emergiram em territórios antes controlados pela URSS tentaram adotar a democracia, com variados graus de sucesso.

O Apartheid Desmorona na África do Sul

Em 1948, um membro do parlamento sul-africano poderia dizer com orgulho que seu país era uma democracia, mas isso só seria verdadeiro no tocante aos cidadãos brancos. Esse foi o ano em que o governo, liderado por uma minoria branca, adotou a política de segregação racial, conhecida como Apartheid. Com a finalidade de manter brancos e negros separados, o Apartheid obrigava os africanos negros a viver em distritos miseráveis nos arredores das cidades, marginalizados, com poucas oportunidades educacionais e sem direito a voto.

Protestos populares contra a discriminação foram duramente reprimidos. Em 1960, a polícia atirou em manifestantes na comunidade de Sharpeville, matando 69 pessoas. Fez o mesmo em 1976, com estudantes de nível médio que protestavam em Soweto contra a imposição do idioma afric ner nas escolas; pelo menos 176 foram mortos. Steve Biko, um dos líderes contra o Apartheid, morreu em 1977, quando se encontrava sob a custódia da polícia. Protestos internacionais isolaram o país. E Nelson Mandela, líder do Congresso Nacional Africano, movimento de oposição ao Apartheid, mesmo na prisão, tornou-se o fulcro do apoio mundial maioria negra.

MANDELA LIBERTADO

verdadeira de o ra ia hegou à fri a do Sul por eio de edidas surpreendentes adotadas pelo residente de lerk e 0 uando libertou elson Mandela e olaborou para o des ante- la ento do partheid Mandela e outros ilitantes havia sido ondenados por ri es ontra o governo e senten iados à prisão perp tua urante o ulga ento ante a possibilidade de ser senten iado à pena de orte Mandela disse urante toda a inha vida eu e dedi uei à luta do povo afri ano utei ontra a do inação bran a e ontra a do inação negra alentei o ideal de ver u a so iedade de o r ti a e livre e ue todas as pessoas vivesse e har onia e o oportunidades

iguais u ideal ue espero viver para al ançar Mas pelo ual se ne ess rio estou preparado para orrer

igno e elegante es o ap s 2 anos preso Mandela presidiu u a transição pa fi a para u governo de aioria negra e e o os negros sul-afri anos votando pela pri eira vez foi eleito presidente da fri a do Sul na nova era ue então se ini iava

---

Direitos Civis nos Estados do Sul

Enquanto os Estados Unidos lutavam contra o comunismo (Guerra Fria), durante as décadas de 1950 e 60, defendendo seu modo de vida e a liberdade , alguns estados sulistas ainda negavam a igualdade aos afro-americanos.

A escravidão nos Estados Unidos só foi banida em 1863. Assim, alguns dos militantes que lutavam pelos direitos civis dos afro-americanos eram netos de escravos. Na década de 1950, supremacistas brancos da Ku Klux Klan (KKK) realizaram uma campanha de terror (que incluía linchamentos) para manter a segregação, uma política destinada a garantir brancos e negros separados. Isso significava, como no caso do Apartheid, que os americanos negros deveriam ter escolas e serviços de sa de de segunda categoria, além de poucas oportunidades profissionais.

Houve muitos momentos decisivos na história dos movimentos pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. O boicote aos ônibus, na cidade de Montgomery, no Alabama, teve início quando a costureira Rosa Parks foi presa ao se recusar a ceder seu assento a um homem branco, o que levou os afro-americanos a boicotarem o serviço de ônibus. E, embora a Suprema Corte tivesse decretado que as escolas e universidades deveriam aceitar negros, violentos protestos ocorriam quando estudantes negros tentavam se matricular. Em 1963, o clérigo batista Martin Luther King, que defendia aç es não violentas de desobedi ncia civil para a conquista dos direitos civis, fez seu emblemático e inspirador discurso, que se tornou conhecido por uma de suas frases: Eu tenho um sonho. Malcolm X, outro importante líder dos direitos civis, foi assassinado por rivais em 1965.

A democracia plena só chegou aos Estados Unidos em 1965, com a Lei do Direito ao Voto, que permitiu aos negros do Sul votarem sem receio de eventuais intimidaç es.

Os Direitos dos Aborígenes na Austrália

A década de 1960 também viu a democracia estender-se a todos os cidadãos da Austrália. Até 1962, os povos aborígenes que viviam em diversas partes do país

não podiam votar nas eleiç es federais a menos que fossem ex-militares, mas, nesse mesmo ano, uma nova lei estendeu o direito a todos os povos indígenas, embora houvesse uma demora de tr s anos para que pudessem votar nas eleiç es do estado de ueensland.

Antes que a década terminasse, a Austrália também desmantelou a política da Austrália branca , que impedia imigraç es oriundas de qualquer lugar que não fosse a Europa Ocidental e visava, particularmente, restringir a imigração proveniente da sia. Tal política foi substituída por um sistema de notas , que refletia qualificaç es e perfil econômico.

Ainda na década de 1960, o governo da Austrália, assim como os de outros países, retirava crianças aborígenes de seus lares e as colocava em internatos p blicos. Essa política só terminou na década de 1970 e, mais tarde, foi ob eto de um pedido de desculpas do governo.

Direitos e Liberdades

Na Grã-Bretanha vitoriana, as crianças trabalhavam até 18 horas por dia sob condiç es perigosas, em minas e fábricas ou limpando chaminés. E sem qualquer direito a proteção social.

A pioneira Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pelas Naç es Unidas em 1948, concedeu esse direito s crianças, untamente com todos os outros setores da sociedade. A declaração reconhecia que os seres humanos t m igualdade de direitos inalienáveis, como segurança, alimentação, habitação, proteção, igualdade de tratamento e, no caso dos adultos, direito ao voto democrático. Em 1949, a Convenção de Genebra acrescentou o tratamento humanitário aos prisioneiros de guerra.

Durante as ltimas décadas do século 20, o movimento pelos direitos humanos incluiu a condenação do abuso de crianças por instituiç es religiosas, o tratamento humanitário de detentos e a promoção do consumo ético.

A Mão Protetora do Estado

O século 20 presenciou uma revolução social, com algumas naç es criando mecanismos para proporcionar a uda a toda a sua população, do berço sepultura. Ao contrário das instituiç es de caridade, que oferecem a uda apenas dentro de uma área geográfica ou a pessoas em situação de vulnerabilidade, esses novos sistemas de bem-estar se tornaram igualmente disponíveis a todos.

Talvez a base para os modernos sistemas de bem-estar social europeus

tenham sido as ideias do Chanceler Otto von Bismarck sobre reformas sociais na década de 1840, que incluíam pens es para os idosos, seguros contra acidentes e assist ncia médica. Com isso, Bismarck esperava esvaziar as agitaç es sociais e reduzir as emigraç es do Império Alemão para os Estados Unidos. Suas ideias levaram muitas naç es europeias a implantar algumas formas de seguro social para os trabalhadores durante a primeira metade do século 20.

Nos Estados Unidos, berço do capitalismo, os salários eram relativamente altos, mas não havia proteção estatal para os indivíduos. Empresários e grupos conservadores se opunham ao envolvimento do Estado. uando a Grande Depressão eclodiu, na década de 1930, os Estados Unidos eram o nico país industrializado que não dispunha de um programa de segurança para os trabalhadores; isso significava que famílias carentes de recursos pela falta de emprego só podiam sobreviver com os limitados recursos supridos por organizaç es filantrópicas. O Presidente Herbert Hoover achava que não era papel do Estado proporcionar assist ncia social. Mas seu sucessor, Franklin D. Roosevelt, implantou um novo contrato social que se tornou universalmente conhecido como New Deal (Novo Trato, ou Novo Acordo), uma série de programas destinados a gerar empregos e conceder certos direitos aos trabalhadores. Em 1935, Roosevelt sancionou a Lei do Seguro Social, que instituiu seguro-desemprego, subsídios agrícolas, assist ncia do Estado aos inválidos e a crianças em situação de vulnerabilidade, além de pens es. Mas os EUA não dispunham de um programa de assist ncia médica: no início do século 21, o índice de mortalidade infantil, de 5 , era mais alto que o da maioria dos países europeus, e também mais alto que o de Cuba, seu inimigo ideológico durante a maior parte do século 20.

Na França, os modernos serviços sociais tiveram início com os Acordos Matignon, de 1936, quando uma greve geral forçou governo e empregadores a assegurar aos trabalhadores direitos como folgas e uma semana com ornada de trabalho de 40 horas.

Na Grã-Bretanha, o Relatório Beveridge, elaborado pelo economista e reformista social William Beveridge, propunha meios para se combaterem os Grandes Males da sociedade: miséria, ignor ncia, escassez, ócio e doenças. Como resultado, de 1944 a 1948, a Grã-Bretanha criou o Estado de Bem-Estar Social , implantando o Seguro Nacional, no qual os trabalhadores contribuem com um sistema que lhes faculta benefícios em caso de doença ou desemprego; e o Serviço Nacional de Sa de, que proporciona assist ncia médica a todos os cidadãos, independentemente dos recursos de que disponham.

Uma Revolução Tranquila

A prosperidade econômica do pós-guerra e uma sensação de otimismo social estimularam muitos países a transferir os serviços sociais das instituiç es de caridade privadas, muitas vezes religiosas, para o controle do Estado. A Revolução Tranquila do Canadá ocorreu na província de uebec, na década de 1960, quando o governo assumiu o controle dos serviços de sa de e educação, antes dirigidos pela Igre a Católica Romana, e instituiu um sistema de bem-estar social por meio de um plano geral de contribuiç es.

Diversos sistemas de assist ncia social se desenvolveram ao redor do mundo. Na Dinamarca, Noruega, Suécia, Isl ndia e Finl ndia, o chamado modelo nórdico criou um abrangente estado socialista de bem-estar, em con unto com um capitalismo de livre-mercado. Países produtores de petróleo do Oriente Médio mantinham suas fortunas dentro de suas fronteiras, concedendo benefícios somente a seus cidadãos e negando cidadania mão de obra estrangeira. Aplicando uma política própria, a China chocou o mundo, em 1978, ao adotar a política do filho nico, tentando, assim, conter o crescimento populacional e aliviar a pressão sobre os recursos governamentais. O país alcançou sua meta, mas fez surgir uma população distorcida, pois milh es de beb s do sexo feminino foram abandonados (ou mesmo mortos) para que as famílias pudessem ter um beb do sexo masculino. Calcula-se que, ho e, o n mero de homens supere em 33 milh es o n mero de mulheres na China.

Marcos da Medicina

Com o advento dos serviços proporcionados pelo Estado, como o Serviço Nacional de Sa de da Grã-Bretanha, a medicina entrou na esfera política e começou a ser incorporada nos sistemas capitalistas, com o crescimento dos planos de sa de, o surgimento de empresas farmac uticas influentes e até mesmo a geração de beb s de proveta.

A tecnologia se tornou uma faceta importante da medicina na segunda metade do século 20, alicerçando-se em inovaç es anteriores, como as máquinas de diálise, inventadas em 1943, e de eletroencefalografia, que medem a atividade cerebral, usadas pela primeira vez em seres humanos em 1929. O primeiro marca-passo artificial interno foi implantado em 1958; o final da década de 1950 viu também o aparecimento de máquinas de suporte vida, como os modernos respiradores (ou ventiladores mec nicos), que substituíram os enormes pulm es de aço dos anos 1930. O primeiro transplante de coração foi efetuado em 1967; depois disso, os transplantes de órgãos se tornaram operaç es rotineiras.

Embora a tecnologia médica fosse, em boa parte, responsável pelo fato de as pessoas (no Ocidente, pelo menos) estarem vivendo mais e de forma mais saudável, algumas melhoras simples na higiene tiveram um efeito poderoso, assim como avanços na prevenção de doenças, como a vacina contra a pólio, introduzida em 1955. E em 1980, após décadas de esforços, a varíola que matou entre 300 e 500 milh es de pessoas no século 20 foi declarada oficialmente erradicada.

Apesar de todos os avanços, drogas como a talidomida comercializada na década de 1950 como um sedativo seguro para mulheres grávidas, mas que acabou provocando deformidades nos membros de milh es de beb s ao redor do mundo foram um lembrete de que as pesquisas poderiam errar, o que proporcionou incentivos para que novas drogas fossem testadas com maior rigor.

Tratamento de Doenças Mentais na Própria Comunidade

No início do século 20, qualquer pessoa que sofresse de problemas mentais era considerada doente e, muito provavelmente, seria encarcerada num hospício, onde tratamentos antiquados, como a lobotomia, eram praticados. Uma grande mudança ocorreu a partir da década de 1950, quando os hospitais psiquiátricos se fundiram com os hospitais gerais: em vez de encarceramento, os pacientes começaram a receber tratamento na própria comunidade. A nova abordagem com relação aos pacientes tentava remover o estigma atrelado s doenças mentais. Nos anos 60, novas e melhores drogas psicotrópicas se tornaram disponíveis, enquanto os tratamentos mais antigos e potencialmente perigosos, como a terapia por choques eletroconvulsivos, passaram a ser considerados in teis, quando não uma barbaridade. A tend ncia a humanizar o tratamento dos doentes mentais, que se consolidou de fato na segunda metade do século 20, foi parte do aperfeiçoamento geral nos cuidados médicos e também dos movimentos pelos direitos civis em todos os aspectos da vida nesse caso, os direitos dos pacientes.

Rumo à Miniaturização

Em 1946, o primeiro computador eletrônico pesava 30 toneladas, ocupava uma sala e era alimentado por milhares de válvulas eletrônicas. Poucas décadas mais tarde, seria considerado algo inusitado um indivíduo não possuir um computador pessoal (PC) e um telefone celular (ho e um smartphone).

A invenção do microprocessador (circuito integrado, microchip ou chip), na

década de 1950, tornou os computadores menores e mais poderosos. Em 1981, a empresa americana IBM lançou o primeiro PC, enquanto, em 1984, a Apple apresentava o Macintosh. Os computadores começaram a transformar muitos aspectos da vida nas esferas do trabalho, compras e comunicação.

Os microprocessadores foram desenvolvidos a partir da pioneira invenção dos transístores, em 1947, que funcionam com uma corrente de baixa frequ ncia aplicada a uma pequena plaqueta de silício. Usados pela primeira vez nas telecomunicaç es, os transístores individuais foram integrados, no final da década de 1950, a uma peça de silício, formando um circuito completo (chip). medida que os microprocessadores foram se tornando mais potentes e sua programação, mais sofisticada, passaram a ser usados em quase tudo, de cart es de crédito a identificadores implantados em cães.

Let's Twist: Mídia e Cultura Pop

uando o século 20 teve início, a França era o centro cultural do Ocidente. O artista espanhol Pablo Picasso, a dançarina americana Josephine Baker e muitos outros circulavam em Paris para fazer seus nomes. Mas, na época do Grande Boom , o período de crescimento econômico que se seguiu Segunda Guerra Mundial, foi a cultura americana que influenciou o mundo, principalmente por intermédio dos novos meios visuais, o cinema e a televisão.

A partir da década de 1910, o cinema se tornou a forma mais popular de entretenimento de massa, e muita gente nos países ocidentais frequentava salas de exibição. A partir de 1912, o bairro de Hollywood, em Los Angeles, tornou-se o grande centro dos est dios cinematográficos americanos. Durante a Primeira Guerra Mundial, os est dios colaboraram com o governo na propaganda dos esforços de guerra. Mais tarde, na década de 1920, seu marketing inteligente e poder financeiro os a udaram a dominar a ind stria cinematográfica mundial, levando a todos os países os conceitos americanos sobre sociedade e política.

Assim como a cultura das celebridades se desenvolveu, os lucros obtidos com a produção de filmes aumentaram. Um filme mudo da década de 1920 poderia arrecadar cerca de 10 milh es de dólares nas bilheterias. Mas, em 1960, o filme *si ose*, de Alfred Hitchcock, arrecadou mais de 40 milh es de dólares, enquanto o campeão de bilheteria na década de 1970 (*uerra nas strelas*, de 1977) faturou 147 milh es de dólares. A barreira do bilhão foi quebrada em 1997, com *Titani* . A essa altura, VHSs, DVDs e videogames também geravam lucros de milh es, se não bilh es, de dólares.

Uma das mais drásticas mudanças sociais do século 20 foi o desenvolvimento

da comunicação de massa. O rádio, no início, e depois a televisão tornaram notícias, ideias e cultura instantaneamente acessíveis; e todas as formas de mídia passaram a ser mais sofisticadas e manipuladoras. Desastres sempre fornecem grandes manchetes, e as filmagens e transmiss es radiofônicas do Desastre do Hindenburg, em 1937, quando o dirigível pegou fogo, demonstrou que a imprensa tinha enorme poder para influenciar o p blico.

Em 1954, o pequeno e portátil rádio transístor foi introduzido, assim como os discos de vinil. A cultura ovem explodiu. Estilos de moda, m sica e dança destinados diretamente uventude se propagaram pelo mundo, com os ovens adotando express es de gíria cu o propósito era excluir a geração mais velha.

Uma tend ncia da m sica do século 20 foi a crescente influ ncia de estilos afro-americanos. Do ragtime do início do século ao azz dos afro-americanos urbanos, passando pelo blues dos negros pobres das áreas rurais do Sul, os estilos foram assimilados pelos artistas brancos. Nos anos 50, m sicos negros e brancos se misturaram no rock and roll, quando Elvis Presley destruiu a ideia de que os cantores deveriam cantar em posição estática; e Little Richard tocava para plateias não segregadas.

Na Grã-Bretanha, a cultura teen se tornou muito influente nos Swinging Sixties (Descolados Anos Sessenta , em tradução livre), quando bandas como The Beatles, The Rolling Stones e The Who irromperam no mercado americano e se tornaram mundialmente famosas. A m sica pop, então, começou a se subdividir em uma série de g neros, entre eles o punk rock e o hip-hop.

Além de ter ense ado o crescimento da chamada cultura ovem, a década de 1960 foi um período de rápidas mudanças sociais. Uma nova onda de feminismo foi complementada com a introdução da pílula anticoncepcional, que proporcionou s mulheres mais liberdade do que nunca. Ao mesmo tempo, os ovens do mundo ocidental exploravam modos de vida alternativos, no que foi chamado de contracultura. Os hippies encamparam drogas psicoativas e artes étnicas , sobretudo na oalheria e no vestuário, de países africanos e asiáticos. E, pela primeira vez, o ateísmo e o secularismo passaram a ser lugar-comum no Ocidente. No entanto, apesar da tend ncia ao secularismo e ao realismo, os best-sellers literários do século 20 foram livros de fantasia: *Senhor dos n is*, de J.R.R. Tolkien (publicado em 1954, vendeu mais de 150 milh es de exemplares), e *arry otter e a edra ilosofal* (o 1º volume da série), de J. K. Rowling (publicado em 1997 e traduzido para mais de 65 idiomas, vendeu mais de 120 milh es).

Fim do Colonialismo

Após a Segunda Guerra Mundial, a expansão colonial europeia, que atingira o auge na Disputa pela   frica , foi revertida. A descolonização teve início com a Índia, a oia da coroa do Império Brit nico, e se estendeu   frica.

Os movimentos anticolonialistas africanos eram constituídos por povos nativos, enfurecidos com os colonizadores que exploravam suas terras e corroíam sua cultura. A rebelião Ma i Ma i na   frica Oriental Alemã (1905-7) foi um trágico exemplo do desequilíbrio de poder. uando os nativos africanos se rebelaram contra os colonizadores alemães, acreditavam que estariam protegidos por uma poção de guerra que transformaria balas (tiros) em água (*a i*, em suaíli); milhares deles morreram por causa disso. A colônia, assim como outras que pertenciam a pot ncias derrotadas na Primeira Guerra Mundial, acabou se tornando um mandato administrado pelos Aliados. Na década de 1960, transformou-se em tr s países independentes: Burundi, Ruanda e Tanz nia.

Movimentos anticolonialistas, então, ganharam impulso após a Segunda Guerra Mundial, desencadeando o colapso dos impérios belga, italiano, brit nico, franc s, holand s, portugu s e apon s. Em algumas colônias, como a Malásia, no sudeste asiático, a transição para a independ ncia foi relativamente pacífica. Em outras, como Angola, de Portugal,   u nia e Rodésia do Sul (ho e   imbábue), da Grã-Bretanha, todas na   frica, foi necessário um levante armado para que as pot ncias coloniais fossem persuadidas a se retirar. O desmantelamento dos impérios coloniais provocou intensos movimentos migratórios e deixou um legado de instabilidade política, social e econômica.

Passos Rumo à Descolonização

Após a Primeira Guerra Mundial, o presidente americano Woodrow Wilson conclamou as naç es democráticas a interromperem as expans es territoriais em outros países, acreditando que as pessoas deveriam desfrutar do direito autodeterminação e governar a si mesmas. As colônias dos impérios derrotados na guerra foram distribuídas como mandatos entre os países vitoriosos para que estes as administrassem, sob a supervisão da Liga das Naç es, a precursora da ONU, até que as respectivas populaç es estivessem aptas a se sustentar sozinhas sob as difíceis condiç es do mundo moderno . Embora os mandatos ainda não estivessem preparados para ser independentes, a agenda política para que atingissem um governo próprio á fora estabelecida.

A Grã-Bretanha e a França receberam, para administrar, territórios do Império Otomano no Oriente Médio, untamente com parte de Camar es e da Togol ndia, na frica Ocidental. A Bélgica ficou com parte da frica Oriental Alemã. As ilhas alemãs no Pacífico norte e sul foram divididas entre Japão, Austrália e Nova el ndia. União Sul-Africana (Estado livre associado da Grã-Bretanha que, em 1961, se tornou a Rep blica da frica do Sul), coube o Sudoeste Africano Alemão (ho e Namíbia).

Em 1947, o sistema de territórios administrativos chegou ao fim. O Iraque, a Síria, o Líbano e a Jord nia á haviam se tornado países independentes. Os protetorados ainda existentes continuaram a ser administrados pelos países aos quais haviam sido reservados, mas a ONU assumiu a supervisão até que estivessem preparados para a independ ncia.

No caso de outras colônias, o momento crucial para os movimentos de independ ncia ocorreu ao final da Segunda Guerra Mundial. A essa altura, colônias tradicionalmente agrícolas que haviam se diversificado e implantado ind strias, inclusive a Índia e partes da frica Ocidental, dispunham de uma nova e escolarizada classe média, que organizava os movimentos de libertação nacional.

Índia Britânica em Crise

O Império Brit nico, que compreendia Estados livres associados, colônias, protetorados e mandatos ao redor do globo, controlando no auge mais de um quinto da população mundial, tornara-se um fardo econômico em potencial ao término da Segunda Guerra Mundial. Embora do lado vencedor, a Grã-Bretanha estava falida, mantendo-se tona por meio de empréstimos concedidos pelos Estados Unidos. Gastar dinheiro para lutar contra movimentos de independ ncia era um luxo que os brit nicos não poderiam mais se permitir. Isso

levou a Grã-Bretanha, a partir de 1945, sob o governo trabalhista de Clement Attlee, a implementar uma política de desligamento de suas colônias.

Até 1900, na Índia, a oposição ao domínio brit nico foi limitada. O gigante asiático havia suprido a Grã-Bretanha com matérias-primas, com um mercado para os produtos manufaturados brit nicos (um quinto de todas as exportaç es brit nicas ia para a Índia) e enormes contingentes de soldados, em duas guerras mundiais. Muitos indianos esperavam que seus leais serviços lhes dariam direito ao controle de sua terra, mas ficaram decepcionados quando o governo de seu país permaneceu firmemente nas mãos do *ra* brit nico (como era conhecida a coroa brit nica na Índia; *ra* significa reino em hindust ni).

Tens es entre indianos hinduístas e muçulmanos dificultavam a independ ncia, agravadas pela divisão da província de Bengala em áreas hinduístas e muçulmanas, efetuada em 1905 por George Curzon, governador-geral da Índia. A minoria hindu em Bengala Oriental, área predominantemente muçulmana, reclamava de intimidaç es promovidas pelos muçulmanos, mas a Grã-Bretanha se recusou a reverter a separação, fato que ocasionou um boicote aos produtos brit nicos, assim como diversos motins.

Em 1909, o governo á havia introduzido algumas reformas, inclusive assembleias legislativas locais eleitas por indianos; porém, com apenas 2 (os mais ricos e escolarizados) credenciados a votar, as reformas não se mostraram suficientes. Um massacre de indianos efetuado por soldados brit nicos e uma rebelião na cidade sagrada de Amritsar, em 1919, instigaram como nunca os opositores do governo brit nico a entrar em ação.

Ao mesmo tempo, ideias liberais e democráticas se propagavam entre os hindus que clamavam por mais direitos e melhores condiç es de vida , provocando inquietação entre os muçulmanos mais ricos. O líder nacionalista hindu e defensor dos pobres, Mahatma Gandhi, liderou campanhas não violentas em favor da independ ncia e da casta mais baixa da sociedade indiana, conhecida como intocáveis . Gandhi idealizava uma Índia republicana e democrática na qual todos os indianos, de qualquer classe ou religião, pudessem viver em harmonia.

O SAL ABALA O IMP RIO

0 andhi liderou a Mar ha do Sal u a passeata não violenta de 2 horas desde Saber ati perto de h adabad at o Mar da r bia u tra eto de uil etros para protestar ontra as extorsivas taxas ue os brit ni os i punha sobre o sal na ndia frente de ilhares de seguidores andhi hegou à osta onde oletou u a pedra de sal violando as leis do sal e de larou Co isso

estou abalando as fundaç es do p rio Brit ni o andhi foi preso as logo libertado uando sua detenção deflagrou protestos n ora ados pelo exe plo de andhi os indianos o eçara a produzir seu pr prio sal Ce il deles havia sido presos ao final do ano en uanto v rias ind strias fora paralisadas por greves

desobedi n ia ivil de andhi ediante todos não violentos foi u o ento de isivo na luta pela independ n ia da ndia ele foi onvidado para onversaç es e ondres o o prop sito de dis utir a autodeter inação indiana bora nenhu a ordo tenha sido fir ado nesses en ontros ue satisfizesse hindu stas uçul anos e brit ni os andhi atraiu a atenção do undo para os proble as indianos o ue ontribuiu para afrouxar o ontrole brit ni o sobre o pa s

---

Saiam da Índia

Em 1942, Gandhi e o então líder do Congresso Nacional Indiano,_ Jawaharlal Nehru, lançaram o movimento Saiam da Índia , destinado a subverter o esforço de guerra brit nico. Os indianos se mantiveram unidos dentro do movimento até 1947, quando o Congresso Nacional recusou proposta da Liga Muçulmana para a criação de um Estado isl mico independente que se chamaria Paquistão,_ caso a Índia se tornasse independente. O desacordo provocou conflitos entre hinduístas e muçulmanos. Gandhi tentou evitar as lutas, mas cerca de 4.000 pessoas acabaram mortas.

_ Fundado em 1885, foi o primeiro movimento nacionalista a surgir dentro do Império Brit nico, tanto na sia como na frica. Com o tempo, tornou-se a principal liderança dos movimentos pela independ ncia da Índia. (N.T.)

_ O nome *akistan* foi cunhado em 1933 por Choudhry Rahmat Ali, ativista pela independ ncia da área que viria a se tornar o Paquistão. Trata-se de um acrônimo das iniciais de tr s territórios: **P**un ab, **A**fghania (ho e Khyber Pakhtunkhwa, uma das províncias do atual Paquistão) e Caxemira (**K**ashmir). A letra i foi acrescentada por eufonia. Em urdu, idioma prevalente na região, a palavra pode ser entendida como uma unção do ad etivo *pak*, que significa puro , com o sufixo -*stan*, que designa terra ou lugar de , como em Afeganistão, Curdistão, Turcomenistão etc. Paquistão, portanto, significa Terra dos Puros . (N.T.)

Menos de um m s depois, o novo governador da Índia, Lorde Louis Mountbatten, apresentou planos para dividir a Índia brit nica em dois novos Estados livres associados, Índia e Paquistão, separando hindus de muçulmanos, planos que se concretizaram em agosto de 1947. Duas províncias da Índia brit nica foram então divididas pela religião: Pun ab, a noroeste, e Bengala, a nordeste; a parte leste do Pun ab, predominantemente muçulmana, recebeu o nome de Paquistão. E a parte oeste de Bengala, também predominantemente muçulmana, recebeu o nome de Paquistão Oriental. Ambas as partes formavam um só país, mas com territórios descontínuos. Entre ambos, o norte da Índia, que incorporou a parte leste do Pun ab e oeste de Bengala. Em 1971, o Paquistão Oriental se tornou independente, após uma guerra nacionalista de libertação, e passou a se chamar Bangladesh.

A divisão da Índia em 1947 gerou um verdadeiro caos, com milh es de muçulmanos e hindus desalo ados tentando alcançar as novas fronteiras. Centenas de milhares de pessoas pereceram. Em meio viol ncia, um extremista hindu assassinou Gandhi, pois se opunha paz entre hinduístas e muçulmanos que o líder pacifista professava. Tr s anos depois, em 1950, o Estado livre associado da Índia conquistou a independ ncia total da Grã-Bretanha, adotando, em 1956, uma nova Constituição.

Os brit nicos legaram Índia uma nação dividida. O líder da Liga Muçulmana, Muhammad Jinnah, descreveu o nascimento do Paquistão e da Índia como afogado em sangue . Após a independ ncia, o conflito entre as duas rep blicas prosseguiu, com guerras e escaramuças. Atualmente, em que pese a grande pobreza, a Rep blica da Índia é a maior democracia do mundo, com significativas liberdades civis e imprensa livre. O Paquistão, uma rep blica parlamentar, embora menos pobre, tem sofrido com a instabilidade política e com o terrorismo.

Do Império à Commonwealth

Seis meses após a divisão da Índia, em 1948, a ilha do Ceilão (ho e Sri Lanka), famosa por seu chá, tornou-se independente da Grã-Bretanha, inspirada pela campanha Saiam da Índia . A Malásia brit nica, rica em borracha e estanho, que fora ocupada pelos aponeses durante a guerra, tornou-se um protetorado brit nico em 1948. Conquistou sua independ ncia em 1957.

O Ceilão, a Índia, o Paquistão e a Malásia se tornaram membros da Commonwealth, comunidade estabelecida em 1949, tendo a monarca brit nica como representante nominal. Trata-se de uma livre associação de países

independentes que compartilham valores como democracia, paz mundial e livre-comércio. Na década de 1950, o comércio brit nico com os países da Commonwealth era quatro vezes maior que com a Europa, embora o equilíbrio tenha mudado depois que a Grã-Bretanha se untou ao bloco europeu, em 1973. Atualmente, a Commonwealth inclui 53 países, dentre os quais as maiores economias Reino Unido, Índia, Canadá e Austrália respondem por um terço da população mundial.

UMA LINHA VERDE DIVIDE CHIPRE

A colônia brit nica de Chipre (antes parte do Império Otomano e controlada pela Grã-Bretanha desde 1878, após a Guerra Russo-Turca) também se untou Commonwealth depois de obter independ ncia do Império Brit nico, em 1960.

Rivalidades entre os cipriotas gregos, ma oritários na ilha, e os cipriotas turcos, minoritários, provocaram segregação entre as duas comunidades, além de viol ncia, quando os cipriotas gregos começaram a promover a união com a Grécia. Forças da Grã-Bretanha e das Naç es Unidas foram trazidas ilha para monitorar a situação. Em 1974, o governo cipriota foi derrubado por um golpe militar que substituiu o presidente por um ativista pela união com a Grécia, o que levou a Turquia a ocupar o norte de Chipre, de população predominantemente turca.

Um acordo de paz, efetuado em 1974, dividiu Chipre entre o terço do norte (a Rep blica Turca de Chipre do Norte) e os terços do sul (a Rep blica de Chipre, habitada pelos cipriotas gregos), divididos pela Linha Verde , uma zona-tampão estabelecida pela ONU. Até os dias de ho e, a Rep blica Turca de Chipre do Norte é reconhecida como um país independente somente pela Turquia.

DEBACLE EM SUE

gito parte do p rio to ano at uando se tornou protetorado brit ni o obteve a independ n ia e 22 ap s u a revolução ara ontrolar o Canal de Suez ue ainda perten ia a u a e presa anglo-fran esa a rã-Bretanha onservou sua presença ilitar no pa s hidrovia era vital para levar o petr leo do olfo rsi o at a uropa

2 u a revolução liderada por ofi iais do ex r ito na ionalista dep s o rei eg p io aruk pr -brit ni o e e pro la ou a rep bli a no gito a al bdel asser presidente a partir de ho ou o undo ao na ionalizar o Canal de Suez o o prop sito de levantar fundos para a onstrução de u a represa Conversaç es sobre a rise e ondres às uais o pare era 22 pa ses não en ontrara solução diplo ti a ssi rã-Bretanha rança e srael for ulara u plano se reto para invadir o gito invasão e outubro de liderada por forças israelenses foi apoiada por ata ues a reos brit ni os e fran eses asser retaliou blo ueando o Canal de Suez e

afundando navios ue l estava provo ando ra iona ento de petr leo na uropa p s u a se ana de lutas os stados nidos a nião Sovi ti a e a obrigara os invasores a se retirar

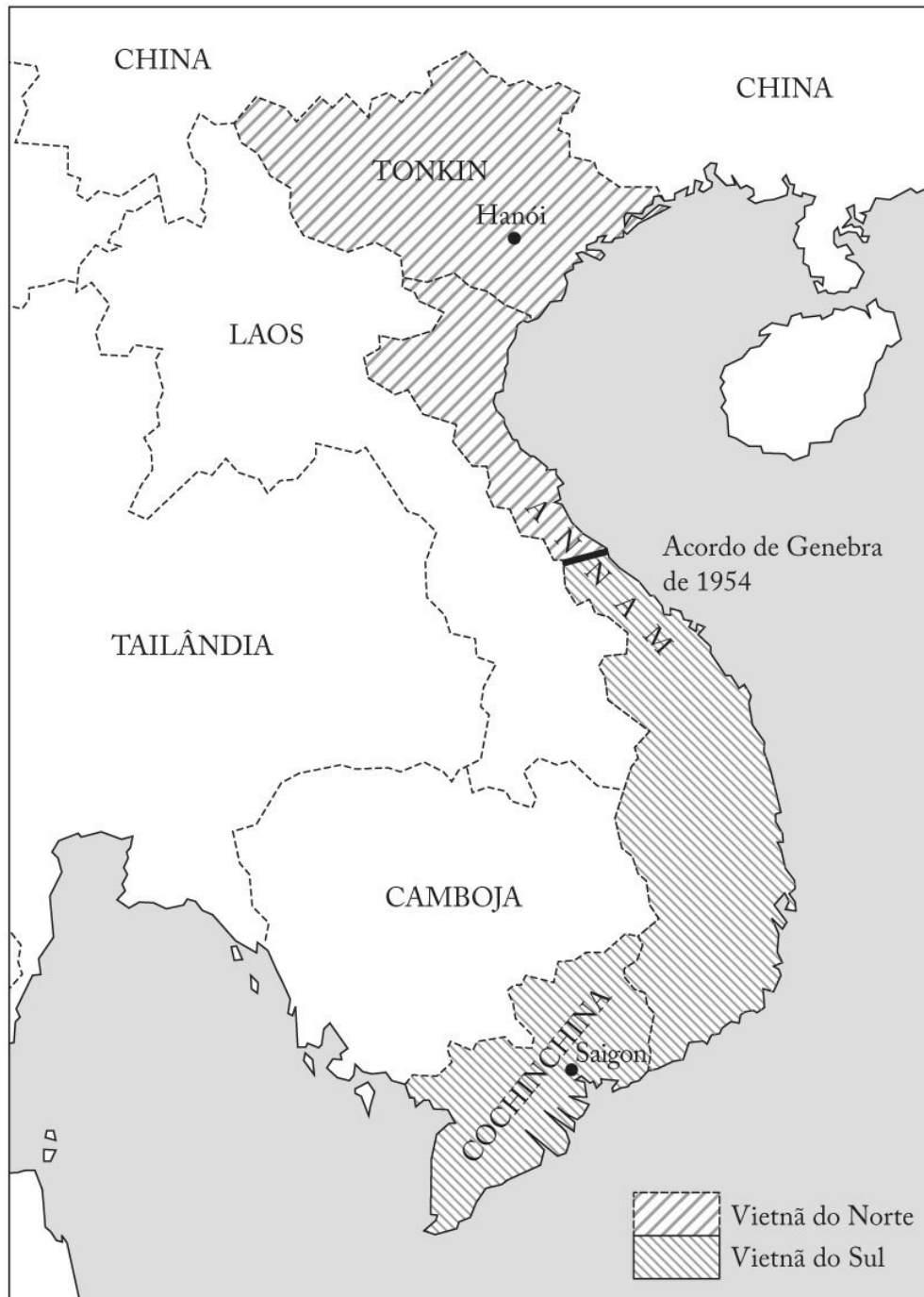
Crise de Suez levou à ren n ia o pri eiro- inistro brit ni o nthony den ar ou o fi da rã-Bretanha o o grande pot n ia undial e ontribuiu e O para u a resolução da on la ando os pa ses olonialistas a abrire ão de suas ol nias

ARMANDO O PALCO PARA O VIETNÃ

Em 1887, tr s anos após a vitória na Guerra Sino-Francesa, a França passou a governar o território compreendido entre a Índia e a China, conhecido como Indochina Francesa. O Vietnã do Sul (então chamado Cochinchina) se tornou uma colônia francesa, enquanto o Cambo a, o Laos, o centro e o norte do Vietnã (Tonkin e Annam) se converteram em protetorados franceses (protegidos de invas es militares). A população local geralmente se ressentia dos franceses, que exploravam a área para obter borracha, chá, café, arroz e pimenta.

Após a queda da França, durante a Segunda Guerra Mundial, o governo franc s de Vichy (marionete da Alemanha nazista) entregou o controle das cidades de Hanói e Saigon aos aponeses, aliado de guerra da Alemanha. O Japão Imperial, que nutria ambiç es de colonizar a sia e estava s voltas com uma guerra em ampla escala contra a China (1937-45), logo ocuparia toda a Indochina Francesa, substituindo alguns funcionários franceses em postos-chave por funcionários aponeses.

No final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, o derrotado Japão se retirou do Vietnã, permitindo ao Viet Minh (Liga para a Libertação do Vietnã), que lutara contra a ocupação aponesa, tomar Hanói e proclamar a Rep blica Democrática do Vietnã. A rep blica teve curta duração, pois as forças francesas retornaram para restabelecer o controle, retomando Hanói e forçando o Viet Minh, liderado pelo nacionalista/comunista Ho Chi Minh, a se retirar para as montanhas. A partir de 1946, o Viet Minh travou uma guerra de guerrilhas contra a França.

Em 1949, os franceses instalaram no país um rei fantoche, Bao Dai, para solapar a liderança de Ho Chi Minh, mas o comunista Viet Minh estava para se tornar mais forte. Em 1954, a China, agora conhecida como Rep blica Popular da China, enviou apoio militar aos guerrilheiros. Usando bicicletas, transportaram peças de artilharia até o topo das colinas que circundavam a guarnição francesa de Dien Bien Phu, contra a qual desfecharam um poderoso ataque. Derrotada e humilhada, a França se retirou da Indochina.

10 Territórios coloniais franceses no Sudeste da sia (Indochina) e o cenário para a Guerra do Vietnã

O presidente americano Harry S. Truman, cu a política de contenção visava deter a propagação do comunismo, havia apoiado a França. Dwight Eisenhower, presidente a partir de 1953, descrevia a ameaça comunista como um efeito-

dominó, segundo o qual, se um país sucumbisse ao comunismo, o restante do Sudeste da sia sucumbiria também.

Em 1954, o acordo de paz de Genebra dividiu o país em Vietnã do Norte, comunista, liderado por Ho Chi Minh, e Vietnã do Sul, pró-Ocidente, liderado por Ngo Dinh Diem, nomeado pelos EUA. Uma eleição foi marcada para 1956, com o propósito de decidir quem governaria todo o Vietnã. O governo repressor de Ngo Dinh Diem era impopular. Enxergando a oportunidade de unificar o país sob um regime comunista, Ho Chi Minh enviou a uda aos defensores do comunismo no Sul. Em retaliação, Diem cancelou a eleição, violando os termos do acordo de Genebra. Preocupados em demonstrar que a política de contenção estava funcionando como esperado, os Estados Unidos apoiaram a decisão de Diem.

O palco estava armado para a prolongada e dispendiosa Guerra do Vietnã (1955-75).

Holandeses Despejados das Índias Orientais

Assim como a Indochina, a colônia no Sudeste da sia, conhecida como Índias Orientais Holandesas (ho e Indonésia), resistiu ao retorno da pot ncia colonialista após a Segunda Guerra Mundial.

A colônia um arquipélago que inclui as ilhas de Sumatra, Java, Celebes e o sul da ilha de Bornéu foi formada a partir de territórios controlados pela Companhia Holandesa das Índias Orientais, que operava o comércio de especiarias na Holanda desde o século 17. As terras foram repassadas para o Estado holand s quando a companhia faliu, em 1796.

Em 1940, a ocupação da Holanda pela Alemanha nazista impediu que o exército holand s defendesse sua colônia, que foi invadida pelo Japão. Os aponeses armaram e treinaram os indonésios para colaborar no esforço de guerra contra as Pot ncias Aliadas, e encora aram o desenvolvimento de movimentos nacionalistas. Após a rendição do Japão, ao final da guerra, os líderes dos movimentos reivindicaram a independ ncia da Indonésia.

Durante cinco caóticos anos, a partir de 1945, os holandeses tentaram reimpor seu governo. Republicanos, comunistas e revolucionários camponeses lutavam uns contra os outros e contra os europeus. Por fim, press es exercidas pelas Naç es Unidas e pelos americanos persuadiram a Holanda a conceder, em 1949, independ ncia Indonésia.

Coração das Trevas

Após a Segunda Guerra Mundial, apenas tr s países africanos eram independentes: Libéria, Egito e Etiópia. Apesar de muitos africanos terem lutado em exércitos europeus, a maior parte foi impedida de governar os próprios países. As relaç es entre colonos e africanos eram geralmente hostis. As mais horrendas atrocidades foram cometidas pelo rei belga Leopoldo II (reinou de 1865 a 1909), cu o sanguinário governo do Congo, região de extensas florestas pluviais e rica em borracha, serviu de base para o romance *Coração das trevas* (*eart of arkness*), escrito em 1899 por Joseph Conrad. Impulsionada pela recente liberdade total da Índia, adquirida em 1956, uma grande onda libertária varreu o continente africano na segunda metade da década de 1950 e na de 1960.

Gana, antiga Costa do Ouro Brit nica, foi a primeira colônia africana a obter independ ncia. Ao voltarem para casa, soldados da Costa do Ouro, que haviam lutado ao lado dos brit nicos na Segunda Guerra Mundial, só encontraram desemprego e pobreza. As tens es aumentaram quando vários deles foram mortos por policiais brit nicos durante um tumulto, o que levou a Grã-Bretanha a formular planos para deixar a colônia. Com apoio brit nico, o partido liderado por Kwame Nkrumah venceu a primeira eleição do país, em 1951, e, em 1957, ele se tornou primeiro-ministro, quando, enfim, Gana conquistou sua independ ncia. Nkrumah iniciou o governo com grande esperança de desenvolver um Estado socialista industrializado, onde houvesse oportunidades de educação para todos, mas, após crises econômicas, acabou transformando Gana em um país de partido nico. Em 1966, foi derrubado por um golpe militar.

A independ ncia de Gana inspirou outras naç es africanas a assumirem o próprio controle, inclusive o u nia, onde ataques do grupo nacionalista Mau-Mau contra colonos brit nicos desencadearam, no início, uma reação brit nica, que incluiu políticas repressivas, seguidas por várias rebeli es e finalmente pela independ ncia do país, em 1963.

O primeiro-ministro brit nico Harold Macmillan admitiu, em 1960: O vento das mudanças está soprando sobre o continente o crescimento da consci ncia nacional é um fato político que devemos reconhecer.

Vento Frio na África

A descolonização da frica foi complicada pela Guerra Fria entre os Estados Unidos e a URSS. A União Soviética fornecia armas e dinheiro para movimentos nacionalistas motivados por ideais comunistas, enquanto os Estados Unidos, empenhados em deter a propagação do comunismo, patrocinavam grupos

nacionalistas e líderes que apoiassem o Ocidente capitalista.

A rivalidade foi bem exemplificada na independ ncia do conturbado Congo Belga. Enfrentando um movimento pró-independ ncia cada vez mais forte, o Rei Balduíno da Bélgica entregou o poder, em 1960, a um primeiro-ministro recém-eleito, o líder revolucionário Patrice Lumumba. No espaço de duas semanas, os soldados da *or e ubli ue* congolesa se amotinaram contra os oficiais belgas que ainda permaneciam no país, e a província de Katanga declarou-se independente do Congo sob o comando do líder Moise Tshombe, que chamou os belgas de volta para apoiá-lo militarmente. Lumumba reagiu exigindo a expulsão das tropas belgas pela ONU, que enviou uma força para manter a paz. Lumumba também pediu a uda militar União Soviética, que lhe foi prontamente concedida, numa tentativa comunista de aproximação com o Congo. Mas, em setembro de 1960, Lumumba foi deposto e executado pelo líder pró-Ocidente Joseph Mobutu (Mobutu Sese Seko). Apoiado pelos EUA, Mobutu se tornou chefe de Estado em 1965 e rebatizou o país de aire. Foi derrubado em 1996, após um governo corrupto que praticamente quebrou o país.

Lutando para se tornar independente de Portugal, Angola também recebeu apoio militar soviético, assim como o recém-independente governo de Moçambique e o Congresso Nacional Africano, na frica do Sul. Em retaliação, os Estados Unidos forneceram armamentos e dinheiro a nacionalistas e governos africanos dispostos a se opor ao comunismo.

Os soviéticos não alcançaram na frica os resultados que alme avam. Economias fracas e violentas rivalidades criaram instabilidades políticas que impediram o socialismo de se estabelecer na frica. Ao contrário do que ocorria nos países socialistas, a luta de classes não era uma preocupação primordial nas sociedades africanas. Assim, muitos países africanos, após a independ ncia, acabaram se alinhando com o Ocidente capitalista.

Selvageria por Toda Parte

Envergonhado com a derrota na Indochina Francesa em 1954, o governo socialista franc s efetuou uma in til tentativa de manter sua colônia de 130 anos na Argélia. A guerra da França entre 1954 e 1962 contra os guerrilheiros da Frente de Libertação Nacional (FLN), um grupo nacionalista árabe, chegou a outro desfecho humilhante, cu as repercuss es ainda ecoam naquele país.

Os colonos europeus na Argélia, relativamente ricos, constituíam cerca de 10 da população e eram apelidados de *pieds-noirs* (pés pretos) pelos nativos argelinos, que, cada vez mais descontentes, exigiam os mesmos direitos dos *pieds-*

noirs. O governo franc s concordou somente com reformas limitadas, o que estimulou o aparecimento de grupos revolucionários, como a FLN.

A guerra que irrompeu durou oito anos de intensa selvageria: a FLN perpetrou massacres, assassinatos, mutilaç es e torturas; os franceses responderam tratando de forma cruel os agitadores nacionalistas. O conflito derrubou a frágil uarta Rep blica, que foi substituída pela uinta Rep blica, liderada por Charles de Gaulle, que comandara a França Livre durante a Segunda Guerra Mundial. De Gaulle não teve alternativa senão entregar o poder FLN e conceder independ ncia Argélia. A decisão acarretou atos terroristas de argelinos de origem francesa que se opunham independ ncia. No espaço de um ano, cerca de 1,4 milhão de refugiados, incluindo europeus e udeus que viviam no país africano havia geraç es, fugiram para a França, onde muitos deles se sentiam isolados, problema que repercute até ho e.

Ventos de Mudança

Em seguida independ ncia, muitos dos novos países mergulharam em um caos político e econômico. Economias africanas baseadas na agricultura de subsist ncia, com poucas ind strias modernas, passaram por dificuldade após perderem subitamente o apoio do Ocidente. Países com matérias-primas valiosas, como a Nigéria, por exemplo, que dispunha de petróleo, tiveram um rápido crescimento econômico, gerando um abismo entre ricos e pobres. Governos que deparavam com problemas m ltiplos de guerras e divis es étnicas a fome e secas , inclinavam-se para a autocracia e a corrupção como meio de sobreviv ncia.

A guerra civil na Argélia, que se seguiu ao xodo dos franceses, resultou em uma ditadura militar. E, quando o governo cancelou as eleiç es, temendo a vitória de muçulmanos radicais, o país mergulhou numa guerra civil (1991-2002). Entretanto, nos ltimos anos, a Argélia tem conseguido manter a estabilidade e se tornou grande exportador de gás natural.

Após obter independ ncia da França, que controlou a região do século 19 década de 1960, a Rep blica Centro-Africana padeceu sob o domínio de líderes autocráticos, inclusive a ditadura aterrorizante de Jean-Bédel Bokassa, conhecido como o ditador canibal , a qual durou de 1966 até 1979, quando foi deposto por um golpe apoiado pela França. O país continua a ser um dos mais pobres do mundo.

Em 1971, Idi Amin, ex-oficial do exército colonial, tomou o poder no antigo protetorado brit nico de Uganda, que á vinha atravessando anos de governos

corruptos. Amin implantou seu próprio tipo de governo, cruel e opressor, que durou até 1979 e se tornou conhecido pelas execuç es de adversários políticos, além de viol ncia étnica e graves abusos contra os direitos humanos. Atualmente, o país goza de relativa estabilidade e prosperidade, embora ainda ha a pobreza no norte, por conta de um legado de intranquilidade e viol ncia deixado por um grupo rebelde chamado Exército da Resist ncia do Senhor.

A Nigéria, descolonizada pelos brit nicos em 1960, mergulhou na guerra civil quando, em 1967, o estado de Biafra, no sul, habitado pelo povo ibo, de maioria cristã, separou-se da federação do norte, dominada por muçulmanos, e criou a Rep blica de Biafra, que durou até 1970. A rep blica fracassou depois que um bloqueio imposto pelo governo federal provocou a morte por inanição de milh es de biafrenses. O interesse internacional e o apoio militar a ambos os lados foram consideráveis, devido alta qualidade do petróleo produzido nos campos da região. Imagens de biafrenses desesperados, divulgadas em todo o mundo, atraíram uma enxurrada de a uda humanitária a partir de 1968, principalmente por parte de organizaç es cristãs.

O petróleo também mudou a sorte da antiga colônia italiana da Líbia, que obteve a independ ncia em 1951, após a ocupação Aliada. As reservas de petróleo descobertas em 1959 incentivaram o golpe militar liderado pelo Coronel Muammar Gaddafi em 1969. No entanto, embora os rendimentos obtidos pela Líbia com o petróleo tivessem subido vertiginosamente na década de 1970, boa parte foi gasta com o financiamento ao terrorismo em todo o mundo.

A Revolução dos Cravos

A colônia portuguesa de Angola, no sul da frica, foi conhecida pelo tráfico de escravos para o Brasil (entre 1501 e 1866 embarcaram mais de 5 milh es). Ao longo do século 20, a colônia se tornou cada vez mais ocidentalizada. Em 1910, a fracassada monarquia constitucional de Portugal foi substituída por uma instável rep blica, que, por sua vez, acabou substituída, em 1933, por uma ditadura fascista e repressora, o Estado Novo, contrário ao comunismo, ao socialismo, ao liberalismo e ao anticolonialismo. O Estado Novo pretendia tornar as colônias portuguesas parte do próprio país, ignorando as aspiraç es independ ncia de seus territórios ultramarinos.

A política do Estado Novo para Angola, que incluiu trabalhos forçados e reassentamentos durante a década de 1950, desencadeou uma guerra de libertação por parte de diversos movimentos de guerrilha nacionalista e, durante 13 anos, ocasionou horrendos massacres. Com seus esforços para encerrar os

conflitos, os portugueses atraíram críticas por parte das Naç es Unidas, bem como embargos de armamentos e outras sanç es impostas pela comunidade internacional.

Crescentes dissenç es internas e o aumento da influ ncia soviética exercida sobre a classe trabalhadora culminaram, em 1974, com a Revolução dos Cravos, golpe militar assim chamado porque não houve um disparo sequer, e apenas cravos vermelhos, símbolo do socialismo, eram enfiados nos canos dos rifles dos soldados. Depois que o novo governo socialista prometeu fazer a transição para a democracia, a guerra colonial terminou imediatamente, e a independ ncia foi concedida a Angola e a outros territórios, como Moçambique, no sudeste da frica, e Timor Leste, no sudeste da sia. Isso deu início a um xodo em massa de cidadãos portugueses.

Em 1975, logo após a independ ncia, uma guerra civil irrompeu em Angola, tornando-se o mais prolongado conflito na frica. O governo comunista, estabelecido por antigos rebeldes e apoiado pela União Soviética, lutava contra insurgentes apoiados pelos Estados Unidos. Em 1995, a ONU enviou uma força de paz para supervisionar o desarmamento. O conflito terminou finalmente em 2003, deixando o país lotado de minas terrestres e com sua economia destroçada. Desde então, contudo, Angola conseguiu manter a estabilidade e acumular reservas financeiras com base na exploração de petróleo e em minas de diamantes.

Êxodo Judeu

Contra o pano de fundo da descolonização, havia um crescente conflito entre árabes e refugiados udeus que fugiam do antissemitismo e de países instáveis. A perseguição aos udeus se iniciou no momento em que as primeiras comunidades udaicas migraram do reino de Israel (na Palestina) para a Europa cristã. O Caso Dreyfus (1894-1906), quando um capitão do exército franc s chamado Alfred Dreyfus que era udeu foi falsamente incriminado por traição, enquanto as autoridades protegiam o verdadeiro culpado, é apenas um exemplo. O holocausto, de 1941 a 1945, é outro.

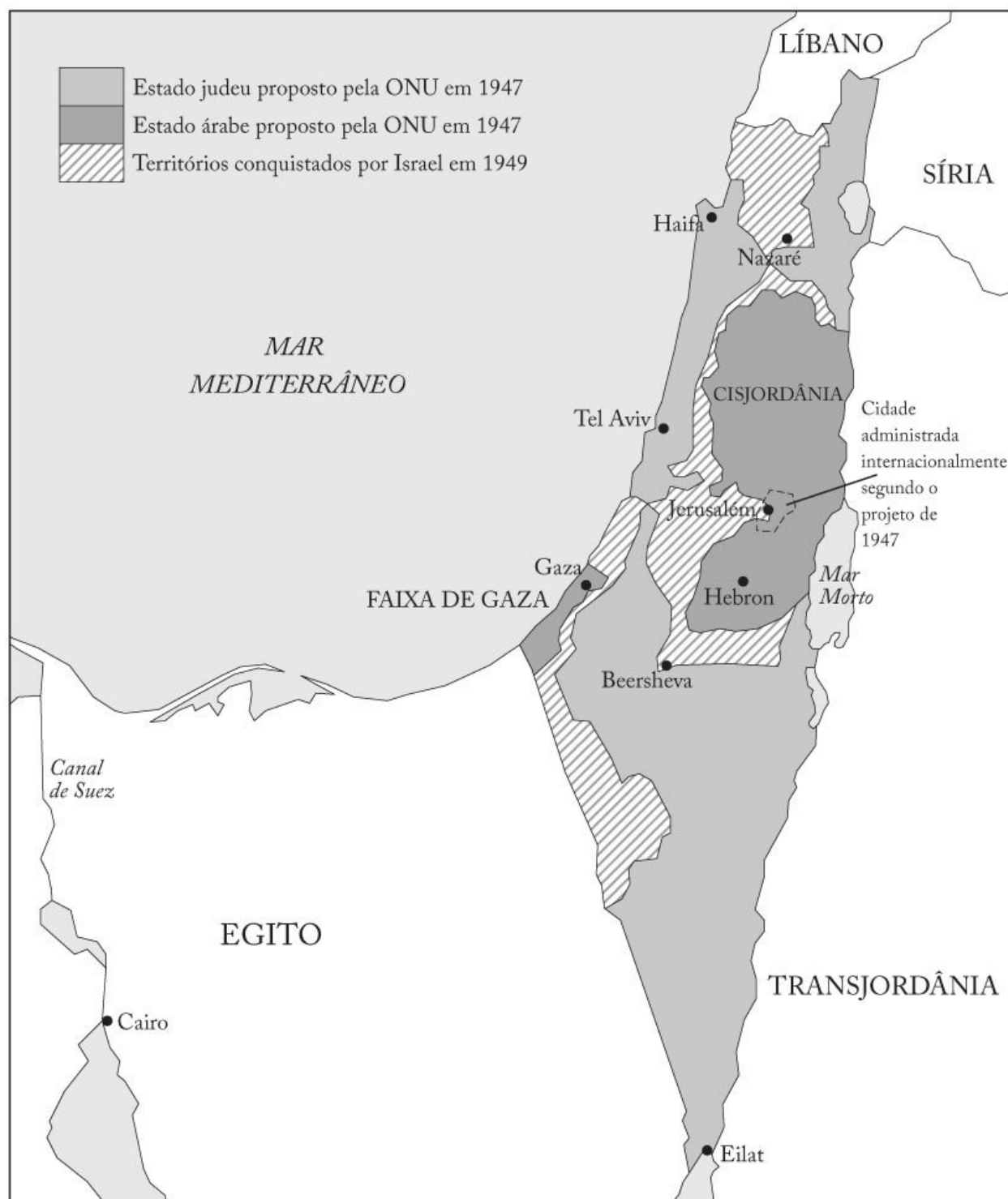
No final do século 19, reagindo ao antissemitismo, a Organização Sionista, liderada pelo ornalista h ngaro Theodore Herzl, comprou terras na Palestina e lá estabeleceu assentamentos. Os sionistas acreditavam que os udeus da diáspora deveriam retornar sua verdadeira pátria, na então Palestina, território que lhes fora prometido por Deus, e argumentavam que um Estado soberano deveria ser ali implantado. Organizaram, então, migraç es em massa para a Palestina,

levantando fundos para a udar udeus pobres e perseguidos. Durante a Primeira Guerra Mundial, preocupados com a vulnerabilidade dos assentamentos s forças turcas, os sionistas acolheram com agrado a conquista da Palestina pelos brit nicos em 1917. Isso foi verdadeiro sobretudo com Chaim Weizmann, sionista educado na Grã-Bretanha, que se tornaria o primeiro presidente de Israel.

Em 1917, Weizmann contribuiu para que o primeiro-ministro brit nico Arthur Balfour fosse persuadido a apoiar uma pátria para os udeus na Palestina , o que suscitou aumento na imigração udaica para o território, onde ind strias, tecnologias e instituiç es controladas por udeus se desenvolveram. Esse feito provocou tens es entre árabes palestinos e udeus. Assim, em 1930, a Grã-Bretanha começou a restringir a imigração para a Palestina bem no momento em que udeus da Alemanha e da ustria começavam a enfrentar uma nova onda de discriminação. Em maio de 1939, s vésperas de uma guerra que desencadearia o Holocausto de udeus na Europa, a Grã-Bretanha vetou a imigração, ense ando imigraç es ilegais em que udeus eram contrabandeados para a Palestina por grupos udaicos de resist ncia.

Após a Segunda Guerra Mundial, refugiados udeus, com o apoio dos Estados Unidos, tentaram emigrar para a Palestina, ainda administrada pelos brit nicos. Consciente das ob eç es dos árabes nacionalistas, a Grã-Bretanha restringiu novamente o n mero de imigrantes para o território. Em 1946, como forma de protestar contra o que via como parcialidade da Grã-Bretanha em favor dos árabes, o exército clandestino udeu, conhecido como Irgun, explodiu uma bomba no hotel Rei David, em Jerusalém, matando 91 pessoas. Em 1947, diante das crescentes tens es, os brit nicos levaram o problema ONU, que votou pela divisão da Palestina em um Estado árabe e outro udeu, tendo Jerusalém como área internacional compartilhada, pro eto que foi aceito pelos udeus, mas amargamente repudiado pelos árabes. Uma série crescente de ataques árabes foi enfrentada com viol ncia ainda maior pela organização paramilitar udaica de caráter sionista conhecida como Haganá. Em abril de 1948, as tropas brit nicas deixaram a região. Em 14 de maio, poucas horas antes de o mandato brit nico sobre o território se encerrar, o Estado independente udeu de Israel foi proclamado por David Ben-Gurion, presidente da Ag ncia Judaica para a Palestina.

No dia seguinte, Israel foi invadido por Egito, Síria, Líbano, Trans ord nia (atual Jord nia) e Iraque, na primeira guerra entre árabes e israelenses (Guerra da Independ ncia de Israel). Os israelenses resistiram invasão. Em 1949, quando

então houve um armistício, Israel á havia controlado territórios além das fronteiras estabelecidas em 1947. O Egito ocupara a Faixa de Gaza, e a Trans ord nia anexara a Judeia e a Samaria. Os 700 mil palestinos árabes desalo ados pela guerra se dispersaram, principalmente, pela Jord nia, Egito, Síria e Líbano. Em maio de 1964, palestinos revoltados com a situação formaram, em Jerusalém, a Organização para a Libertação da Palestina (OLP).

11 Divisão da Palestina em 1947 e o acordo de cessar-fogo de 1949

O novo Estado udeu de Israel tornou-se o foco de uma imigração em massa de udeus oriundos de países árabes do Oriente Médio e de países muçulmanos

do norte da frica que haviam obtido a independ ncia. Também chegaram udeus do Egito, expulsos do país após a Crise de Suez em 1956.

Yom Kippur e Camp David

Os conflitos entre israelenses e palestinos tiveram seguimento com a Guerra dos Seis Dias, em 1967, quando Israel enfrentou uma união de países árabes vizinhos. O resultado Os árabes perderam mais territórios, cerca de 600 mil palestinos da Cis ord nia passaram a viver sob a administração israelense, e a península do Sinai, antes território egípcio, foi ocupada por Israel um desfecho que traria ao país mais complicaç es e mais ataques terroristas.

A humilhação sofrida pelos árabes em 1967 ocasionou a Guerra do om Kippur (assim chamada devido ao Dia Sagrado dos udeus), quando Egito e Síria lançaram ataques de surpresa península do Sinai (a leste do Canal de Suez) e s Colinas de Golan, na fronteira com a Síria, territórios ocupados por Israel. Os Estados Unidos, então governados pelo Presidente Richard Nixon, prestaram apoio militar aos israelenses. Em retaliação, um embargo petrolífero lhes foi imposto pelos países árabes filiados OPEP (Organização dos Países Produtores de Petróleo), bem como ao Reino Unido, Japão, Canadá e Holanda, que também haviam apoiado Israel e sofreram punição id ntica. A medida provocou uma disparada da ordem de 130 nos preços do petróleo, acarretando uma recessão econômica no Ocidente. uando as Naç es Unidas iniciaram negociaç es para um cessar-fogo, a superioridade do exército israelense, uma vez mais, á havia prevalecido. O Sinai foi devolvido ao Egito em 1978, por meio dos históricos Acordos de Camp David, assinados na Casa Branca por Menachem Begin, primeiro-ministro de Israel, e pelo presidente egípcio Anwar Sadat, tendo o presidente americano Jimmy Carter como testemunha.

Embora os acordos entre Egito e Israel tenham se mantido, as relaç es entre palestinos e israelenses permanecem tensas, e o conflito entre os dois povos está longe de terminar.

Ho e, o Estado da Palestina, cu a independ ncia foi declarada em 15 de novembro de 1988 pela OLP, é reconhecido internacionalmente pela maioria dos países-membros da ONU.

Um Novo Imperialismo

A independ ncia concedida pelos Estados Unidos s Filipinas após a Segunda Guerra Mundial encora ou os países europeus a desmontar seus impérios com

vistas a abrir novos mercados e propiciar o desenvolvimento do capitalismo ao redor do mundo. A União Soviética também apoiou os processos de descolonização, mas com finalidade oposta: levar o comunismo aos países em desenvolvimento. Durante a Guerra Fria, essas ideologias contrárias financiaram lutas pelo poder entre comunistas e nacionalistas pró-Ocidente.

Em 1999, Macau, a ltima colônia que restava a Portugal na China continental, foi transferida para a Rep blica Popular da China. A Grã-Bretanha á havia transferido a ilha de Hong Kong para a China em 1997. Hong Kong fora cedida aos brit nicos após a derrota da China na Primeira Guerra do pio, em 1842, e desenvolvera uma economia de livre-mercado. Como parte do acordo de 1997 com a China, a ilha obteve permissão para conservar sua economia capitalista por 50 anos após a transfer ncia.

Os territórios ultramarinos da Grã-Bretanha que restaram, como Gibraltar, Bermudas e Ilhas Falklands, votaram no sentido de manter o status; atualmente, contam com governos próprios para quest es internas, enquanto a Grã-Bretanha cuida da defesa e das relaç es exteriores.

A era colonial europeia havia terminado. Antigas colônias foram deixadas com um legado de exploração econômica, infraestrutura colonial e pre uízos provocados por guerras. Os países africanos, em particular, t m lutado para se recuperar; e uma fartura de recursos naturais, como petróleo, cobre, ouro, diamantes e borracha tem contribuído para a recuperação de alguns deles.

Muitos observadores argumentam que o colonialismo tradicional, que envolve a ocupação física de territórios ultramarinos, foi substituído por um novo imperialismo (neocolonialismo), em que os países dominantes controlam socioculturalmente as naç es economicamente dependentes, usando seus sistemas de comércio e a globalização para aumentar seu poder e sua influ ncia.

O Fantasma da Guerra Fria

Em 1946, o líder soviético Josef Stalin declarou que o comunismo e o capitalismo amais poderiam conviver em paz, e que os conflitos seriam inevitáveis até que a vitória do comunismo sobre o capitalismo fosse alcançada. Stalin seguia a ideologia formulada por Karl Marx, filósofo socialista do século 19.

Por outro lado, os Estados Unidos e as naç es da Europa Ocidental acreditavam em economias capitalistas de livre-mercado, em eleiç es livres e democráticas e no direito dos indivíduos de adquirirem bens e propriedades.

Desde o momento em que foi implantado, em 1922, o primeiro Estado comunista, a URSS, proponentes de ambos os sistemas políticos (ideologias) se olharam com desconfiança, cada qual receando que o outro tivesse a intenção de destruí-lo. No final da Segunda Guerra Mundial, essa desconfiança m tua se transformou num impasse militar, quando os Estados Unidos da América e a União das Rep blicas Socialistas Soviéticas emergiram como as naç es mais poderosas do mundo   superpot ncias com armas que poderiam destruir o planeta. Durante décadas, o mundo viveu sob a ameaça de uma possível destruição nuclear, porém, felizmente, ambos os países sempre recuavam quando a situação ameaçava fugir ao controle. Preferiam guerrear indiretamente, influenciando governos ou intervindo em seus assuntos para obter supremacia. Essa situação foi chamada de Guerra Fria.

Assombrosas quantias foram gastas nas rivalidades da Guerra Fria: as despesas militares americanas foram estimadas em 8 trilh es de dólares, envolvendo a aquisição de equipamentos, o financiamento de grupos anticomunistas ao redor do mundo, pesquisas de armas nucleares ou outros

armamentos, Guerra da Coreia e Guerra do Vietnã. No Ocidente, essa sangria financeira contribuiu para o término da expansão econômica na metade do século; na União Soviética, apressou o fim do comunismo na Europa Oriental.

Desce a Cortina de Ferro

O líder soviético Josef Stalin tinha ideias expansionistas que a Segunda Guerra Mundial contribuiu para concretizar. Em 1939, ele a udou a for ar o inesperado Pacto Nazi-Soviético, que dividia a Polônia entre a União Soviética e a Alemanha de Hitler. No início da guerra, conforme haviam combinado, a Alemanha (em 1/9/1939) e a URSS (em 17/9/1939) invadiram a Polônia, cu o território dividiram entre si.

Em 1941, depois que a Alemanha se voltou contra a URSS, Stalin se untou aos Aliados. Em 1944, quando a Alemanha á dava sinais de que estava sendo derrotada, os líderes Aliados se reuniram em Moscou para discutir o futuro da Europa. Bilhetes escritos pelo primeiro-ministro brit nico Winston Churchill revelaram sua intenção de demarcar esferas de influ ncia para os países Aliados após a guerra, inclusive para a União Soviética. Um ano mais tarde, na Confer ncia de Ialta, realizada em fevereiro de 1945, na Crimeia, Churchill e o presidente americano Roosevelt tentaram reduzir a influ ncia soviética na Polônia. Embora estipulasse a criação das Naç es Unidas e a divisão da Alemanha e Berlim em áreas ocupadas, a confer ncia plantou sementes de suspeita entre a URSS e o Ocidente.

Não importa. Faremos isso nossa moda mais tarde , escreveu Stalin após a confer ncia ao ministro das relaç es exteriores soviético Vyacheslav Molotov (cu o sobrenome batizou o conhecido coquetel molotov). _ O líder soviético queria não só expandir a influ ncia da R ssia, como também estava determinado a proteger o território russo mediante a criação de Estados comunistas que servissem de tampão entre a R ssia e a Europa Ocidental.

> _ O nome coquetel molotov foi criado por finlandeses. Após a invasão da Finl ndia pela URSS em 1939, na chamada Guerra de Inverno, Molotov declarou em transmiss es de rádio que os avi es soviéticos não estavam ogando bombas sobre o país, e sim, cestos de pães. Os finlandeses retribuíram dizendo que as garrafas que ogavam sobre os tanques inimigos não continham líquidos combustíveis, mas apenas um coquetel, o Coquetel Molotov. O nome passou a integrar o vocabulário de diversas línguas, entre

elas o portugu s, que o transformou em substantivo comum, com iniciais min sculas. (N.T.)

Na Iugoslávia, a resist ncia liderada por Josip Tito fez a maior parte do trabalho na expulsão dos nazistas. Tito foi eleito presidente da Rep blica Popular Federativa da Iugoslávia, um Estado comunista, mas que amais foi dominado pela URSS. Optou por ser um país não alinhado em vez de se untar ao bloco soviético.

O Exército Vermelho liberou grande parte da Europa Oriental e dos Bálcãs da ocupação nazista e foi bem recebido principalmente pelos numerosos guerrilheiros comunistas. A URSS prestou apoio aos partidos comunistas e os a udou a fazer propagandas e campanhas de intimidação, de modo que, em 1949, havia governos com influ ncia ideológica soviética na Hungria, Bulgária, Rom nia, Tchecoslováquia e Alb nia, assim como na Polônia. No mesmo ano, esses seis países receberam a companhia da área alemã ocupada pelos soviéticos, que se tornou a Rep blica Democrática Alemã.

Na ocasião, Winston Churchill declarou: Uma cortina de ferro desceu sobre o continente. Em resposta, Stalin o chamou de instigador de guerras .

12 A Cortina de Ferro entre o Ocidente e a Europa Oriental

… Sobe o Muro de Berlim

Nada simbolizou tão bem o choque de culturas na Guerra Fria quanto a cidade dividida de Berlim, com um muro que separava a parte oriental da parte ocidental.

Em 1948, as áreas não soviéticas da Alemanha e de Berlim ocupadas por Grã-Bretanha, França e Estados Unidos foram unificadas e transformadas em um novo país: a Alemanha Ocidental. A resposta de Stalin foi tentar expulsar de Berlim as Forças Aliadas. Assim, mandou cortar o fornecimento de energia elétrica e ordenou a seus soldados que bloqueassem todos os acessos ao lado oeste da cidade, privando de alimentos seus habitantes.

A cidade de Berlim, considerada área especial, ficava praticamente no centro da Alemanha Oriental. (N.T.)

O nico caminho para que Berlim Ocidental fosse alcançada a partir do Ocidente passou a ser pelo ar. Assim, os Aliados romperam o bloqueio com o que veio a se tornar a maior operação de abastecimento por via aérea da história. A ponte aérea de Berlim durou quase um ano, de unho de 1948 a maio de 1949, período no qual cerca de 1,5 milhão de tonelada de suprimentos foi entregue. Por fim, a URSS desistiu e levantou o bloqueio.

Esse foi o primeiro impasse da Guerra Fria e estabeleceu o padrão para as décadas seguintes. A URSS e as pot ncias ocidentais nunca travaram batalhas diretas.

Em agosto de 1961, a União Soviética ergueu o Muro de Berlim. Os soviéticos alegaram que a medida visava impedir que a propaganda ocidental chegasse parte oriental, mas seu principal ob etivo era sustar a constante migração de alemães orientais para Berlim Ocidental e para o mundo ocidental. Os guardas na fronteira de Berlim Oriental receberam ordens para fuzilar qualquer pessoa que tentasse passar pelo muro ilegalmente. Embora o n mero total de mortes se a controverso, pelo menos 138 moradores do leste europeu foram mortos ao tentar escapar para o Ocidente.

Segura atrás de seus países-satélites, a URSS controlava todos os contatos que seus cidadãos pudessem ter com o Ocidente. Acusaç es de totalitarismo se ustificavam, pois o punho de ferro do partido nico suprimia a liberdade de expressão e deportava os dissidentes para os *gulags*, campos de prisioneiros na Sibéria e em outras partes inóspitas da União Soviética.

Os Estados Unidos, por sua vez, declararam-se os defensores da liberdade. Mas, no zelo de se opor ao comunismo, por vezes apoiaram regimes totalitários de direita, como a unta militar que, em 1973, no Chile, derrubou o presidente socialista Salvador Allende.

O Pacto de Varsóvia Une e Divide

As tens es da Guerra Fria aumentaram quando, em 1955, a Alemanha Ocidental recebeu permissão para constituir novamente um exército pela primeira vez desde o fim da Segunda Guerra Mundial e para aderir Organização do Tratado do Atl ntico Norte. Estabelecida em 1949 pelos Estados Unidos, Canadá e 10 países europeus, a OTAN foi concebida como um pacto de segurança m tua: qualquer ataque a um de seus membros seria considerado um ato de hostilidade a todos. Foi a primeira aliança militar de oposição ao

comunismo de uma rede que os Estados Unidos teceriam ao redor do mundo durante a Guerra Fria. Outros países, como a Austrália, ingressaram mais tarde na OTAN. Em 1951, Austrália, Nova el ndia e Estados Unidos formaram também um pacto militar próprio, o AN US.

Nome composto com as iniciais dos nomes, em ingl s, dos países participantes: ***A**ustralia* ***N**e* ***Z**ealand* e ***U**nited* ***S**tates*. (N.T.)

A URSS viu a nova Alemanha militarizada como uma ameaça, e reagiu formando o Pacto de Varsóvia, uma aliança de países comunistas da Europa Oriental para a defesa m tua. O grupo de naç es que não se alinhavam com OTAN e AN US ficou conhecido como Terceiro Mundo. O Pacto de Varsóvia permitia que tropas soviéticas ficassem estacionadas nos territórios dos países signatários, o que despertou ressentimentos em alguns deles.

Na Hungria, movimentos antissoviéticos provocaram, em 1956, um levante popular que culminou com um novo governo cu o principal ob etivo era retirar o país do bloco soviético. Algo que a URSS não poderia admitir. Em novembro do mesmo ano, cerca de 1.000 tanques soviéticos invadiram Budapeste e esmagaram a nascente revolução. Milhares de soldados e civis h ngaros pereceram, e 200 mil fugiram para a ustria.

Em 1968, mais um país europeu tentou modificar seu status de satélite soviético, quando Alexander Dubcek, secretário-geral do Partido Comunista da Tchecoslováquia, decidiu implantar uma série de reformas que incluíam o fim da censura e a liberdade de imprensa. Tais reformas ficaram conhecidas como a Primavera de Praga. A resposta soviética foi ocupar a capital, Praga, posicionando tanques na ruas e soldados em torno dos prédios do governo e dos órgãos de imprensa. Dubcek foi preso e substituído. Com isso, a oposição ao domínio soviético foi sub ugada durante décadas.

A Águia Americana Mostra as Garras

Em 1947, enquanto a URSS estabelecia uma área-tampão para si mesma na Europa Oriental, o presidente americano Harry S. Truman implantou a Doutrina Truman com o propósito de conter a influ ncia soviética. Acredito que precisamos a udar os povos livres a plane ar seus destinos a seu próprio modo , disse Truman ao Congresso dos Estados Unidos. Essa política de contenção foi

testada, no início da Guerra Fria, na Grécia e na Turquia.

Durante a ocupação alemã na Grécia, na Segunda Guerra Mundial, a resist ncia grega deu início a uma guerra fratricida entre comunistas e republicanos. Em 1946, uma guerra civil foi deflagrada, com a Iugoslávia prestando a uda militar aos comunistas e a Grã-Bretanha fazendo o mesmo com os republicanos. s voltas com problemas econômicos no pós-guerra, a Grã-Bretanha acabou tendo de retirar seu apoio. Os Estados Unidos intervieram, e a a uda foi decisiva para a vitória dos direitistas. A Grécia se tornou, assim, o nico país não comunista dos Bálcãs.

Os problemas financeiros da Grã-Bretanha também a impediram de manter seu apoio Turquia, que, em 1947, sofria crescente pressão da URSS para permitir a instalação de bases navais soviéticas nos Estreitos Turcos, de modo a lhes franquear o acesso ao Mar Negro e ao Mediterr neo. Navios soviéticos começaram a se aglomerar na região. Diante disso, os Estados Unidos enviaram um porta-avi es para águas turcas e concederam Turquia a uda econômica e militar no valor de 100 milh es de dólares. Esses primeiros confrontos da Guerra Fria estabeleceram o padrão que seria seguido nos anos seguintes.

A Coreia se Divide

O destino da Coreia vinha sendo definido por outras naç es desde 1910, quando o Japão a ocupou como parte de sua expansão nacionalista na sia. No final da Segunda Guerra Mundial, o Japão foi expulso da península e os vitoriosos Aliados dividiram o país na altura do paralelo 38. A URSS administraria a região ao norte dessa latitude, enquanto o sul foi ocupado pelos Estados Unidos.

Kim Il-sung, o governante comunista da Coreia do Norte, foi abastecido pela União Soviética com peças de artilharia e tanques. uando os Estados Unidos se retiraram da Rep blica da Coreia, ao sul, ele desfechou um ataque de surpresa através da fronteira, visando unificar o país. O sul pediu socorro ONU, que, por sua vez, convocou seus países-membros. Atendendo convocação, 15 países enviaram assist ncia militar região e, liderados pelos Estados Unidos, lutaram pela primeira vez sob a bandeira das Naç es Unidas.

Bombardeiros impediram o Norte de prosseguir. Então, numa manobra ousada, forças da ONU comandadas pelo general americano Douglas MacArthur, desembarcaram em Inchon, por trás das linhas norte-coreanas. Logo passaram ofensiva, avançando quase até a fronteira com a China. Isso arrastou uma nova pot ncia para o conflito. Sentindo-se ameaçada, a Rep blica Popular da China, comunista, enviou um enorme contingente de seu Exército de

Libertação Popular, que infligiu uma fragorosa derrota aos combatentes da ONU, em Unsan, e depois avançou para o sul.

MacArthur queria ampliar o conflito com uma guerra de agressão China. Porém, em abril de 1951, numa decisão surpreendente, o presidente Truman o destituiu do cargo, explicando aos Estados Unidos que seria errado tragicamente errado tomarmos a iniciativa de ampliar a guerra .

No m s seguinte, a Guerra da Coreia entrou em um extenso período de impasse e negociaç es, permanecendo a linha fronteiriça próxima ao paralelo 38. Finalmente, em 1953, foi assinado um armistício dividindo o país. Sob o governo de Kim Il-sung e seus herdeiros, a Coreia do Norte seguiu o caminho do totalitarismo.

Espiões, Espaço e Esteroides

O clima de desconfiança da Guerra Fria criou a era dos espi es. Agentes secretos, agentes duplos e até agentes triplos estavam por toda parte. Um deles foi Anthony Blunt, supervisor dos quadros da Rainha Elizabeth II, que, em 1964, teve reveladas suas atividades como espião soviético. As polícias secretas dos países comunistas viviam caça de dissidentes. Nos Estados Unidos, a paranoia apelidada de ver comunistas até embaixo da cama culminou com o macarthismo, nome dado caça aos comunistas encabeçada pelo Senador Joseph McCarthy, que, em 1950, começou a acusar funcionários do governo e figuras p blicas, como atores, roteiristas e diretores de Hollywood, de serem subversivos e simpatizantes da União Soviética. Com a a uda do Departamento Federal de Investigação (FBI), comandado por J. Edgar Hoover, McCarthy acusou milhares de indivíduos de deslealdade, fazendo com que muitos perdessem seus empregos mediante listas negras e prendendo centenas deles.

Foi somente quando ele se voltou contra os militares, em 1954, que o Presidente Dwight D. Eisenhower (herói da Segunda Guerra Mundial) e o Senado puseram fim a seus ataques difamatórios. uando o macarthismo ainda estava no auge, em 1953, Julius e Ethel Rosenberg, que haviam passado informaç es sobre a bomba atômica para a URSS, foram executados como espi es.

A competição fomentada pela Guerra Fria se disseminou por todas as áreas da vida. Eventos esportivos se transformaram em campos de batalha, literalmente simbolizados por uma partida de polo aquático entre a Hungria e a União Soviética, nos Jogos Olímpicos de 1956, em Melbourne, na Austrália, que se tornou conhecido como Sangue na gua . O Levante H ngaro acabara de ser

sub ugado pelos soviéticos e os nimos estavam tão exaltados que ogadores e espectadores começaram uma pancadaria generalizada.

Obter sucesso nas Olimpíadas era considerado tão importante que os países da Europa Oriental recorreram ao abuso generalizado de drogas (dopping) para melhorar o desempenho de seus atletas.

Ambos os lados, infelizmente, boicotaram os Jogos Olímpicos por motivos políticos: os Estados Unidos permaneceram longe das Olimpíadas de Moscou (1980) para protestar contra a invasão soviética do Afeganistão; o bloco soviético, em retaliação, boicotou as Olimpíadas de Los Angeles (1984).

As rivalidades da Guerra Fria chegaram ao espaço quando EUA e URSS tentavam afirmar sua supremacia tecnológica. Em 1957, a União Soviética lançou seu primeiro satélite, o Sputnik, e colocou o primeiro homem no espaço em abril de 1961, quando uri Gagarin, a bordo da Vostok 1, entrou em órbita. Os Estados Unidos ficaram chocados.

No desespero por restaurar o orgulho nacional e superar a URSS na corrida espacial, o Presidente John F. Kennedy anunciou que os Estados Unidos chegariam Lua. Acredito que nosso país deve se empenhar em alcançar esse ob etivo antes que a década termine: levar um homem Lua e traz -lo de volta Terra em segurança , declarou ao Congresso americano. Em ulho de 1969, sua ambição se concretizou quando Neil Armstrong e Buzz Aldrin, ao saírem da Apollo 11, tornaram-se os primeiros a pisar na Lua. Kennedy não presenciou o fato: foi assassinado em 1963. Até ho e, não se sabe por que o assassino de Kennedy, Lee Harvey Oswald, cometeu o crime.

Castro, Che e Cuba

 uando a Guerra Fria começou, os Estados Unidos estavam em vantagem, dado que eram o nico país que possuía a bomba atômica. Isso, porém, não durou muito, pois, em 1949, a URSS desenvolveu sua própria bomba atômica. Daí em diante, as duas superpot ncias travaram uma corrida armamentista, cada qual com o claro propósito de obter o maior poderio militar, capaz de dissuadir qualquer tipo de ameaça. Não era tanto um equilíbrio de poder, mas um equilíbrio de, digamos, terror. URSS e EUA, então, conseguiram produzir a temida bomba de hidrog nio (bomba H), ou bomba termonuclear, quinhentas vezes mais destrutiva que a bomba atômica usada na Segunda Guerra Mundial. Em 1962, ambos os lados dispunham de mísseis com ogivas nucleares, capazes de aniquilar toda a civilização.

O próximo ob etivo militar seria desenvolver mísseis com um alcance cada

vez maior. Mas, em 1959, os Estados Unidos se sentiram ameaçados por uma pequena ilha caribenha: Cuba.

Naquele ano, forças marxistas lideradas por Fidel Castro e Che Guevara derrubaram o governo direitista de Cuba, do ditador militar Fulgencio Batista, que era apoiado pelos Estados Unidos. Então, em 1961, ocorreu o fiasco da Baía dos Porcos, quando uma força invasora de cubanos de direita, patrocinados pelos Estados Unidos, fracassou na missão de conquistar o país. Esse fato levou Castro a solicitar proteção   União Soviética. Enfurecidos por ter um regime comunista em seu próprio quintal, os Estados Unidos impuseram sanç es aos cubanos. Mesmo assim, Castro conseguiu enviar tropas para apoiar guerrilheiros patrocinados pela URSS em Angola e na Etiópia. Jovem, enérgico e de boa apar ncia, Che acabou se tornando um símbolo para ovens revolucionários de todo o mundo.

Terror Nuclear: a Crise dos Mísseis em Cuba

O momento mais aterrorizante da Guerra Fria ocorreu em outubro de 1962, durante a semana que mudou o mundo . Um avião americano de espionagem detectou bases de mísseis nucleares em construção na Cuba comunista de Castro, a apenas 150 quilômetros dos Estados Unidos, ou se a, mísseis poderiam atingir Miami, Nova Orleans e Washington, a capital.

Era uma ameaça que os Estados Unidos não poderiam aceitar. Em um discurso transmitido pela televisão, o Presidente Kennedy declarou: Peço ao Secretário-Geral Khrushchev para sustar e eliminar essa ameaça que p e em risco a paz mundial e as relaç es estáveis entre nossas naç es.

Kennedy anunciou, então, um bloqueio naval de 800 quilômetros em torno da ilha, impedindo a entrada de novos carregamentos soviéticos, e avisou aos russos que qualquer ataque de mísseis a partir de Cuba acarretaria uma retaliação completa dos Estados Unidos contra a própria R ssia. Ele também pediu que as bases fossem fechadas e os mísseis, removidos. Nikita Khrushchev respondeu que o bloqueio constituía um ato de agressão , e se recusou a retroceder; as belonaves soviéticas que transportavam armamentos continuaram a rumar em direção a Cuba. Nesse ponto, Kennedy ameaçou invadir Cuba, ordenando que bombardeiros com cargas nucleares fossem preparados para entrar em ação. Ao sair do Salão Oval do presidente, seu secretário de defesa, Robert McNamara, disse: Achei que não viveria para ver mais uma noite de sábado.

Felizmente, para o mundo, nenhum dos líderes queria desencadear uma guerra nuclear devastadora. Sobre o absurdo da situação, Kennedy comentou:

uma coisa maluca que dois homens, sentados em lados opostos do mundo, possam ser capazes de decidir acabar com a civilização. Assim, após uma conveniente exibição de garras e dentes que aterrorizou a humanidade, Kennedy e Khrushchev tiraram o mundo da imin ncia de uma guerra e começaram a negociar.

Os navios de guerra soviéticos deram meia-volta e a URSS retirou seus mísseis de Cuba, em troca da promessa, feita por Kennedy, de que os Estados Unidos amais invadiriam a ilha. Houve mais uma cláusula no acordo, não revelada população americana durante 25 anos, para que o governo não parecesse fraco: os Estados Unidos removeriam seus próprios mísseis nucleares da Turquia, lá colocados para reagir a uma possível invasão da Europa Ocidental por parte da R ssia.

As apavorantes semanas tiveram repercussão duradoura. As duas superpot ncias iniciaram negociaç es que culminaram com a proibição de testes nucleares; também foram instalados telefones entre a Casa Branca e o Kremlin para que os líderes pudessem comunicar-se diretamente. A ameaça de uma guerra nuclear entre as superpot ncias foi aos poucos substituída por um espírito de cooperação.

A Guerra Fria Definida no Vietnã

Durante a Primeira Guerra Mundial, ob etores de consci ncia que se recusavam a lutar por motivos de ordem moral eram marginalizados; durante a Segunda Guerra Mundial, desempenharam funç es não combatentes. Mas, na década de 1960, surgiu um movimento popular contra a guerra, que não só defendia a paz em geral, como também, especificamente, condenava a guerra contra o Vietnã.

Além de uma contenda nacionalista, a Guerra do Vietnã (1955-75) foi o conflito definitivo da Guerra Fria e um exemplo perfeito do desperdício de recursos militares e vidas humanas no afã de obter supremacia.

Após expulsar os colonizadores franceses, em 1954, o país se dividiu em Vietnã do Norte, comunista, comandado por Ho Chi Minh, e Vietnã do Sul, pró-Ocidente, controlado por Ngo Dinh Diem. Mas, em vez de realizar eleiç es livres como prometera, Diem se autonomeou presidente. Preocupados com o fortalecimento da presença no sul de um elemento comunista o vietcongue , os Estados Unidos enviaram equipamentos militares, consultores e a uda econômica a Diem. Em 1964, quando um navio americano foi alve ado no Golfo de Tonkin, os EUA foram guerra.

_ Contração de uma expressão que significa comunista vietnamita no idioma local. (N.T.)

No ano seguinte, 100 mil soldados americanos desembarcaram no Vietnã, reforçados por tropas da Austrália, da Nova el ndia e de alguns países da sia, como Coreia do Sul, Tail ndia e Filipinas. Abastecidos pela URSS e pela China, os guerrilheiros vietcongues se infiltravam no sul pela chamada Trilha Ho Chi Minh, que atravessava a selva, e se misturavam população civil. Mesmo quando eram derrotados em determinada área, ressurgiam da selva tão logo os americanos se afastassem.

A resposta dos Estados Unidos foi espalhar minas terrestres pelas áreas rurais ou mesmo efetuar bombardeios aéreos. A subst ncia incendiária conhecida como napalm, que se gruda pele, provocando queimaduras horríveis, foi usada até contra civis. O herbicida venenoso chamado Agente Laran a foi empregado para destruir esconderi os dos vietcongues, mas também exterminava toda a vida na selva.

Queimando os Certificados de Alistamento Militar

A Guerra do Vietnã foi a primeira guerra a ser televisionada ao vivo. Horrorizado, o mundo assistia a vilare os em chamas, civis fugindo e caix es de militares sendo empilhados. Desde o início, a guerra se tornou impopular em muitos setores da sociedade americana. Protestos contra ela e contra o alistamento militar formaram parte da contracultura da década de 1960, quando ovens queimavam em p blico seus certificados de alistamento. O campeão mundial de boxe Muhammad Ali, afro-americano, rechaçou sua convocação em 1966, dizendo que não a udaria a assassinar, matar e queimar outras pessoas apenas para que brancos senhores de escravos continuassem a dominar pessoas de pele escura . Ali acabou escapando de ser preso por recusar a conscrição, embora tenha sido destituído de seu título mundial de boxe.

Um ano depois, soldados norte-vietnamitas e guerrilheiros vietcongues desfecharam uma ofensiva de surpresa. Ficou claro que os Estados Unidos estavam longe de uma vitória. Em 1969, o novo presidente americano Richard Nixon deu início a uma lenta retirada do Vietnã, e cancelou a a uda que concedia ao país, o que inevitavelmente enfraqueceu o Sul.

As ltimas tropas americanas saíram em março de 1973, mas a guerra

prosseguiu. O Norte continuou a avançar até que, em abril de 1975, tomou Saigon, a capital do Vietnã do Sul. Os Estados Unidos evacuaram s pressas seus ltimos representantes, untamente com sul-vietnamitas que brigavam para ocupar um lugar nos helicópteros. Outros fugiram pelo mar, constituindo a primeira leva de refugiados embarcados que procuraram abrigo em países não comunistas.

A Guerra do Vietnã foi um choque para os Estados Unidos. Pela primeira vez no mundo moderno, seu poderio militar não havia prevalecido. Segundo o Ministério da Defesa dos Estados Unidos, a guerra custou 173 bilh es de dólares, uma sangria financeira que contribuiu para o término da expansão econômica iniciada em meados do século. Cerca de 60 mil americanos morreram, enquanto as baixas vietnamitas provavelmente superaram a casa do milhão   a maioria civis. Além disso, a guerra custou ao governo americano o apoio de grande parte da opinião p blica.

Um Passo Maior que a Perna

Na década de 1970, a Guerra Fria entre EUA e URSS mostrou alguns sinais de arrefecimento, com ambos os lados se afastando da imin ncia de uma guerra nuclear e tentando estabelecer tratados que sinalizassem um relaxamento formal das tens es. Em 1972, o presidente americano Richard Nixon visitou a China e a União Soviética. O primeiro Tratado sobre Limites para Armas Estratégicas (SALT, na sigla em ingl s) foi assinado no final do ano. O SALT II foi assinado em 1979. Porém, no mesmo ano, a URSS invadiu o Afeganistão e as tens es da Guerra Fria ressurgiram.

Assim como a Guerra do Vietnã demonstrou que os Estados Unidos não ganhavam todas, a guerra dos soviéticos no Afeganistão, em 1979, provou que o Exército Vermelho não era imbatível. Na tentativa de sustentar o regime comunista do Afeganistão, ameaçado por insurgentes conservadores e muçulmanos, a União Soviética, em um primeiro momento, enviou ao país consultores militares; em seguida, iniciou uma invasão em grande escala, instalando um regime fantoche no Afeganistão.

Os guerrilheiros muçulmanos, conhecidos como mu ahidin (envolvidos na guerra santa), receberam armas e verba dos Estados Unidos, Paquistão e Arábia Saudita.   uando conseguiram mísseis terra-ar, a URSS começou a perder o domínio aéreo no Afeganistão. Um dos grupos fundados pelos anticomunistas foi o Talibã, que instalou no país um tir nico regime isl mico e deu abrigo ao grupo terrorista Al-   aeda.

Eleito presidente em 1981, o republicano Ronald Reagan, anticomunista feroz, chamava a URSS de império do mal . Reagan aumentou os gastos militares, iniciou uma nova era de intervenç es na América Latina armando, por exemplo, os Contras (direitistas da Nicarágua) , e concebeu a Iniciativa Estratégica de Defesa, um programa de satélites espaciais de defesa que se tornou conhecido como Guerra nas Estrelas. Enquanto isso, em meados da década de 1980, a União Soviética se viu mergulhada em profundos problemas econômicos. Já não poderia mais fazer frente aos Estados Unidos na corrida armamentista ou em influ ncia global.

S STE ST

Mikhail orba hev se tornou o novo l der da nião Sovi ti a s voltas o u a base industrial envelhe ida u governo ue se tornara orrupto i popular e inefi iente al das despesas da guerra no feganistão orba hev adotou edidas radi ais ue transfor aria o undo

sperando revitalizar a e ono ia e desenvolver a SS para transfor -la e u a de o ra ia oderna orba hev i ple entou a pol ti a da glasnost *abertura ue in lu a a abolição da ensura estatal e a* perestroika *reestruturação*

n apaz de a o panhar o desenvolvi ento ilitar dos stados nidos orba hev o eçou a retirar suas tropas do feganistão e os lti os soldados sovi ti os deixara o pa s legando u en rio a ti o orba hev ini iou então u a s rie de reuni es o o presidente a eri ano onald eagan abrindo as onversas sobre o Tratado de edução de r as strat gi as ST T na sigla e ingl s

Certos de ue orba hev não usaria a força ilitar ontra eles diversos pa ses da uropa riental o eçara a onsiderar a retirada do blo o sovi ti o o ue representou ais u passo no pro esso ue resultaria no olapso da SS

O Solidariedade Agita a Polônia

Embora elementos capitalistas nos Estados Unidos tentassem controlar as organizaç es sindicais, os americanos secretamente apoiavam um sindicato na Polônia. Após a Segunda Guerra Mundial, os sindicatos se tornaram parte do controle da Europa Oriental pelo aparato do Partido Comunista. O primeiro sindicato não controlado pelo Partido Comunista em um país do Pacto de Varsóvia foi o Solidariedade, da Polônia, fundado em 1980 por trabalhadores dos estaleiros da Polônia, sob a liderança de Lech Walesa. As greves promovidas pelo sindicato se converteram em protestos sociais contra o governo comunista, que reagiu banindo o Solidariedade. Mas seus membros á haviam conseguido transformar o sindicato em um movimento popular que clamava por mudanças sociais e pelos direitos dos trabalhadores. Como o Solidariedade se opunha também dominação soviética, era financiado secretamente pelos Estados

Unidos.

O Solidariedade se transformou em partido político. Em 1989, o governo comunista polon s se viu forçado a fazer concess es e permitir eleiç es livres, que o Solidariedade venceu. Lech Walesa foi eleito presidente, o primeiro não comunista a governar o país desde a Segunda Guerra Mundial, demonstrando que uma organização de trabalhadores era capaz de mudar um regime.

A União Soviética se Desintegra

O ano de 1989 veio a ser de grande import ncia, pois assinalou o fim da Guerra Fria. A Hungria abriu sua fronteira com a ustria; houve revoluç es em várias naç es da Europa Oriental; em novembro de 1989, a Alemanha Oriental abandonou seu controle sobre o Muro de Berlim. Símbolo das divis es da Guerra Fria, o muro foi derrubado pelos berlinenses, tanto do lado oriental como do ocidental. Em dezembro, Gorbachev e o presidente americano George Bush declararam terminada a Guerra Fria.

O colapso do comunismo na Europa Oriental e o desmantelamento da URSS ocorreram de um modo incrivelmente rápido. A Alemanha se reunificou em 1990, o mesmo ano em que a Litu nia se declarou independente da União Soviética. Em 1991, Gorbachev saiu do poder, e seu sucessor, Boris eltsin, devolveu a URSS s suas 15 naç es originais, com a Federação Russa herdando os direitos políticos da autoridade central soviética. De repente aliados, os EUA deram total apoio a eltsin nas reformas que levaram a R ssia do comunismo ao capitalismo.

Guerra e Paz na Rússia

Nem tudo transcorreu de forma pacífica, entretanto, nas antigas rep blicas soviéticas. Em alguns casos, divis es étnicas que existiam havia séculos explodiram em guerras civis, como entre Geórgia e Azerbai ão. A própria R ssia interferiu na região da Chech nia, quando pró-russos se opuseram ao movimento checheno de independ ncia. O conflito checheno culminou com atos de terrorismo, praticados por adeptos do movimento, e violaç es dos direitos humanos praticados em retaliação por tropas russas estacionadas no território, com a viol ncia se estendendo pelo século 21.

Embora a Guerra Fria tivesse terminado, os arsenais nucleares foram mantidos. Novos SALTs resultaram em um acordo de redução de armas em 1991, com novas reduç es em 1993, 2002 e 2010. De um pico de 30 mil, Estados

Unidos e R ssia reduziram seus arsenais nucleares para cerca de 1.500 mísseis.

China Surge à Esquerda do Palco

Não obstante a Guerra Fria ter sido sobretudo um confronto entre os Estados Unidos capitalistas e a URSS comunista, a China, a outra grande pot ncia comunista do mundo, teve também uma função: substituiu a União Soviética, após a Guerra Fria, como a nica superpot ncia além dos Estados Unidos.

A China começou a desempenhar um importante papel nos assuntos globais á na Segunda Guerra Mundial, quando sua luta contra a invasão aponesa se tornou parte do conflito. Nesse período, os revolucionários do Partido Comunista Chin s (PCC) firmaram uma constrangida aliança com o Kuomintang, o partido nacionalista chin s (KMT), direitista, liderado por Chiang Kai-shek. Mas a guerra civil explodiu novamente em 1946. O PCC se apoderou de equipamentos militares deixados para trás pelos aponeses e também recebeu armamentos da União Soviética. Chefiado por Mao Tse-tung, que chegou ao poder durante a Longa Marcha comunista para a segurança, em 1934-5, o PCC expulsou o KMT do país. Em 1949, Kai-shek fugiu para a ilha de Taiwan, lá estabelecendo a Rep blica da China, enquanto Mao entrava em Pequim e fundava a Rep blica Popular da China (RPC). Conquanto se a um incômodo para os comunistas e nunca tenha sido reconhecida formalmente pela RPC, Taiwan permanece independente.

A ovem RPC recebeu consultores e a uda da URSS. Durante algum tempo, Mao seguiu o padrão stalinista de Planos de Cinco Anos e rápida industrialização. Seguiu também o padrão stalinista de incentivar o comunismo nas terras vizinhas ao apoiar os comunistas na Guerra da Coreia, de 1950 a 1953, e na guerra de independ ncia do Vietnã, em 1954. Embora o exército chin s não tenha tomado parte na Guerra do Vietnã, o PCC forneceu armas e alimentos aos marxistas vietnamitas, assim como apoiou outros grupos comunistas na sia e na frica. Mas Mao não era um lacaio soviético; diferenças ideológicas acabaram acarretando a ruptura sino-soviética, em 1960.

A China não se preocupou com as críticas internacionais pelo tratamento que dispensou ao Tibete, inicialmente em 1951, quando a RPC invadiu o território tibetano; depois, em 1959, quando esmagou uma rebelião no país, o que levou o líder espiritual do Tibete, o Dalai Lama, a fugir para a Índia. E também por se recusar continuamente a discutir a independ ncia do Tibete, em meio a relatos de violaç es aos direitos humanos naquele país praticadas pelo Partido Comunista Chin s.

Internamente, Mao incluiu reformas em suas políticas, como a proibição de casamentos forçados, a construção de escolas e a redistribuição de terras para cooperativas de agricultores. Contudo, Mao também implantou pro etos esdr xulos, como a Grande Campanha dos Pardais, em 1958, uma tentativa de impedir que pardais comessem as safras de arroz e outros cereais. Mas, como pássaros comem insetos, medida que os pardais morriam, pragas de insetos causavam mais estragos nas lavouras. Isso, somado a secas e a pro etos de irrigação malconcebidos, provocou uma fome generalizada entre 1959 e 1961. Pelo menos 15 milh es de chineses pereceram. A Campanha dos Pardais fez parte do Grande Salto para a Frente, programa destinado a incrementar o crescimento industrial e agrícola, que acabou falhando fragorosamente.

Mao abdicou do posto de chefe de governo em 1959, mas permaneceu como secretário-geral do Partido Comunista Chin s. Ao sentir que a China se afastava sorrateiramente da ideologia coletivista que defendia, sua próxima medida importante foi incentivar a chamada Revolução Cultural (1966-76), ordenando aos ovens das chamadas Guardas Vermelhas que aniquilassem qualquer coisa ou qualquer pessoa que ulgassem ser contrarrevolucionária ou associada a velhos hábitos, costumes, ideias e culturas. Mao foi apoiado pela Camarilha dos uatro, formada pelos políticos radicais Jiang ing (esposa de Mao), hang Chunqiao, ao Wenyuan e Wang Hongwen.

Os Guardas Vermelhos criaram um culto personalidade em torno de Mao. Trechos de discursos e textos seus, publicados a partir de 1964 como *Citaç es do Co andante Mao Tse-tung*, mais comumente conhecido como *ivro er elho*, viraram ob eto de veneração. Em 1967, os Guardas Vermelhos se tornaram tão radicais e violentos que o exército foi convocado a restaurar a ordem p blica, e muitos foram, eles mesmos, enviados para centros de reeducação .

Ocupando o Centro do Palco

Enquanto a Revolução Cultural Chinesa defendia uma nova luta contra o pensamento capitalista , o popular diplomata hou Enlai tomava provid ncias para que a China viesse a desempenhar um papel relevante no palco mundial. Em 1971, a China ingressou na ONU, ocupando, mais tarde, um assento permanente no Conselho de Segurança. hou também entabulou negociaç es com os Estados Unidos, com o propósito de reduzir as tens es da Guerra Fria. Em 1972, Richard Nixon se tornou o primeiro presidente americano a visitar a China. Foi um grande passo no sentido de melhorar as relaç es internacionais.

A transformação da China, de um país de economia familiar agrícola para o

gigante econômico de ho e, foi iniciada após a morte de Mao, em 1976. A Camarilha dos uatro foi presa, acusada de tramar um golpe. Enquanto isso, o moderado Deng Xiaoping adquiria proemin ncia política. Ele cancelou a política de coletivização em massa praticada por Mao, permitiu que a influ ncia estrangeira se disseminasse na China e deu início a experimentos capitalistas.

A primeira ona Econômica Especial chinesa foi implantada em 1981, em Shenzhen, sob cuidadoso controle. Empresas estrangeiras foram convidadas a investir na China pela primeira vez, regulaç es comerciais foram relaxadas e restriç es governamentais, levantadas. O crescimento econômico nas zonas especiais foi tão rápido (a produção industrial chinesa dobrou em cinco anos) que, em 1985, Deng permitiu que as forças de mercado prevalecessem no país, encora ando as empresas privadas, privatizando as estatais e dando boas-vindas aos investimentos estrangeiros.

Em 1992, Deng declarou que a China tinha uma economia socialista de mercado , o que, no final do século 20, foi considerado um milagre. O país se tornou mais próspero e estável do que fora durante séculos. O produto interno bruto (PIB) começou a crescer em torno de 10 ao ano, e o padrão de vida melhorou para cerca de 400 milh es de pessoas. Surgiram empresários milionários, enquanto importaç es e exportaç es fluíam pelas fronteiras chinesas.

Em 2004, o PIB da China foi superior a 1,65 trilhão de dólares, com 1,15 trilhão em comércio exterior e investimentos estrangeiros no país chegando a 60 bilh es. Cerca de 300 milh es de pessoas deixaram as áreas rurais e foram trabalhar nas cidades.

A gigantesca economia da China moderna também trouxe problemas: a par de empresários milionários, há trabalhadores muito pobres, em sua maioria oriundos das áreas rurais; as cidades estão poluidíssimas e o desmatamento criou desertos. Internacionalmente, a China é o maior consumidor mundial de matérias-primas, e seus manufaturados baratos provocaram o declínio de muitas ind strias em outros países.

Deng não era nenhum liberal no aspecto social. Em 1989, enviou tanques contra manifestantes que reivindicavam democracia, tendo como resultado o famoso Massacre na Praça de Tiananmen (ou Praça da Paz Celestial); e a política chinesa de direitos humanos tem sido alvo de críticas. Já em sua nova condição de pot ncia econômica e militar, a China vivenciou um impasse no estilo da Guerra Fria com os Estados Unidos antes que o século terminasse; o motivo foram as manobras militares que os chineses realizaram ao largo de Taiwan.

Mergulhando na Crise

A ltima parte do século 20 foi moldada por in meras crises, mas nada comparado a duas guerras mundiais.

Enquanto recess es econômicas, geradas principalmente por inflação alta, atormentavam o mundo desenvolvido no início e no final da década de 1980, e novamente no início da década de 1990, partes do mundo em desenvolvimento sofreram com insurg ncias, guerras civis, fome, genocídio e limpeza étnica.

Influ ncias do stalinismo e da Guerra Fria afloraram no Cambo a no final da década de 1960, resultando em um genocídio sob o regime comunista de Pol Pot. O desmantelamento da R ssia soviética e da Europa Oriental deflagrou o colapso da federação iugoslava na década de 1990, que incluiu uma brutal limpeza étnica. Conflitos étnicos também provocaram massacres genocidas em Ruanda. A uda humanitária internacional foi concedida a naç es africanas em dificuldades após o fim do colonialismo, com diferentes níveis de sucesso.

Desastres industriais viraram manchete, como a tragédia do vazamento de gases tóxicos em Bophal, na Índia, em 1984, e a catástrofe nuclear de 1986 em Chernobil, na Ucr nia (ainda integrante da URSS). Instabilidades políticas assolaram o Oriente Médio, transformando-se em uma guerra entre o Irã e o Iraque.

Nos Estados Unidos, a moralista Guerra s Drogas se transformou em um exemplo da política de toler ncia zero da era Reagan, tendo sido considerada um fracasso em seu propósito de acabar com o tráfico de entorpecentes. Trinta anos mais tarde, o Presidente George W. Bush declararia a Guerra ao Terror, quando o terrorismo isl mico se tornou um componente do cenário do século 20.

O Genocídio de Pol Pot

No final da década de 1960, o conflito no Vietnã traria consequ ncias para o Cambo a, país vizinho. O resultado trágico seria o genocídio cometido pelo ditador comunista cambo ano Pol Pot contra seu próprio povo, que causou a morte de aproximadamente 2 milh es de pessoas por inanição, execuç es ou trabalhos forçados.

Uma das coisas que propiciaram o genocídio foi a Guerra do Vietnã, que transbordou para o Cambo a levando desestabilização e guerra civil. O Khmer Vermelho, organização comunista cambo ana liderada por Pol Pot, se aliara ao Vietnã do Norte para combater o governo do Reino do Cambo a, que se tornara independente da França em 1953.

As forças de Pol Pot realizaram um levante contra o primeiro-ministro do Cambo a, Norodom Sihanouk, em 1968. Ao mesmo tempo, o Vietnã do Norte abastecia os comunistas que estavam no Vietnã do Sul através da Trilha Ho Chi Minh, que atravessava o leste do Cambo a, enquanto os Estados Unidos bombardeavam as bases existentes ao longo da trilha. uando o governo cambo ano começou a ter a uda dos EUA, em 1970, e permitiu que os ataques aéreos se intensificassem, Pol Pot recebeu armas da China e do Vietnã do Norte. Muitos cambo anos o apoiaram, não por serem comunistas, mas simplesmente por preferirem a influ ncia asiática da China e do Vietnã influ ncia dos Estados Unidos; muitos também estavam enfurecidos contra os americanos, cu os bombardeios matavam tanto cambo anos como norte-vietnamitas.

Em abril de 1975, o Khmer Vermelho tomou Phnom Pehn, a capital do Cambo a, retirando os poderes de Sihanouk. Pol Pot iniciou, então, um reinado de terror. Decidido a criar um Estado proletário-campon s, começou a esvaziar as cidades, forçando a população a migrar para campos de trabalho. ualquer indivíduo suspeito de simpatizar com o Ocidente ou mesmo de estar associado ao regime anterior seria executado. Um ditado *kh er* afirmava: Poupar voc não é lucro, destruir voc não é pre uízo. Os locais onde se realizavam execuç es em massa ficaram conhecidos como campos da morte .

Em 1978, Pol Pot se voltou contra o Vietnã, então um Estado comunista apoiado pelos soviéticos. Em resposta, o Vietnã invadiu o Cambo a, e o Khmer Vermelho fugiu, revertendo condição de guerrilha na selva; numa grotesca reviravolta, começou a receber, secretamente, a uda dos Estados Unidos e do Reino Unido, que o viam como uma opção melhor que o Vietnã. Em 1991, a ONU organizou eleiç es livres no Cambo a, mas as operaç es do Khmer Vermelho prosseguiram até a morte do sanguinário ditador, em 1998.

Ilha de Guerra

Como ocorrera tão frequentemente nos conflitos étnicos do século, a Guerra Civil do Sri Lanka (1983-2009) foi exacerbada pela interfer ncia colonial. uando a Grã-Bretanha dominou o Ceilão, em 1802, havia duas pequenas regi es no norte e no leste da ilha ocupadas pelo povo t mil originário do sul da Índia, praticante do hinduísmo, enquanto boa parte da população era cingalesa e praticante do budismo. Os brit nicos trouxeram mais t meis da Índia para trabalhar na agricultura, elevando o n mero de sua população na ilha.

O Ceilão obteve sua independ ncia em 1948. No ano seguinte, os cingaleses iniciaram um processo discriminatório contra a minoria t mil. Em 1972, o país mudou o nome para Sri Lanka. Um grupo que defendia direitos iguais, os Tigres de Libertação da Pátria T mil (TLPT ou Tigres T meis), foi fundado em 1976; no ano seguinte, um partido separatista venceu as eleiç es parlamentares nas áreas t meis, ocupando todas as cadeiras. As tens es étnicas começaram a aumentar. Então, em 1983, os Tigres T meis iniciaram uma guerra pela independ ncia.

A luta continuou até 1987, quando a Índia impôs um cessar-fogo que não durou muito tempo. Precisando resolver problemas em casa, as tropas indianas acabaram deixando a ilha em 1990, sem conseguir estabilizar a região, e a guerra foi retomada. Por recorrerem ao uso de assassinatos, explos es suicidas e massacres, os Tigres T meis foram classificados como terroristas por 32 países.

As forças governamentais também foram acusadas de atrocidades, tais como estupros, chacinas de civis e de prisioneiros. Acusaç es impossíveis de serem verificadas, pois os ornalistas e os grupos de direitos humanos foram banidos das áreas de conflitos no norte e no leste.

Em 2008, o governo desfechou uma ofensiva maciça e empurrou o TLPT até um pequeno bolsão no norte, encurralando cerca de 130 mil civis na área de conflito. Os Tigres foram acusados de usar civis como escudos humanos, impedindo que fugissem.

Finalmente, em maio de 2009, os Tigres T meis admitiram a derrota e a longa guerra terminou. Uma província t mil semiautônoma foi instituída, mas as tens es não terminaram. Corroboradas por vídeos divulgados após a guerra, as Naç es Unidas acusaram ambos os lados de cometer crimes de guerra. Até ho e, a reconciliação no Sri Lanka não foi completada.

A Limpeza Étnica Entra no Dicionário

A Guerra Civil Iugoslava, da década de 1990, remonta ao fim do comunismo na

Europa Oriental. A Federação Iugoslava, comunista, criada após a Segunda Guerra Mundial, era mantida coesa pelo Presidente Josip Tito. Mas as várias rep blicas e províncias balc nicas que constituíam a federação abrigavam diferentes etnias, idiomas e religi es.

Após a morte de Tito, em 1980, a federação continuou unida até a desintegração do comunismo centralizado, em 1989. Os nacionalistas venceram as primeiras eleiç es livres, em 1990 e 1991, e a independ ncia foi declarada na Eslov nia, Croácia e Macedônia. Como muitas vezes acontece, havia fatores econômicos por trás de alguns dos nacionalismos: a Eslov nia e a Croácia eram as regi es mais ricas e não queriam mais dividir sua prosperidade, enquanto os remanescentes da Federação Iugoslava estavam decididos a não perd -las.

A guerra eclodiu em ulho de 1991. O exército iugoslavo atacou a Eslov nia, mas não conseguiu controlá-la. Na Croácia, milícias sérvias apoiadas pelo exército iugoslavo (controlado pelos sérvios) iniciaram uma limpeza étnica expulsando ou matando membros de outros grupos étnicos e, em 1992, apoderaram-se de um terço do país. Um cessar-fogo foi negociado pelas Naç es Unidas e se manteve até 1995, quando, então, o exército croata atacou e recuperou os territórios ocupados pela Sérvia.

Em 1992, a Bósnia declarou independ ncia, mas o exército iugoslavo reforçou as milícias de bósnios-sérvios (bósnios de etnia sérvia), que sitiaram a capital Sara evo e iniciaram uma limpeza étnica em outras partes. A guerra logo descaiu para uma das piores formas de nacionalismo do século 20: o genocídio. Em 1995, embora Srebrenica fosse supostamente um ref gio protegido pela ONU, os sérvios massacraram cerca de 8.000 homens e garotos na cidade.

Foi somente em agosto, quando os sérvios bombardearam o mercado de Sara evo, que a ONU e a OTAN reagiram em uma verdadeira exibição de força, impondo um acordo de paz que dividia a Bósnia em duas partes.

Em 1999, a OTAN interveio de novo na região, bombardeando a Sérvia, quando esta reprimiu brutalmente um levante no Kosovo. Em 2006, Montenegro se retirou da federação que formava com a Sérvia e, em 2008, o Kosovo se tornou independente da Sérvia, completando, assim, o desmantelamento da antiga Iugoslávia.

O conflito nos Bálcãs foi o pior ocorrido na Europa desde a Segunda Guerra Mundial, gerando a assustadora expressão limpeza étnica e chocando o mundo. O belicoso Slobodan Milosevic, também conhecido como o carniceiro dos Bálcãs , presidente da Sérvia, foi um dos muitos indivíduos que mais tarde seriam acusados e condenados pela ONU, em Haia (2002), por crimes de guerra.

13 Rep blicas e províncias iugoslavas

Ditadores do Irã e do Iraque

Durante o ltimo quarto do século, o Oriente Médio não se mostrou mais estável que os Bálcãs. No Irã, o Rei (ou xá, no Irã) Mohammad Pahlevi, pró-Ocidente, fugiu do país em 1979, após manifestaç es contra seu reinado. Um regime isl mico fundamentalista e antiocidental, chefiado pelo Aiatolá Khomeini, assumiu o poder. A produção iraniana de petróleo despencou, o que provocou alta de preços.

uando o xá via ou aos Estados Unidos para se submeter a um tratamento de sa de, os iranianos interpretaram o fato como um apoio formal a ele. Manifestantes invadiram, então, a embaixada americana em Teerã, tomando funcionários e marines como reféns. Em resposta, os EUA impuseram sanç es ao Irã e, na guerra que irrompeu entre o Irã e o Iraque do ditador Saddam Hussein, em 1980, forneceram armas e equipamentos ao Iraque.

Saddam invadiu o Irã porque seu partido laico, o Baath, temia que

extremistas isl micos xiitas provocassem revoltas entre a comunidade xiita do Iraque. Reivindicou também a província fronteiriça do Khuzestão, visando obter o controle total do rio Shatt al-Arab, usado por ambos os países para exportar petróleo. Seguiram-se oito anos de conflitos, de 1980 a 1988, que quase puseram fim produção iraniana de petróleo e reduziram fortemente a produção do Iraque, desencadeando recessão mundial.

Em 1990, Saddam invadiu o Kuwait sob a alegação de que estava retomando territórios que haviam pertencido ao Iraque, mas seu verdadeiro motivo era controlar os poços de petróleo. Uma força internacional liderada pelos Estados Unidos expulsou suas tropas em 1991, no conflito que ficou conhecido como Guerra do Golfo. Muitos dos soldados iraquianos que batiam em retirada foram mortos por ataques aéreos na Rodovia 80, que ligava o Kuwait ao Iraque e se tornou conhecida como Estrada da Morte.

Após o cessar-fogo, Saddam passou a reprimir com brutalidade os curdos e outras minorias que se rebelavam. O mundo assistiu passivamente aos acontecimentos até 2003, quando, então, os EUA acusaram Saddam de desenvolver armas de destruição em massa, violando o acordo assinado em 1991. Liderando uma coalizão internacional, os Estados Unidos lançaram outra guerra contra o Iraque, invadindo seu território e derrubando Saddam, que fugiu, mas acabou capturado em dezembro de 2003 e executado em 2006 por crimes contra a humanidade. Nenhuma arma de destruição em massa foi encontrada.

Live Aid

Enquanto muitos países da sia e da América Latina se desenvolveram significativamente durante a segunda metade do século 20, os países africanos permaneceram subdesenvolvidos após a descolonização. Alguns enfrentaram guerras civis, como Serra Leoa (1991-2002), Libéria (1989-96 e 1999-2003), Congo (1993-4 e 1997-9), Etiópia (1974-91) e Somália (desde 1991). Na década de 1980, guerras, combinadas com fome, na Etiópia e na Somália, ambos países da frica Oriental, captaram a atenção do mundo e contribuíram para a implementação de a uda humanitária em escala global, sob a forma de alimentos, equipamentos, treinamento e recursos financeiros.

A Etiópia, ocupada pela Itália na década de 1930 e libertada pelas forças do Império Brit nico em 1941, na Campanha da frica Oriental, obtivera sua independ ncia em 1944. Seguiram-se levantes contra o governo e guerras. Em 1974, o ditador militar Mengistu Haile Mariam, que usufruía de apoio soviético, tomou o poder, mas seu sistema de fazendas coletivas estatais fracassou,

provocando fome generalizada durante uma seca que durou de 1983 a 1985.

As pot ncias ocidentais relutavam em negociar com o regime socialista etíope, que, segundo afirmavam, agravara as dificuldades ao desviar recursos valiosos, inclusive a uda humanitária, para um conflito armado contra a vizinha Eritreia. Mas a cobertura da mídia, exibindo etíopes descarnados, canalizou milh es de dólares em doaç es para o país, assim como o festival *ive id* (A uda Humanitária ao Vivo, em tradução livre), organizado pelo m sico Bob Geldorf e realizado em Londres e em outras quatro cidades do mundo, no dia 13 de ulho de 1985. Os fundos arrecadados salvaram vidas, mas a distribuição s vítimas da fome foi problemática, e cerca de 500 mil pessoas pereceram.

A intervenção humanitária foi debatida com veem ncia na crise da Somália, em 1990. Localizada no chamado Chifre da frica e rep blica independente desde 1960, a Somália entrou em uma destrutiva guerra civil em 1991, depois que sua administração socialista fracassou. Secas e guerras entre déspotas mataram de fome mais de 300 mil pessoas.

As Naç es Unidas enviaram a uda humanitária Somália durante um cessar-fogo em 1992, mas os funcionários foram atacados e os suprimentos, roubados. Com milh es de seres humanos sob ameaça de morte por inanição, os Estados Unidos, então governados pelo Presidente George Bush, lideraram uma força-tarefa da ONU encarregada de distribuir alimentos nos primeiros meses de 1993, que minorou a crise. Seu sucessor, o recém-eleito Bill Clinton, decidiu, então, reduzir a presença militar de seu país em Mogadíscio, a capital somali, deixando apenas uma força das Naç es Unidas para restaurar a lei e a ordem. Um m s depois, 24 soldados da ONU foram mortos em um incidente atribuído ao déspota Farrah Aidid , o que o levou a ser caçado pelas forças internacionais. Entretanto, a perda de dois helicópteros Black Hawk e imagens de corpos de soldados americanos sendo arrastados pelas ruas de Mogadíscio chocaram os Estados Unidos, forçando Clinton a retirar as tropas americanas em 1995. A missão para encontrar Aidid fracassara.

As liç es aprendidas na Somália levaram Clinton a restringir o envolvimento americano em intervenç es humanitárias armadas. Na Bósnia, durante a Guerra Civil Iugoslava, as tropas de paz foram avisadas a não reagir caso alve adas, pelo temor de cruzar a linha Mogadíscio . A partir daí, a ONU se manteve longe de guerras civis.

Aç es afirmativas de longo prazo para a udar países em desenvolvimento incluíram o chamado movimento do comércio usto (Comércio em vez de A uda), implantado na década de 1960, com nfase na assist ncia a produtores

nos países em questão para que desfrutassem de relaç es comerciais ustas e sustentáveis. Organizaç es internacionais do pós-guerra, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e o Fundo das Naç es Unidas para a Inf ncia (UNICEF), também a udaram in meros países a se desenvolver e a combater a pobreza.

Matança com Facões em Ruanda

As Naç es Unidas enfrentaram muitas críticas por seu fracasso em impedir o genocídio de 1994 em Ruanda.

O pequeno país centro-africano, localizado na região dos Grandes Lagos, colônia da frica Oriental Alemã desde a década de 1880, foi repassado Bélgica após a Primeira Guerra Mundial. Tanto a Alemanha como a Bélgica perpetuaram, na população ruandesa, uma longa divisão entre os grupos étnicos t tsi, minoritários mas dominantes, e hutu, ma oritários porém dominados.

A Bélgica governou com a a uda da monarquia t tsi durante a década de 1950. No período que antecedeu a independ ncia do país, as tens es entre t tsis e hutus aumentaram, culminando na Revolução Ruandesa, que durou de 1959 a 1961. Tentando restabelecer a ordem, os belgas substituíram muitos dos chefes t tsis por hutus, obrigando o rei t tsi a fugir do país. uando Ruanda finalmente obteve a independ ncia, em 1962, e um líder hutu foi eleito, 300 mil t tsis fugiram para países vizinhos, onde alguns deles formaram milícias. Seus ataques a Ruanda foram reprimidos violentamente pelo governo hutu, que também matou milhares de t tsis em Ruanda.

Em 1994, o assassinato do presidente hutu Juvénal Habyarimana foi atribuído ao grupo rebelde t tsi Frente Patriótica Ruandesa (FPR). Um dia depois, o exército e a polícia de Ruanda, bem como milícias patrocinadas pelo governo, começaram a matar t tsis em todo o país e a encora ar civis hutus a matar com fac es seus vizinhos t tsis. A FPR reagiu, levando muitos hutus a se refugiar no aire (ho e Rep blica Democrática do Congo), Uganda, Tanz nia e Burundi países vizinhos que tiveram de lidar com milh es de refugiados. Depois que vários soldados da tropa de paz também foram mortos, a ONU diminuiu seus efetivos em Ruanda. Os que ficaram tiveram que assistir desamparadamente ao massacre de ruandeses. Entre 500 mil e 1 milhão foram mortos (cerca de um décimo da população) durante o genocídio, que durou 100 dias. Mais 12 mil morreriam em campos de refugiados, de disenteria e cólera.

Liderada por Paul Kagame, a FPR assumiu o governo e iniciou a reconstrução de um país devastado. Desde o ano 2000, a economia de Ruanda

tem crescido vertiginosamente.

O genocídio em Ruanda consternou tanto o mundo ocidental que acabou apressando a implementação do Tribunal Penal Internacional, na cidade holandesa de Haia, implantado em 2002 e com urisdição para processar indivíduos por genocídio, crimes contra a humanidade e crimes de guerra.

Desastres Industriais

A expansão industrial ao longo do século 20 acarretou in meros desastres industriais, do desmoronamento de minas a explos es de fábricas de produtos químicos. Na década de 1980, dois chamaram a atenção internacional. O vazamento de gás venenoso em Bhopal, na Índia, foi notável pelo n mero de mortes que causou: cerca de 15 mil. O derretimento nuclear em Chernobil, no oeste da União Soviética (ho e na Ucr nia), embora não tenha causado mais que 34 mortes, foi o pior acidente em uma usina nuclear na história e suscitou temores de que a radiação atingisse a Europa Ocidental, provocando mutaç es e mortes por c ncer.

O vazamento de gás na densamente povoada Bhopal ocorreu em uma fábrica de produtos químicos da empresa americana Union Carbide. Na década de 1980, a fábrica produzia um componente tóxico usado em pesticidas, o isocianato de metila (MIC), enquanto reduzia custos em procedimentos de segurança. Na madrugada de 3 de dezembro de 1984, uma válvula se quebrou sob pressão, permitindo que entrasse água em um tanque de MIC. O incidente gerou uma nuvem de gás tóxico que cobriu a cidade. Muitos moradores fugiram em p nico, mas, á nos primeiros dias, cerca de 3.800 pessoas morreram e milhares necessitaram de tratamento hospitalar. As compensaç es que a Union Carbide pagou s vítimas em 1989 foram consideradas insuficientes (o ulgamento foi na Índia, e não nos Estados Unidos) e aç es udiciais contra a empresa ainda estão em curso.

O desastre de Chernobil foi deflagrado por uma sobrecarga de energia durante um teste de segurança, nas primeiras horas de 26 de abril de 1986. O acidente provocou uma explosão no Reator 4, que queimou as hastes de controle com pontas de grafite e liberou partículas radioativas na atmosfera. Os bombeiros tentaram apagar o fogo, mas o reator ardeu durante semanas antes de, finalmente, ser extinto. Alguns bombeiros morreram logo depois, pelo efeito da radioatividade, enquanto outros adoeceram. A cidade mais próxima, Pripyat, foi evacuada, transformando-se, até ho e, em uma cidade fantasma. A precipitação radioativa foi levada pelo vento e detectada na Suécia, obrigando o líder soviético

Mikhail Gorbachev a anunciar o desastre ao mundo.

As rep blicas soviéticas da Ucr nia e da Belarus foram severamente afetadas. Os governos dos países europeus que se encontravam na rota da precipitação radioativa ordenaram que as plantaç es e os animais de criação em terrenos mais elevados fossem sacrificados, de modo a prevenir a contaminação de produtos destinados alimentação humana.

A ind stria nuclear soviética foi colocada sob inspeção internacional. O incidente contribuiu para maior abertura da URSS, pavimentando o caminho para a *glasnost* e as reformas que acarretariam sua futura desintegração.

Guerra às Drogas

Em suas Guerras do pio contra a China, em meados do século 19, os brit nicos obtiveram xito em proteger seu lucrativo comércio de drogas, mas as campanhas contra o uso recreativo de drogas no século 20 levaram proibição em muitos países, a partir da década de 1960.

A Guerra s Drogas , termo adotado pelo Presidente Nixon em 1971, foi a resposta dos Estados Unidos ao crescente problema do abuso de drogas no mundo inteiro, que financiava um comércio ilegal heroína ou ópio, do Afeganistão, e cocaína, do Peru e da Colômbia no valor de bilh es de dólares por ano.

Na verdade, a guerra não passou de uma série de campanhas punitivas, no país e no exterior, contra o consumo, a posse e o tráfico de drogas ilícitas. Durante a década de 1980, a era Reagan-Bush, essa guerra tornou-se uma campanha militarizada contra gangues de rua. Em 1988, a custosa Operação Martelo, iniciada quando uma ovem chamada Karen Toshima foi morta em um tiroteio entre gangues, resultou na prisão de cerca de 50 mil pessoas até 1990. Em 1995, a guerra s drogas culminou com a criminalização de uma grande proporção de afro-americanos em comunidades que á sofriam com problemas socioeconômicos, como pobreza e viol ncia racial.

Em 2009, o governo Barack Obama abandonou a expressão Guerra s Drogas, classificada como contraproducente, e, em 2011, uma comissão sobre políticas antidrogas concluiu que a luta global contra as drogas havia fracassado. A legalização foi reivindicada por alguns grupos. Outros defenderam a chamada toler ncia zero , citando a Suécia, onde o uso de cocaína corresponde a um quinto do consumo na Espanha, país em que o uso privado de drogas foi descriminalizado. A abordagem sueca tem preocupaç es com a sa de p blica e envolve duras puniç es. Mas alguns estudos t m demonstrado que fatores

culturais e econômicos são decisivos para a preval ncia das drogas, e não a severidade das penas. Prossegue a luta pela criação de uma política unificada para a conviv ncia com as drogas.

A Sinistra Reviravolta do Terrorismo

Em 2005, a Assembleia Geral das Naç es Unidas descreveu o terrorismo como atos criminosos plane ados ou calculados para provocar, com finalidades políticas, um estado de terror na população em geral, em um grupo de pessoas ou em determinada população. Acrescentou que tais atos não são ustificáveis, independentemente das consideraç es ideológicas, religiosas, raciais ou quaisquer outras que existam.

Muitos argumentariam que tal definição deveria ser aplicada também a atos praticados por Estados. Outra ambiguidade é que alguém que se a um terrorista, na opinião de uma pessoa, pode ser um combatente pela liberdade, na opinião de outra.

Nelson Mandela, eleito o primeiro presidente negro da frica do Sul em 1994, e que em 1993 obteve o Pr mio Nobel da Paz, foi anteriormente rotulado como terrorista, assim como o primeiro-ministro israelense Menachem Begin e dois graduados políticos irlandeses, Gerry Adams e Martin McGuinness. Che Guevara, o revolucionário argentino que se tornou herói para muitos esquerdistas, era considerado um terrorista assassino pelos direitistas.

Os terroristas do século 20 eram movidos por diversas raz es. Alguns se moldavam s divis es da Guerra Fria; outros eram nacionalistas separatistas; e alguns provocavam o terror por motivos religiosos. No início do século, boa parte dos atos terroristas eram assassinatos de pessoas proeminentes, como o ataque de um grupo nacionalista sérvio ao arquiduque Franz Ferdinand, da ustria, em 1914, que precipitou a Primeira Guerra Mundial. Ao longo do tempo, tornou-se mais usual que a viol ncia fosse dirigida a pessoas comuns, quer civis escolhidos ao acaso, quer militares que simbolizassem um governo.

Na década de 1960, a contracultura encora ou o aparecimento de grupos esquerdistas anticapitalistas, como o grupo Baader-Meinhof (Facção do Exército Vermelho), na Alemanha Ocidental. Liderado por Andreas Baader e Ulrike Meinhof, o grupo explodiu bombas em lo as, postos policiais e bases americanas na Alemanha, matou um refém e tentou tomar a embaixada alemã na Suécia. Os ataques culminaram em 1977, com o Outono Alemão . Mas, após um sequestro fracassado, os líderes sobreviventes cometeram suicídio.

De 1968 a 1978, em uma década de terror, o Baader-Meinhof inspirou outros

terroristas ao redor do mundo. Reunidos em campos de refugiados após a criação do Estado de Israel em 1948, muitos árabes palestinos efetivaram atos de terrorismo contra o ovem país e seus defensores no mundo ocidental. Nas Olimpíadas de Munique, em 1972, o grupo Setembro Negro levou a cabo uma das piores atrocidades terroristas, matando dois atletas israelenses e tomando nove como reféns. Os reféns, e mais cinco terroristas e dois policiais alemães, acabaram sendo mortos numa canhestra tentativa de resgate.

Em um mundo midiático e globalizado, atos terroristas eram sempre manchetes, proporcionando aos ativistas toda a atenção de que precisavam para suas causas. Os ataques palestinos influenciaram revolucionários do mundo inteiro, como os integrantes do Exército Vermelho Japon s, que, em 1972, mataram 26 pessoas num ataque realizado no aeroporto de Lod, em Israel.

Luta Separatista ou Luta Religiosa?

Alguns grupos separatistas (étnicos ou religiosos que pretendem separar-se de um grupo maior ou mais poderoso) cometeram atos de viol ncia, na tentativa de forçar os ocupantes a deixarem suas terras. Entre eles, a Irmandade Muçulmana, que se opôs   ocupação brit nica no Egito na década de 1930; o Irgun, grupo udeu, que, de 1936 a 1939, lutou contra a administração brit nica da Palestina; os separatistas bascos (ETA); a Frente de Libertação do   uebec (FL), no Canadá; e os ataques chechenos desferidos contra alvos russos em 1994 e 1999. Com as rivalidades da Guerra Fria que surgiram após a Segunda Guerra Mundial, nem sempre os grupos terroristas eram armados por contrabandistas, e sim, secretamente, por países interessados em atingir seus próprios ob etivos.

Embora o conflito entre árabes e palestinos continuasse a ser uma das principais causas de atos terroristas, grupos radicais árabes, na década de 1980, começaram a explodir bombas por motivos mais amplos. O atentado de Lockerbie, em dezembro de 1988, quando uma bomba no voo 103 da Pan Am explodiu sobre a cidade de Lockerbie, na Escócia, matando 270 pessoas, talvez tenha ocorrido, em parte, devido a um sentimento de vingança do Coronel Gaddafi, da Líbia, contra aç es dos EUA para atingi-lo. E o primeiro atentado ao World Trade Center, em 1993, quando um carro-bomba explodiu na garagem subterr nea da Torre Norte, foi levado a efeito por fundamentalistas isl micos movidos por ódio aos Estados Unidos.

  dio que culminaria no atentado de 11 de setembro de 2001, quando membros da Al- aeda sequestraram avi es e os colidiram com o World Trade Center e o Pentágono, matando cerca de 3 mil pessoas. A resposta dos Estados

Unidos foi declarar a Guerra ao Terror e liderar as invas es do Afeganistão e do Iraque, além de efetuar operaç es no Paquistão e outros países.

Os Estados Unidos também tiveram de lidar com o terrorismo doméstico, quando, em 1995, Timothy McVeigh, um americano de extrema-direita que alimentava ressentimentos contra o governo de seu próprio país, estacionou um caminhão-bomba e explodiu um edifício federal em Oklahoma City, matando 168 pessoas.

Domingo Sangrento

O terrorismo na Irlanda do Norte teve tanto motivaç es religiosas como nacionalistas: o Exército Republicano Irland s (IRA) se opunha ao governo brit nico na Irlanda do Norte; sendo um grupo de católicos romanos, sempre escolhia alvos protestantes.

uando o Estado Livre Irland s finalmente obteve a independ ncia do Reino Unido, em 1922 (vindo a se tornar uma rep blica em 1948), a região norte da ilha permaneceu na União. A maior parte dos habitantes da Irlanda do Norte era protestante e predominantemente legalista (leal Grã-Bretanha), enquanto uma minoria de nacionalistas republicanos, quase exclusivamente católica, dese ava tornar-se parte da Rep blica da Irlanda, ao sul. Uma data-chave no Problema , nome dado pelos ingleses ao conflito que duraria 30 anos e resultaria na morte de 3.600 pessoas, é 30 de aneiro de 1972, dia que se tornou conhecido como Domingo Sangrento. Foi quando o exército brit nico disparou contra manifestantes que reivindicavam direitos civis em Londonderry, matando 13 homens; outro homem morreu mais tarde, devido aos ferimentos. Embora o exército tenha alegado que seus soldados haviam sido alve ados, os manifestantes, desarmados, viram o fato como homicídios patrocinados pelo Estado.

A partir de então, o IRA voltou-se cada vez mais a táticas terroristas. Em 1979, plantou uma bomba em um barco pertencente a Lorde Mountbatten, primo da Rainha, cu a explosão o matou, untamente com seu neto de 14 anos e um a udante de 15 anos. Em outras aç es, o IRA explodiu alvos militares e civis na Grã-Bretanha e plane ou um ataque a Gibraltar.

O Acordo da Sexta-Feira Santa, assinado em 1998, finalmente trouxe uma solução política mediante uma divisão de poderes.

Em 2010, um inquérito determinou que o exército brit nico tivera culpa nas mortes do Domingo Sangrento, pois os soldados abriram fogo sobre civis desarmados sem terem sido provocados.

Embora o século tenha terminado com uma nova e globalizada forma de

terrorismo o terrorismo isl mico , também ficou evidente que mesmo conflitos de longa duração, como o da Irlanda do Norte, podem ser resolvidos pacificamente.

O Mundo no Ano 2000

O século 20 se encerrou com uma população de 6,1 bilh es e um temor milenar, dentre outros, de que o fim do mundo estivesse próximo. O bug do mil nio , uma preocupação de que os softwares de computadores não se adaptariam s datas do novo mil nio, revelou-se uma história de terror in ustificada.

A tecnologia nos levou até a Lua e, no final do século, nos proporcionou computadores pessoais com mais pot ncia do que a NASA dispôs para organizar as primeiras aterrissagens na Lua. Avanços científicos, médicos e tecnológicos revolucionaram a vida; a rede mundial de computadores e os telefones celulares transformaram o modo de nos comunicarmos, permitindo que as informaç es se propagassem rapidamente em uma rede cultural global. Foi o século americano, não só porque os Estados Unidos o dominaram política e economicamente, mas também porque a cultura americana permeou quase todas as naç es do mundo.

Ao final do século, muitos países seguiam o livre-comércio pregado pelos EUA, melhorando o padrão de vida dos consumidores e possibilitando acesso a mais bens e serviços, a preços menores. Entretanto, o livre-comércio não se firmou sem riscos: a crescente competição entre naç es foi vista como uma fonte de conflitos em potencial. Países ou mesmo blocos de países poderiam impor barreiras alfandegárias (protecionismo), iniciando guerras comerciais em escala global; ou proteger da competição suas ind strias domésticas, medida que remonta s Leis dos Grãos no século 19.

Vivendo Mais e Melhor

A medicina amadureceu. Nos países desenvolvidos, muitas doenças á podiam ser evitadas, e doenças anteriormente mortais podiam ser tratadas. Além disso, uma

boa dieta, práticas modernas de higiene e consultas médicas rotineiras proporcionaram s pessoas uma vida mais longa e melhor. A expectativa de vida no início do século era, na Europa, de apenas de 47 anos; em 2001, subiu para 76,8. Na   frica, a expectativa de vida era de 50,5 em 2001, um claro progresso diante dos 35,6 de 1950, mas ainda bem atrás da Europa.

Seguindo-se   descoberta do formato em dupla hélice do material genético básico do DNA (ácido desoxirribonucleico) em 1953, terapias genéticas foram introduzidas, e a base genética de algumas doenças pôde ser alterada. A AIDS, doença recém-surgida, por exemplo, foi identificada em 1981, e o vírus que a causava (HIV) foi identificado em 1983. O melhor tratamento contra o HIV até agora é uma droga que afeta geneticamente o vírus, modificando sua capacidade de reprodução.

Reproduzir a vida em laboratório saiu das páginas do romance *rankenstein* para a realidade, na década de 1970, quando as experi ncias de Paul Berg com a divisão de genes permitiu transfer ncias de material genético. Durante a década de 1980, foi criada uma bactéria que podia colaborar com a limpeza de derramamentos de petróleo. E, em 1994, lavouras geneticamente modificadas foram apresentadas a consumidores céticos. Mas caíram nas graças da agroind stria, de modo que milho e so a geneticamente modificados, os transg nicos, se tornaram lugar-comum.

Na década de 1980, foram criadas técnicas para sintetizar tecidos biológicos em laboratório. Ho e, alguns desses tecidos artificiais são usados em transplantes de diversas partes do corpo, sem perigo de re eição, e auxiliam as pesquisas sobre novas drogas.

Embora grandes desafios ainda subsistam, como micróbios que se tornaram resistentes aos antibióticos, os enormes avanços na assist ncia médica levaram o cientista americano Carl Sagan a afirmar: Os avanços na medicina t m salvado mais vidas do que as que foram perdidas em todas as guerras da história.

Lançando a Rede

A ideia de conectar computadores e formar uma rede surgiu de diversas fontes na década de 1960. Os desenvolvedores de software pretendiam aumentar a pot ncia dos computadores; os militares americanos dese avam uma rede de comunicaç es que pudesse ser utilizada em uma guerra nuclear, no caso de um centro de comando ser inutilizado; e os cientistas estavam interessados em compartilhar ideias.

Programadores da Grã-Bretanha, França e Estados Unidos elaboraram,

então, o conceito de um sistema descentralizado, em que todos os computadores ligados a uma rede teriam igual import ncia. Pequenos sistemas, embrionários, foram desenvolvidos na década de 1970. Esses sistemas transferiam as informaç es em pacotes , por meio de conex es telefônicas lentas. Entre eles: o C CLADES, da França; uma rede acad mica de pesquisas chamada JANET, desenvolvida principalmente por serviços postais americanos e brit nicos; e o grande e influente ARPANET, patrocinado pelo ministério da defesa dos EUA. A primeira conexão da ARPANET foi feita em 1969, entre dois computadores. Em 1972, tínhamos 37 computadores ligados ao sistema. E, em 1981, á existiam 213 *nodes*, ou diferentes pontos de acesso.

A internet propriamente dita começou a funcionar, quando diferentes redes adotaram sistemas comuns para a transmissão de seus pacotes de informação (ou TCP, sigla em ingl s universalmente usada para Protocolo de Controle de Transmissão) e para a organização dos endereços das máquinas participantes (IP, sigla inglesa de uso universal para Protocolo da Internet), permitindo que as redes fossem conectadas.

TECENDO A REDE

o ientista da o putação ingl s Ti Berners- ee prop s a riação de u a ede Mundial de Co putadores er ebendo ue a internet per itiria a tro a de infor aç es entre todos os o putadores ligados à rede não apenas de uina para uina ele riou siste as nos uais os do u entos existentes na rede poderia ser vin ulados a outros do u entos for ando assi u a teia de infor aç es o partilhadas dispon vel a ual uer pessoa ue estivesse one tada

Berners- ee inventou tr s te nologias a TM sigla e ingl s universal ente adotada para inguage de Mar ação para ipertexto ue for atava as infor aç es para a internet o sigla e ingl s universal ente adotada para o alizador nifor e de e ursos u endereço ni o para as p ginas da internet e o TT sigla e ingl s universal ente adotada para roto olo de Transfer n ia de ipertexto a linguage de o putador ue per ite ue os re ursos da internet se a trans itidos e a essados professor do M T ta b es reveu o pri eiro editor de p gina assi o o progra as para servidores 0 a pri eira p gina da rede foi arregada

Berners- ee ue ta b f si o ueria ue os dados da internet estivesse dispon veis a todos n s o o infor aç es o partilhadas portanto não patenteou sua invenção e fez a panha para ue os digos e dados sub a entes da rede fosse a ess veis a ual uer u ão se pode propor algo ue se a u espaço universal e ao es o te po ant -lo sob ontrole es reveu

Talvez ele at não se onsiderasse u revolu ion rio as o a rede undial de o putadores Berners- ee na verdade revolu ionou o fluxo de infor aç es e o uni aç es e o a esso a elas

e ente ente Ti Berners- ee foi onsiderado u dos aiores g nios vivos do undo

---

Remodelando o Mundo

A rede mundial de computadores possibilitou uma rápida e fácil comunicação de

ideias através das fronteiras, provendo uma voz aos indivíduos e tornando possível a exist ncia dos sites de negócios: as compras on-line foram uma das primeiras atividades a decolar na rede.

Nem todas as mudanças foram bem-vindas. Gigantes da internet começaram a destruir as pequenas lo as de rua em segmentos como venda de livros, oferecendo descontos e escolhas que os pequenos vare istas não poderiam igualar.

medida que os equipamentos de telecomunicação ficaram mais rápidos, tornou-se possível carregar produtos audiovisuais tão bem quanto textos. Tradicionais produtoras e distribuidoras de entretenimento se remodelaram para distribuir seus filmes pela internet, e as editoras de material impresso, de ornais a livros, tiveram de se adaptar nova tecnologia, oferecendo conte do on-line em novos formatos, como o e-book. No final da década de 1990, o fenômeno dos blogs tomou forma, permitindo que indivíduos alcançassem audi ncias enormes sem a utilização da mídia tradicional.

O milagre da miniaturização prosseguiu. Os primeiros laptops, leves o bastante para serem carregados vontade, surgiram na década de 1980. Na década de 1990, os preços começaram a cair. Computadores mais baratos levaram a internet a áreas rurais de países em desenvolvimento: em 2003, computadores alimentados a pedaladas de bicicleta foram ligados a redes sem fio em lugares remotos da sia e da frica. As novas tecnologias propagaram o conhecimento ao redor do mundo, transformando o ensino a dist ncia e levando as ideias de liberdade e democracia até o interior de países totalitários. A censura internet foi implantada na China em 1998; na Coreia do Norte, uma internet própria controla estritamente o acesso informação: somente um punhado de professores ou funcionários do governo t m permissão para acessar a rede mundial de computadores.

Em 1994, surgiu o primeiro smartphone, que oferecia acesso internet através de telefones celulares. Com c meras anexadas aos telefones e notebooks, o palco estava montado para a disseminação da cultura popular no final do século, assim como a integração social através de sites como o Facebook e o ouTube, lançados em 2004 e 2005.

Nos ltimos anos do século 20, com a revolução nas comunicaç es e na internet, a globalização aumentou exponencialmente. Empresas, organizaç es internacionais e governos, por meio de computadores e redes mundiais de comunicação, podiam receber rapidamente uma grande quantidade de informaç es e compartilhá-las com um n mero cada vez maior de dirigentes. A aceleração e a intensidade das interaç es mudaram para sempre o modo como as

pessoas, organizaç es e governos lidam uns com os outros.

Sujos e Nocivos

Todas as naç es industrializadas do século 20 precisavam de fontes de energia. Em 1990, a Europa á consumia 15 milh es de barris de petróleo por dia. Os Estados Unidos, sozinhos, consumiam ainda mais: 17 milh es de barris por dia. Desse total, talvez tr s quartos eram usados como combustíveis: gasolina, diesel e querosene. No ano 2000, á havia 500 milh es de automóveis no mundo.

Os choques do petróleo da década de 1970 forçaram os países do Ocidente a reduzir a depend ncia do petróleo produzido no Oriente Médio. Países do norte da Europa descobriram reservas no Mar do Norte, enquanto os Estados Unidos começavam a desenvolver, a sério, a tecnologia de fraturamento hidráulico de xisto betuminoso, que se tornaria generalizada e controversa no século seguinte. O gás natural começou a fluir de novos campos no Oriente Médio. A depend ncia de combustíveis fósseis se tornou, novamente, um problema com o choque do petróleo de 1990, quando os preços se elevaram durante a Primeira Guerra do Golfo, encora ando grandes empresas a desenvolverem fontes alternativas de energia.

Além das quest es econômicas, surgiu outro problema relacionado ao uso de petróleo, gás natural e carvão: esses combustíveis produzem um efeito estufa na atmosfera, o que contribui, segundo a maioria dos estudiosos, para o aquecimento global e as mudanças climáticas. Desde a década de 1850 e a Revolução Industrial, queimamos carvão em fábricas e usinas de energia. Um subproduto da queima é o dióxido de carbono (CO2), também conhecido como gás carbônico, além de outros tipos de gases-estufa. Segundo cientistas contempor neos, esses gases acumulam-se na atmosfera como uma espécie de cobertor térmico, absorvendo o calor irradiado da Terra e o enviando de volta, aquecendo, assim, o planeta. Como as plantas absorvem gás carbônico, o desmatamento, principalmente nas florestas pluviais da Amazônia, também contribui para o efeito estufa.

Na década de 1960, foi sugerido que a terra estava se tornando mais quente devido s atividades humanas. Cientistas alegavam que as provas eram as temperaturas em elevação, o encolhimento das geleiras e dos bancos de gelo marítimo, o aquecimento dos oceanos, o aumento dos níveis dos mares e as extremas variaç es climáticas tudo isso verificado na segunda metade do século. No ano 2000, a Terra estava cerca de 0,7 C mais quente do que em 1900. O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em

ingl s universalmente aceita) previu para o ano de 2100 uma elevação de temperatura entre 2 C e 3,5 C. Cientistas t m alertado que o aquecimento global pode provocar inundaç es em áreas mais baixas, além de sérios problemas na frica subsaariana e outras regi es pobres, com recursos escassos para se adaptar s mudanças climáticas.

Limpando a Área

Em 1985, a *ainbo arrior* (Guerreiro do Arco-Íris), nau capit nia do grupo ambientalista Greenpeace, foi afundada na Nova el ndia por agentes secretos franceses, antes que pudesse zarpar para protestar contra os testes nucleares da França no oceano Pacífico. Um integrante do Greenpeace morreu. Foi o pior incidente nas relaç es entre ambientalistas e governos, e exemplifica como muitos países não reconhecem os problemas ambientais.

Com a lentidão, proposital ou não, dos governantes para entrar em ação, empresas de energia e transportes negavam que houvesse algum problema climático ou que a industrialização fosse a causa; mas, em 1995, o IPCC informou: A comparação de dados sugere evidente influ ncia humana no clima global.

No início, parecia que a nica forma de se evitarem desastres ecológicos era draconiana: interromper as atividades que emitissem gases-estufa. Mas poucas pessoas no mundo ocidental estavam dispostas a abrir mão de seus carros, de suas férias em lugares distantes ou do consumo de eletricidade. E quase ninguém nos países em desenvolvimento abriria mão do dese o de possuir qualquer dessas coisas.

Felizmente, a tecnologia parecia oferecer uma solução. Embora os ambientalistas estivessem clamando por fontes de energia renováveis e sustentáveis havia décadas, o verdadeiro impulso para o desenvolvimento de painéis solares (amplamente disponíveis desde os anos 1970) e estaç es eólicas (a primeira delas foi construída nos Estados Unidos em 1980) foi a necessidade de se encontrarem alternativas para o petróleo. O primeiro automóvel elétrico foi lançado em 1990. Além disso, embora controversa, a energia nuclear também foi proposta como alternativa aos combustíveis fósseis.

Tecnologias ainda em desenvolvimento incluem o hidrog nio como combustível, combustíveis sintéticos e modos de se retirar CO2 da atmosfera, assim como o aperfeiçoamento na extração de petróleo e gás natural para que os estoques durem mais.

De Paris para o Futuro

Em 1992, a primeira Confer ncia das Naç es Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, mais conhecida em portugu s como ECO-92, foi realizada no Rio de Janeiro. Outro encontro realizado em 1997, na cidade de Kyoto, no Japão, produziu o Protocolo de Kyoto, que estabeleceu limites para a quantidade de gases-estufa que cada país signatário poderia produzir. Entretanto, como reduzir as emiss es de CO2 seria algo muito dispendioso, os Estados Unidos, o maior emissor mundial de gases-estufa, na época, se recusaram a assinar o documento.

Contudo, em 2015, os Estados Unidos e a China, os maiores poluidores, aceitaram o Acordo de Paris para limitar o aquecimento global, que propôs a emissão zero de gases-estufa até o final do século 21.

Em 1º de unho de 2017, os EUA anunciaram que deixariam o acordo. (N.T.)

Globalização do Comércio

Embora o colonialismo praticado na primeira metade do século tenha estabelecido um sistema de comércio global, este era baseado na acumulação de riquezas mediante um balanço de pagamentos positivo (mais exportaç es que importaç es). O sistema de livre-comércio (fronteiras abertas para mercadorias, sem taxas de importação e outras barreiras), promovido pela Organização Mundial do Comércio (OMC), incrementou significativamente o comércio internacional e era adotado, em grande parte do mundo, ao final do século.

No ano 2000, acordos comerciais entre pares de países estavam sendo estendidos a grupos maiores. Na América do Norte, em 1994, um acordo comercial entre o Canadá e os EUA evoluiu para se tornar o Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio (NAFTA, na sigla em ingl s mundialmente aceita) entre esses dois países e o México. No mesmo ano, 34 países das Américas do Norte, Central, do Sul e do Caribe, exceção de Cuba, propuseram a criação de um grupo mais amplo, a rea de Livre-Comércio das Américas (ALCA), cu as negociaç es ainda estão em andamento.

Outras áreas de comércio regional incluem a Organização da Unidade Africana, estabelecida em 1963, em parte, para se opor ao colonialismo, tendo sido substituída pela União Africana em 2002; a Associação de Naç es do

Sudeste Asiático (ASEAN, na sigla em ingl s mundialmente aceita), estabelecida em 1967; e a Cooperação Econômica sia-Pacífico (APEC, idem), em 1989, para os países da orla do oceano Pacífico.

Fronteiras para Pessoas

Outra tend ncia do século 20 foi a abertura das fronteiras para pessoas que vivessem no mesmo grupo de naç es; por exemplo, entre os membros da União Europeia (UE) ou entre os cidadãos da Nova el ndia e da Austrália. A abertura das fronteiras ense ou fluxos de mão de obra e, no ano 2000, muitas pessoas ganhavam a vida em lugares distantes de seus países de origem, o que se tornou possível graças aos modernos meios de transporte e comunicação.

No entanto, a imigração ilegal também foi uma característica marcante do século, principalmente da frica para a Europa, da América do Sul e Central para os Estados Unidos, e da sia para a Austrália. Entre os imigrantes ilegais estavam os que fugiam de guerras e da fome, e os que procuravam emprego e uma vida melhor.

A imigração se tornaria um dos maiores tópicos de discussão no século 21, quando os conflitos na frica e no Oriente Médio provocaram a fuga de milh es de pessoas para a Europa, numa crise amais vista desde as migraç es em massa pós-Segunda Guerra Mundial.

Deslocamentos de Poder

No início do século 20, países europeus dirigidos por elites aristocráticas constituíam uma força dominante, mas ao longo do século a posição da Europa foi declinando. Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos, democraticamente governados, tornaram-se a primeira superpot ncia mundial, logo seguidos pela URSS. Ao final do século, a China despontou como um gigante econômico, com influ ncia no cenário mundial. O equilíbrio de poder mudou e ainda continua mudando.

Outra mudança ao longo do século 20 envolveu a formação de grupos supranacionais, baseada mais em similaridades econômicas propriamente ditas do que nos círculos dinásticos que caracterizaram os tratados anteriores a mudança de um mundo de estados-naç es desiguais para uma rede de federaç es e alianças políticas, sociais e econômicas. Esses agrupamentos, que transcendem as fronteiras nacionais, podem mostrar-se mais permanentes; no final do século, porém, á começavam a surgir diferenças internas que poderão corroer a coesão

internacional. O n mero de imigrantes que tentavam entrar em países da União Europeia, por exemplo, estava colocando em risco o Acordo de Schengen, que aboliu os postos de controle nas fronteiras entre alguns dos países da UE.

Sai o Velho… Entra o Novo

O colonialismo floresceu no século 20, e definhou quando a maioria das grandes pot ncias coloniais reconheceu que suas colônias tinham direito   independ ncia e   autodeterminação.

O grande experimento ideológico que foi o comunismo medrou e morreu na R ssia e na Europa Oriental. Enquanto o comunismo desmoronava na União Soviética, alguns homens de negócios na nova Federação Russa abraçavam o capitalismo com tanto entusiasmo que se tornaram os novos oligarcas, bilionários das novas ind strias privatizadas da R ssia. Alguns antigos Estados soviéticos foram assimilados pela União Europeia; outros, como a Chech nia, vivenciaram violentos conflitos étnicos.

No final do século, o comunismo começou a evoluir para algo novo na China,   medida que o país tentava se adaptar ao agora dominante sistema econômico capitalista.

Desigualdade e Direitos

O comunismo floresceu quando as massas, vivendo em extrema pobreza, reagiram a uma distribuição desigual de riquezas. Embora a pobreza extrema tenha diminuído muito no mundo desenvolvido ao longo do século 20, a desigualdade econômica em países como o Reino Unido começou a aumentar novamente nas ltimas décadas do século. Nos países em desenvolvimento, a pobreza e a riqueza extremas perduraram, com 20   da população mundial ainda vivendo sem eletricidade. E, embora as tecnologias médicas tenham a udado a prolongar a vida das pessoas nos países ricos, cerca de 23 milh es de africanos sem acesso a tratamentos de sa de, no início do século 21, estavam condenados a morrer de AIDS. Na década de 1990, em torno de 6 milh es de pessoas morriam de inanição anualmente, mas, no início do século atual, 650 milh es ainda não disp em de água potável.

O conceito de direitos humanos, que evoluiu durante o século no mundo desenvolvido, serviu para proteger por lei crianças, mulheres e minorias, enquanto criminosos de guerra eram processados por tribunais internacionais. Dois dos aspectos mais positivos da globalização foram a fundação das Naç es

Unidas, para incrementar a cooperação internacional, e a rápida resposta de ag ncias de assist ncia humanitária, financiadas por governos e doaç es de indivíduos, a desastres e violaç es de direitos humanos em todas as partes do mundo.

Palavra Final

De muitas formas, o século 20 foi um século de guerras. Dois devastadores conflitos mundiais, incluindo o Holocausto, foram seguidos por sangrentas guerras civis, aç es militares localizadas e genocídios na Iugoslávia e em Ruanda, para citar apenas dois. Muitas das guerras refletiram dois dos assuntos inquietantes do século: o nacionalismo militante e o aumento do terrorismo.

medida que o século 21 começou a se desenrolar, a sensação de otimismo e confiança que estava presente no início do século tornou-se menos evidente. Novos problemas surgiram. Muitas pessoas temiam que o petróleo que desempenhou papel crucial nos assuntos econômicos, á que movia a maior parte do mundo desenvolvido estivesse escasseando, enquanto a energia nuclear foi alvo de controvérsias desde o desastre de Chernobil. Muitos cientistas acreditavam (e ainda acreditam) que o aquecimento global acarretaria mudanças climáticas. O terrorismo teria um desdobramento particularmente horrendo em 2001, com o 11 de Setembro nos Estados Unidos, que levou o Presidente George W. Bush a declarar a Guerra ao Terror. O nacionalismo continuaria a provocar conflitos, como na Ucr nia, por exemplo. Até mesmo a Primavera rabe movimento inspirado por ideais de democracia e mudanças positivas ense aria desastrosas guerras civis na Líbia e na Síria. Houve também sinistros vaticínios de hostilidades econômicas entre os Estados Unidos e a China, além da Índia e outras naç es emergentes.

O século 20 trouxe segurança e democracia para muitas pessoas, e, em alguns países, um padrão de vida que sequer poderia ser sonhado por nossos ancestrais do século 19. A internet contribuiu para propagar ideias, educação, notícias e cultura, enquanto a explosão das mídias sociais, que ainda engatinhavam no final do século, transformaria, no atual, o modo como as pessoas comuns interagem umas com as outras aquém e além das fronteiras nacionais. Novas redes globais se tornaram disponíveis a terroristas e outros indivíduos com interesses malignos (pedofilia, por exemplo), mas também contribuíram para a paz, o progresso e a promessa de um futuro melhor para o mundo inteiro.

BIBLIOGRAFIA

Alexievich, Svetlana, *Chernobyl rayer*, Penguin, 2016.

Bainton, Roy, *Brief istory of ussia s ear of evolution*, Robinson, 2005.

Chalton, Nicola e Meredith MacArdle, *hist ria da i n ia para ue te pressa*, Rio de Janeiro: Valentina, 2017.

Davies, Norman, *urope istory*, Oxford University Press, 1996.

Duffy, N. M., *The 20th Century*, Blackwell, 1974.

Evans, A. A. e David Gibbons, *The Co pa t Ti eline of orld ar* , Worth Press, 2008.

Ferguson, Niall, *pire o Britain Made the Modern orld*, Penguin, 2004.

Figes, Orlando, *eople s Tragedy The ussian evolution - 2* , Londres: Jonathan Cape, 1996.

Howard, Michael e Wm. Roger Louis (Eds.), *The xford istory of the T entieth Century*, Oxford University Press, 1998.

Howe, Stephen, *pire ery Short ntrodu tio*n, Oxford University Press, 2002.

Kershaw, Ian, *To ell and Ba k urope -* , Penguin, 2016.

Lowe, Norman, *Mastering Modern orld istory*, Palgrave Macmillan, 2013.

MacArdle, Meredith, *The Ti eline istory of China*, Worth Press, 2007.

MacArdle, Meredith, Nicola Chalton e Pascal Thivillon, *The Ti e hart istory of evolutions*, Worth Press, 2007.

Marr, Andrew, *istory of the orld*, Macmillan, 2012.

Massie, Robert K., *readnought Britain er any and the Co ing of the reat ar*, Vintage, 2007.

ational eographi ye itness to the 20th Century, National Geographic Society, 1998.

Nicolson, Colin, *ong an Co panion to the irst orld ar urope* – , Routledge, 2001.

Overy, Richard, *Collins tlas of 20th Century istory*, Collins, 2005.

. *20th Century*, Dorling Kindersley, 2012.

. *The i tators itler s er any Stalin s ussia*, Penguin, 2005.

Pakenham, Thomas, *The S ra ble for fri a*, Londres: Abacus, 1992.

Taylor, A. J. P., *The Struggle or Mastery in urope* – , Oxford University Press, 2001.

Tuchman, Barbara, *The uns of ugust*, Penguin, 2014.

. *The roud To er*, Macmillan, 1980.

SOBRE AS AUTORAS

NICOLA CHALTON escreveu e editou diversos livros, inclusive uma série sobre história da ci ncia e da filosofia: *hilosophers They Changed the orld* e *S ientists They Changed the orld*. Juntamente com o marido, dirige uma pequena editora em North orkshire, Inglaterra.

MEREDITH MACARDLE é escritora e editora. Mora em Londres. Escreveu as cronografias da série Ponderables. também autora de *The Ti eline istory of China* e *The Ti eline istory of the Middle ges*.

Juntas, escreveram também o best-seller *ist ria da Ci n ia para ue Te ressa*.

Sumário

A história do mundo para quem tem pressa

Marriott, Emma
9788565859523
200 páginas

Compre agora e leia

Um livro essencial para quem é fascinado pela História do

Mundo. É um desafio e tanto resumir mais de 5 mil anos de história em apenas 200 páginas, mas é exatamente isso o que este audacioso livro conseguiu. A História do Mundo para Quem Tem Pressa é na verdade um guia sintético, mas abrangente, para tudo o que precisamos saber sobre os acontecimentos mais importantes da história, desde as antigas civilizações até o final da Segunda Guerra Mundial e a criação da ONU. Quer esteja interessado no império de Alexandre, o Grande, ou no florescimento da república cartaginesa e sua destruição por Roma; na ascensão dos califados árabes ou na dinastia Tang, da China; na Guerra Civil Norte-Americana ou na emancipação das mulheres, você encontrará os fatos essenciais neste livro igualmente essencial. Conciso, agradável de ler e elegantemente simples, mas abalizado, A História do Mundo para Quem Tem Pressa permite que o leitor compreenda a interconexão do tempo e dos acontecimentos. Finalmente, uma síntese da história que não deixa pedra sobre pedra e nos ensina como o mundo moderno se tornou o que é. > Mais de 54 séculos de história mundial, de 3.500 a.C. a 1945; > Disposto cronologicamente e subdividido em áreas — Europa, Américas, Oceania, Oriente Médio e Extremo Oriente; > Contém lista de mapas de impérios, civilizações e guerras, que auxiliam no entendimento e visualização das transformações ocorridas no mundo; > O guia essencial para qualquer pessoa que deseje entender como se formou o mundo moderno.

como O Diário de Anne Frank, A Lista de Schindler e O Menino do Pijama Listrado. Uma obra inesquecível, um novo marco na historiografia sobre o nazismo e o holocausto, um raro e fascinante mergulho na Segunda Guerra Mundial pelo olhar de um menino soldado. "Afinal, o que fica para um homem, além da sua honra... e da coragem de viver por ela?" Julian Kulski Em 1o de setembro de 1939, a Alemanha invade a Polônia. É o início da Segunda Guerra Mundial. Em poucos dias, Varsóvia se rende aos alemães, soldados poloneses depõem suas armas, a cidade já é um amontoado de escombros. Julian Kulski é um menino polonês de apenas 10 anos de idade. Filho do vice-prefeito de Varsóvia, escoteiro ousado e entusiástico, ele tem a firme convicção de que deverá lutar contra o Invasor. A cor da coragem é o diário de Julian Kulski, a história de seu amadurecimento durante os cinco anos da brutal ocupação alemã. Diferentemente do diário de Anne Frank, narrado a partir da sua clausura no esconderijo de um prédio em Amsterdã, o de Julian Kulski se passa nas ruas de Varsóvia, no front, no combate cara a cara com o inimigo, no infame Gueto onde se encontram seres humanos famintos, desesperados e doentes à mercê de todo tipo de tortura, do enforcamento, do fuzilamento, da câmara de gás... "Este diário, escrito com o coração e pela mão de um adolescente, nos proporciona uma visão única e comovente da Segunda Guerra Mundial". Lech Walesa, Prêmio Nobel da Paz

A história do Brasil para quem tem pressa

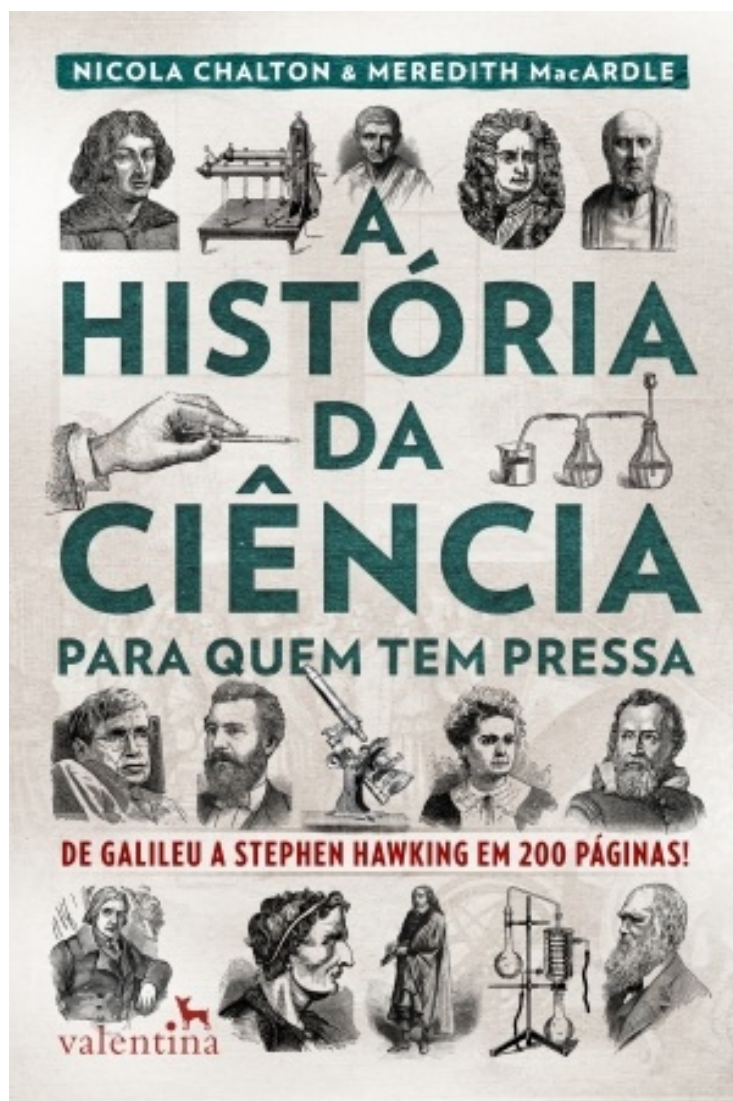
Costa, Marcos

9788558890137

200 páginas

Dos bastidores do descobrimento à crise de 2015 em 200 páginas! Ilustrado e didático, um livro essencial para todos que procuram um ponto de partida para se aprofundar na história do Brasil. Diz o poeta alemão Bertold Brecht: "De nada vale partir das coisas boas de sempre, mas sim das coisas novas e ruins. " Seguindo tais conselhos, A História do Brasil para Quem Tem Pressa faz uma digressão sobre a história do país para tentar compreender o tempo presente e responder a algumas perguntas essenciais: • Por que, do ponto de vista político, o Brasil ainda é um país muito frágil? • Por que a nossa imensa riqueza natural não se reverte em um estado de bem-estar social universal? • O que estava por trás da viagem que trouxe Cabral ao Brasil? • Por que o território foi dividido em Capitanias Hereditárias? • Por que fomos a última nação do mundo ocidental a abolir de forma oficial o trabalho escravo? Além de responder a essas perguntas, Marcos Costa trata também de outros temas essenciais da nossa história: os verdadeiros milagres brasileiros -- a cana-de-açúcar, o café e o ouro; a abdicação de D. Pedro I; a Guerra do Paraguai; o papel de D. Pedro II e da Princesa Isabel no cenário da futura República; a República do Café com Leite; a Inconfidência Mineira; a Revolução de 1930; o Estado Novo; a morte de Getúlio; a ascensão de JK; Jango e o golpe militar de 1964; o milagre econômico; o movimento das Diretas Já; FHC e o Plano Real; Lula e o PT no poder.

CELSO SABADIN
A história do
CINEMA
para quem tem pressa
DOS IRMÃOS LUMIÈRE AO SÉCULO 21 EM 200 PÁGINAS!
valentina

A palavra pressa é o particípio passado, em latim, do verbo premere (apertar). Assim, pode-se dizer que A História do Cinema para Quem Tem Pressa se propõe a contar uma das maiores sagas do século 20 (e deste início do 21) para quem precisa apertar o passo ou está apertado de tempo. E quem não está? Em 200 páginas, contextualizado com cada momento histórico, e escrito em linguagem clara e acessível, Sabadin traça um panorama do cinema – linguagem que há mais de um século revoluciona nossa maneira de ver a vida –, desde a época em que seus inventores nem sabiam direito o que fazer com ele, até os dias de hoje, quando movimenta bilhões de dólares pelos cinco continentes. A obra passeia com desenvoltura pelos principais "ismos" cinematográficos do mundo – Impressionismo, Expressionismo, Surrealismo, Realismo, Neorrealismo etc. –, ao mesmo tempo que conta como nasceu Hollywood, o que aconteceu quando os filmes começaram a falar, por que os alemães inventaram o filme de terror, por que os detetives do cinema usam capa e chapéu, como as duas Guerras Mundiais mudaram os filmes, por que o cinema francês é tão papo-cabeça, como a chegada da televisão mudou tudo, o que afinal é um blockbuster, onde entra o Brasil nessa história toda, e muitos outros temas e curiosidades sobre a chamada Sétima Arte. Só não explica que loucura é essa que nos faz tão apaixonados pela telona e pelo escurinho. Para isso, seria necessário outro livro. Aí sim, sem pressa.

A história da ciência para quem tem pressa

Chalton, Nicola
9788558890489
200 páginas

[Compre agora e leia]

2.500 anos de descobertas — os feitos dos grandes cientistas, desde os tempos antigos até a era moderna. Desde os tempos antigos, homens e mulheres de brilhante intelecto tentam entender o universo observando muito além da capacidade de ver ou mesmo tocar — de minúsculos átomos às mais distantes estrelas. A História da Ciência para Quem Tem Pressa é um guia essencial para o leitor que deseja conhecer os resultados de milhares de anos de atividades e esforços na área da ciência. É uma obra que resume, em ordem cronológica, as principais descobertas dos mais fecundos pensadores, entre os quais podemos citar Aristóteles, Arquimedes, Lavoisier, Fibonacci, Darwin, Da Vinci, Curie, Turing, Edison, Euclides, Newton, Einstein, Pasteur, Kepler, Copérnico e Hipócrates. O livro destaca também, em sintéticas biografias, a vida e os trabalhos dos cientistas que mais influenciaram nosso planeta. Nele, o leitor saberá, entre muitas outras coisas superinteressantes, que Ptolomeu teve que corrigir certo aspecto de suas convicções para se harmonizar com suas teorias; que Freud usava cocaína em suas sessões de atendimento psicoterápico para "expandir" a própria mente; e que Tim Berners-Lee, o inventor da WWW, foi proibido de usar os computadores da sua universidade depois que descobriram que ele estava hackeando o sistema. Também com o objetivo de demonstrar que a curiosidade humana não tem limites, esta obra apresenta os experimentos que ousaram contestar "verdades" consagradas e cujas teorias mudaram a nossa forma de ver o mundo. Para sempre.